L. A. Palmeirim

GALERIA
de
Figuras portuguezas

Abel Botelho

Romances do Patologia Social

I — Barão de Lavos.
II — Livro d'Alda.
III — Amanhã.
IV — Fatal Dilema.
V — Próspero Fortuna.
Sem remédio, romance.
Os Lázaros, romance.
Mulheres da Beira, contos.
Amor Crioulo, novela.

Alfredo Varela

Revoluções cisplatinas—A República Riograndense, 2 grossos volumes com gravuras.

Augusto Casimiro

Sidónio Pais, notas sôbre a intervenção de Portugal na grande guerra.

Basilio Teles

Problema Agrícola.
Estudos históricos e económicos.
Carestia da vida nos campos.
Problema do trabalho Nacional.
Do ultimatum ao 31 de Janeiro; esbôço de história política.
O livro de Job.
Prometeu Agrilhoado.
A guerra, opinião sôbre o conflito europeu.
Agricultura e tributo, no prélo.
Figuras portuguesas — Pedro Alvares Cabral; Vasco da Gama; D. Francisco de Almeida; Fernão Magalhães, no prélo.

...abela em vigor.
...es vendem-se egualmente en-

João Grave

Os Famintos.
A Eterna Mentira.
O Ultimo Fauno.
O Passado.
Gente Pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória do Parsifal.
Paixão e morte da Infanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem.
Amor cruel.
Almas inquietas.
Fogueiras de S. João, cantares.

João de Barros

Terra florida, poema.
Energia brasileira.

João do Rio (Paulo Barreto)

Cinematógrafo (crónicas cariocas).
Os dias passam.

José Caldas

Os Humildes.
Os Jesuítas (sua influência na actual sociedade portuguesa, meios de a conjurar).
História de um fogo morto, subsídios para uma história nacional.

Casimiro de Abreu

As Primaveras, nova edição.

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.

GALERIA DE FIGURAS
PORTUGUEZAS

GALERIA

DE

FIGURAS

PORTUGUEZAS

A POESIA POPULAR NOS CAMPOS

POR

L. A. PALMEIRIM

A lareira — A lavadeira d'Alfama — O barão — A senhora visinha — O trapeiro — O amor livre — O Feliciano das seges — A adega do convento — As hortas — O sapateiro de escada — Os criticos — O conselheiro — O fadista — O broeiro — A gaita gallega — O José das Caixinhas — O barbeiro da aldeia — A inculcadeira — O visconde — As touradas — As boas festas — O politico — O namoro da janella abaixo — Um casamento nos saloios — As autonomias — O gallego — O gaiteiro — Um drama sacro em S. Christovão de Mafamude — O andador das almas — Um pleito singular — O cyrio da consolação — O vendilhão de folhinhas e almanachs.

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

Ernesto Chardron — Editor

PORTO E BRAGA

1879

Porto: 1879 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

A

Antonio Florencio dos Santos

Director da Escóla Academica

Em testemunho de reconhecimento
pela solicitude
com que tem dirigido a educação de seus filhos

Offerece

O author.

Amigo.

Dirigir a educação dos filhos proprios é um dever: encaminhar a dos alheios um sacerdocio.

Entre o dever, grato sempre ao coração de quem o cumpre, e o sacerdocio que por ser espontaneo se lhe avantaja, a gratidão da infancia pende instinctivamente para este.

No offerecimento que d'este livro faço ao meu amigo procuro apenas tornar publico um bom sentimento que a infancia quer, mas não sabe exprimir.

Mais tarde talvez aquelles que eu hoje represento possam e saibam desobrigar-se de uma divida que é de familia.

E' esse pelo menos o desejo de quem se confessa ser

seu amigo e muito obrigado

O author.

Este livro não tem pretensões ambiciosas. Não resolve nenhum problema social, nem sequer aspira ás honras do paradoxo, meio hoje seguro de attrahir as attenções de um publico faminto de excentricidades, embora das que o bom senso condemna como desvios da sobriedade que deve caracterisar o bom gosto litterario.

Este livro é innocente, apesar de ter pontos de contacto com a satyra. Era impossivel deixar de ser assim. Um observador de costumes não póde, ainda que o deseje, eximir-se completamente a pôr em evidencia os ridiculos da época em que vive: o que póde é fazel-o sem azedume, e sem individualisação. A satyra pessoal é sempre offensiva; a geral, essa critíca cousas, fazendo por esquecer as pessoas.

Julgamos necessarias estas declarações em frente de um livro modesto, que mira unica e exclusivamente a ser portuguez, no fundo e na fórma.

GALERIA DE FIGURAS PORTUGUEZAS

A LAREIRA

> **Não há taes memorias de tanto deleite**
> **por onde a vontade melhor se espreguice,**
> **como as que recendem os beijos e leite**
> **de nossa apartada feliz menicice.**
>
> **A. F. DE CASTILHO.**

A lareira é o espelho que reflecte a vida intima do povo.

É á lareira que o braço toma vigor para o trabalho, e o coração rejuvenesce para o amor da patria. É á lareira que a infancia folga, ouvindo contar os contos das eras que vão passadas, e a velhice se reanima recordando os casos do seu tempo.

A idéa nova, grande, cosmopolita, a que de seculos a seculos remexe e refunde as sociedades, é do dominio do jornal, do livro, da propaganda nas suas multiplices e variadas fórmas. A idéa que se volve saudosa para o passado, recompondo a historia pela tradição, é a que se aquece ao brazido da lareira, a que da vida domestica tira a força para os commettimentos audazes da vida exterior.

A lareira é a familia.

A familia o primeiro élo da nacionalidade de um povo. As nações em decadencia refugiam-se na lareira: é alli que a vida nacional se retempera, e se santifica o horror á dominação estrangeira.

Sem a consagração do lar não ha heroe, nem poeta, nem legislador. É pela tradição oral, mais do que pelas narrações archivadas no pergaminho, que se conservam os feitos dignos de memoria.

A verdadeira philosophia da historia está na lenda. Os factos, nascendo e reproduzindo-se sem ordem cançam e illudem as cogitações do pensador. Preciso é para que a historia os agrupe, e d'elles deduza as suas consequencias logicas, que o povo os tenha conservado no sacrario das suas memorias de familia, e d'ellas haja feito a sua chronologia domestica.

A engenhosa ignorancia do povo faz da historia o calendario dos factos da sua vida intima.

Um cataclysmo da natureza, um martyrio illustre, uma mudança de instituições, ás vezes um simples caso notavel da vida dos reis, tudo serve ao povo para precisar e poetisar a tradição, sem a desnaturar. A lareira é a alliança da historia individual, com a historia geral das nações.

Um homem do povo, que não souber lêr, se lhe perguntarem a idade, o estado, a profissão, responderá por exemplo, que tinha dez annos pela primeira invasão dos francezes, que casou depois da vinda de D. João VI do Brazil, que deu baixa do serviço militar quando foram as fogueiras do campo de

Sant'Anna [1]. Sabe de si o que sabe da historia patria. Allia as proprias recordações aos factos da vida publica que mais lhe impressionaram o espirito, confundindo-os na mesma narrativa, identificando-os, consagrando-os na mesma desambiciosa phrase que lhe é habitual.

Quanto mais um povo gira fóra da orbita dos grandes acontecimentos contemporaneos, ou mais experimentado foi por grandes infortunios, mais elle se nacionalisa á lareira, mais se vinga do abatimento e da oppressão actual, invocando saudoso as recordações de melhores tempos.

Vêde a Polonia. Abatida, oppressa, retalhada, ora por um esforço heroico se levanta á voz de Kosciusko, o immortal patriota, para cahir em seguida nas masmorras frigidas da Siberia: ora resignada, mas sempre crente, invoca no silencio dos seus lares devastados pela guerra, as velhas tradições nacionaes, e com ellas se alenta esperando o grande dia da emancipação! Nas florestas sombrias e melancolicas da Lithuania abriga-se ainda fervido o amor á terra natal. É a crença ingenua nos milagres que leva os aldeãos ignorantes da Polonia a jurar perante os magistrados russos *terem visto distinctamente no céo um grande exercito que partia d'oeste e se dirigia para o norte!*

[1] Allude-se ao supplicio dos camaradas de Gomes Freire em 1817.

Esta dupla vista dos povos é o privilegio que Deus na sua infinita bondade concede aos que soffrem na terra, deixando-lhes antecipar os tempos pelo ante-gozo das prophecias.

Em nenhum periodo da nossa accidentada historia patria, a lareira foi mais o echo do sentimento nacional que durante o periodo de captiveiro dos sessenta annos. A nossa poesia legendaria nasceu no mesmo dia em que as areias ardentes d'Africa devoravam o cadaver do rei aventuroso. As quinas cobertas de luto depois da batalha de Alcacer-Kibir, eram desde logo saudadas triumphantes pelas prophecias populares. A restauração de 1640 já a lareira a festejava em 1580 nas trovas mysticas dos conventos, ou nas rimas ingenuamente videntes dos cantos populares.

Do governo aspero e sombrio de Philippe II e dos seus successores, appellava o povo portuguez para o futuro reinado do «Desejado». No cognome dado ao rei que ficára sepulto em Alcacer, estava resumida a resistencia passiva da nação á dynastia intrusa dos Philippes.

Que o sapateiro de Trancoso fosse ou não fosse o author das trovas, que entretiveram vivo o sentimento nacional, emquanto os netos de Carlos V empolgavam o sceptro dos nossos reis naturaes; o que é verdade é ter-se conservado no povo, vivo o sentimento da independencia promettida em enigmaticas prophecias, em que alguns tem querido vêr a flexi-

bilidade das maximas da Companhia de Jesus, expressas pela bocca do padre Antonio Vieira, um dos seus mais illustres ornamentos.

Quando no começo d'este seculo, as aguias francezas eram dirigidas no vôo para este canto da peninsula, e que a familia real portugueza, transpondo os mares, deixava ao abandono o reino a que chamava seu, foi do recanto da lareira que sahiram os soldados bisonhos do Vimeiro, mais tarde transformados nos aguerridos veteranos do Bussaco.

As trovas dos jesuitas, ou do sapateiro de Trancoso, portuguezes foram uns e outro, haviam, rejuvenescidas e amoldadas ás circumstancias de então, tomado posse do animo e das crenças populares. O snr. D. João VI, pouco vasado no molde dos heroes, foi o «Desejado» de 1808 a 1814.

A poesia, que tem o condão de engrandecer todos os assumptos, fizera do principe expatriado o alvo dos seus sonhos patrioticos. Os generaes francezes, contando com a possivel resistencia armada do paiz, tiveram a leviandade de não contar com a lareira. A cada proclamação de Junot que ninguem lia, correspondia uma trova ageitada aos tempos, que todos decoravam. Quando lord Wellington, depois julgava commandar simples soldados, conduzia aos combates o sentimento nacional, incolume pela tradição, e robustecido pela fé nas prophecias.

O cavallo branco em que, segundo a lenda, D. Sebastião devia vir montado da ilha Encoberta, fôra substituido pela nau em que o futuro e contrafeito

protogonista da Villafrancada era saudosamente esperado das terras de Santa Cruz!

O generalissimo inglez, como nos contos phantasticos allemães, vencia batalhas com a sombra de um rei que arrumára o sceptro como uma insignia compromettedora da sua tranquillidade pessoal.

Contra a lareira, refugio de quem já nada póde, ou de quem ainda não póde nada — a velhice e a infancia — vieram quebrar-se os esforços de tres dos mais gigantes generaes do primeiro imperio francez.

A nossa pacifica Marselheza foi a prophecia! Oliveira decotada pelo sabre deixa de ser um symbolo de paz. A devastação em roda da lareira é o signal da ira celeste, ou o indicio do pé do estrangeiro que profana o sólo da patria. Quando é Deus que nos castiga, aplaca-se-lhe a colera orando. Quando é o orgulho dos homens que nos avexa, a lareira transforma-se em antro de leões, e a enxada que de vespera era um innocente instrumento de trabalho, o laborioso ganha-pão da familia, transforma-se no gladio vingador das injustiças, na defensora natural dos aggravos populares.

Nos nossos dias a Irlanda está sendo ainda a demonstração viva do poder quasi sobrenatural da lareira. A personificação do sentimento nacional dos irlandezes foi O'Connell, mas a inspiração d'elle nascia do rancor popular dos seus compatriotas, conservado e aquecido pela tradição religiosa. A Inglaterra é o Golias das nações modernas, mas ainda assim

a Irlanda não tira da funda a pedra com que tenta e espera derribar o gigante.

A lareira, quasi sempre echo e reflexo do passado, é tambem ás vezes luz e guia do presente, quando a meditação a elle se acolhe, fugida aos baldões da praça publica, e ás vozerias descompostas de mesquinhos e mundanos interesses.

Foi no retiro silencioso da Ajuda que Alexandre Herculano delineou a severa figura do monge de Cister, e casou a sua alma ardente com as cogitações grandiosas do *Eurico*. Foi n'aquelle seu quasi eremiterio que o profundo pensador traçou com mão segura as paginas austeras da *Historia de Portugal*, e esboçou com vigorosos traços os negros quadros da *Historia da Inquisição*.

Pertenci tambem ao numero dos romeiros, que uma vez por semana invadia reverente aquelle santuario do Mestre, e conservo ainda respeitoso a memoria do seu patriarchal acolhimento.

N'aquella modesta habitação da Ajuda, a lareira era luz e não reflexo. O facho, que nos alumiava a todos, estava firme e seguro n'aquella mão, que traçára as paginas mais caracteristicas da nossa nacionalidade litteraria. Para escrever os livros que Alexandre Herculano escreveu, preciso lhe era o remanso d'aquelle asylo, e o isolamento d'aquella solidão. A maioria dos escriptores contemporaneos denuncía nas suas obras, o contacto com o mundo turbulento e apaixonado em que vive, perdendo em

individualidade, o que ás vezes, nem sempre, ganha em universalidade.

Foi tambem á lareira, em S. Mamede da Castanheira do Vouga, que Castilho nacionalisou a sua musa, cantando a *Primavera,* escrevendo a *Noite do Castello*, e o poetico e vehemente monologo que se intitula: *Os Ciumes do Bardo.*

Foi n'um recanto da Beira, que Thomaz Ribeiro planeou, urdiu e deu vulto ao seu *D. Jayme.* Conhece-se ao lêr o poema, que o author ainda então não sahira do agasalho da lareira, para a vida tumultuosa, mas frouxa das capitaes.

Não queremos aqui fazer a critica litteraria do poema do illustre beirão. O que dizemos e sentimos, é que Thomaz Ribeiro, ao escrever o *D. Jayme,* aspirava a plenos pulmões as brizas alpestres da serra da Estrella, ou prestava attento o ouvido aos echos não distantes da cava de Viriato.

A Allemanha, que o mundo admirava já pelo avultado numero dos seus pensadores, antes de se ter posto em evidencia pelo troar dos seus possantes canhões, era, e é ainda agora, uma vasta lareira. Lêde os contos singelissimos de Toppffer, ou as narrativas populares de Henri Conscience, e dizei depois se foi ou não foi á lareira que aquelle grande povo se alimentou e preparou para o cumprimento da sua missão providencial.

N'um paiz de gloriosas tradições maritimas, como é Portugal, é tambem a lareira que poetisa o viver

nomada dos que confiam a vida á mercê das ondas e que lhes perpetua as acções dignas de nomeada.

Uma mal trabalhada Senhora da Bonança, ou uma tosca imagem da Senhora dos Milagres, são os deuses Lares da familia do expatriado, que corre os mares em demanda de melhor fortuna.

A lareira é, para a familia do navegante, mais do que lareira—é templo! Ás narrações melancolicas dos naufragios, feitas nas noites tempestuosas do inverno, intercala-se ou succede-se naturalmente a oração, rezada em voz baixa, e orvalhada de lagrimas, á Virgem que, no seu modesto oratorio de pau santo, é a protectora e o orago d'aquelle ninho, onde falta o braço vigoroso e o olhar vigilante do timoneiro.

Feliz o povo que sabe respeitar a lareira!

Nos dias de provação é d'ella que sahem os vingadores dos aggravos nacionaes, é d'ella tambem que sahe a pomba que se recolhe á arca trazendo no bico o ramo da oliveira.

A LAVADEIRA D'ALFAMA

A lavadeira d'Alfama não chega a ser um typo.

Como os monstros fabulosos que o paganismo inventou, consubstanciando n'elles as multiformes aberrações physicas da humanidade, assim a lavadeira d'Alfama representa e accumula o que o seu sexo póde ter de mais repellente — a angulosidade das fórmas — o ennovellado e confuso dos traços caracteristicos da mulher.

A axiomatica verdade de que a agua tudo lava tem um desmentido solemne na lavadeira d'Alfama, que nos andrajos revela a incuria do aceio, e na depravação da lingua denuncía a ausencia completa de todo o recato moral, o significado mais verdadeiro da timidez feminina.

O tanque das lavadeiras! Arredai para longe as vossas filhas se as tendes, para que os seus ouvidos

não sejam maculados pela injuria fremente, pela interjeição mal soante, pela praga medonha da mulher que, de mangas arregaçadas, e a saia em pregas entalada nos joelhos, além desincarda uma camisa de marujo, ou forceja por tornar branco o lençol que... Paremos ao descrever as agonias do moribundo.

Se gostaes, porém, de estudar a sociedade nas suas infimas camadas, aproximai-vos d'essas mulheres, que ora cantando buscam disfarçar o frio que lhes retalha as mãos gretadas, ora em descomposto vocabulario dilaceram entre si o que a cada uma d'ellas póde ainda restar de um antigo affecto, ou de uma velha virtude prestes a desabar.

Mães e esposas não as encontrareis n'aquelle conciliabulo de maledicencia. Ha trabalhos, tão arduos, provações tão rudes na vida da mulher do povo, temperatura sempre tão nociva em volta d'ella desde os primeiros annos da infancia, que, baixando continuamente, chega a descer abaixo de zero perante o inflexivel regulador a que se chama — a lei!

Se a lavadeira campezina tem a sua poesia natural, se acorda com os passarinhos que gorgeiam, e adormece ao murmurio do riacho crystallino que lhe falla de amores e de venturas; a reproba da classe, a lavadeira d'Alfama vê o mundo através de um diverso prisma, vê-o estreito e tortuoso como as ruas do bairro em que está condemnada a passar a vida.

A lavadeira nédia, roliça, córada, que nós todos conhecemos, que vem ás segundas-feiras de Bellas, de Loisa, de Loires ou do Sabugo, de bota alta e ca-

beça erguida, atraz do pacifico jumento que lhe conduz as alterosas trouxas de nevada roupa, nada tem de commum com as suas apocryphas collegas dos amplos e marasmaticos tanques d'Alfama.

Aquella sorri complacente e descuidada ao mocetão de varapau, que, coçando atraz da orelha, lhe vem conduzindo o burro e o coração; em quanto que esta só desentenebrece o pensamento quando algum pupillo da policia civil a convida a vir á taberna mais proxima sepultar o desconsolo em meia dóse de cachaça.

Aquella é a lavadeira florente e florida que nós vêmos chegar a casa pela paschoa, trazendo-nos o louro e o rosmaninho que nos ha-de verdejar as cozinhas á antiga portugueza; em quanto que esta se amofina e vocifera se a administração parochial lhe prohibiu queimar um Judas colossal, afeiçoado de antemão no bairro á imagem e semelhança do regedor da freguezia!

Que immenso contraste entre a lavadeira de *fóra da terra,* como nós dizemos, e a lavadeira alfacinha, toda ella prosa, toda ella encenrada, toda ella alvo da jurisdicção municipal!

A lavadeira de fóra da terra, quando se mette ao rio por fresca madrugada de maio, é espreitada entre as ramadas dos salgueiros por duzias de olhos avidos, que buscam devassar indiscretos os contornos gentis de uma perna feiticeira. A labutadora d'Alfama, quando o seu mister a fôrça a entrar n'agua, é apenas saudada pelo assobio insultante do gallego,

ou pelo chasco turbulento do rapazio que vai para a aula.

O lenço arrendado da noiva lava-o sorrindo a lavadeira das abas da serra de Cintra, seccam-no as brizas perfumadas vindas dos rosaes. A lavadeira d'Alfama cança os braços e a paciencia na improba tarefa de desinfectar o marotinho que resguardou durante tres mezes a calva d'uma capellista das visinhanças, e enxugam-no depois as lufadas do noroeste que varre providencialmente os miasmas d'aquelle bairro infecto.

É singularmente gracioso o trajo da lavadeira saloia, e lugubremente monotona a vestimenta que se pendura dos hombros resequidos da lavadeira d'Alfama. As côres garridas de que usa aquella, vão-lhe em harmonia com a alvura dos dentes e o rosado das faces: em quanto esta se amortalha livida no burel e na estamenha, que melhor nome não merecem as fazendas com que se resguarda das estações, e nos poupa a nós o desprazer da meditação.

Se Lisboa um dia se reconstruisse, depois do arrasamento prévio do bairro d'Alfama, que seria das lavadeiras?

Thema largo para vastas cogitações seria esta pergunta, se os varonis instinctos das expropriadas nos não estivessem dizendo para quanto ellas prestam e valem.

Salvo o devido respeito á Maria da Fonte, mytho que mereceu as honras de um hymno popular, de uma intervenção estrangeira e de um protocollo, a

lavadeira d'Alfama sente-se com valor para a imitar, e conhece em si tendencias para tudo... menos para ser mulher.

Com o coração duro como a pedra do tanque em que bate a roupa, as lagrimas, o melhor apanagio do seu sexo, são-lhe desconhecidas.

Quem ha que não tenha visto, e não haja rido ao vêr duas mulheres brigar? Pois quem gostar do pugilato feminino, acerque-se do tanque das lavadeiras, e ahi verá o para quanto lhes prestam as unhas.

A lavadeira rural cahe-nos em casa ás segundas-feiras com a pontualidade de um relogio; e afóra as cheias do inverno, que engrossam os rios e transformam em catadupas as levadas das ribanceiras, quasi sempre nos é nuncia e mensageira das boas novas que a natureza, prodiga de beneficios, leva aos que tratam e acariciam a terra.

A lavadeira d'Alfama, pelo contrario, repasta o espirito na contemplação dos desvarios sociaes, e é capaz de fazer de cór a estatistica de todos os infanticidios de que Lisboa tem sido theatro n'estes ultimos annos.

Por contemplação com a historia, que de certo me não pagará em tempo na mesma moeda, não quero pesquizar aqui de que tempera foram os figados da celebrada padeira de Aljubarrota: mas se sete castelhanos foram sete frangainhos nas mãos da patriotica heroina, quero crêr que igual numero de portuguezes não acobardaria os brios bellicosos de uma lavadeira d'Alfama.

A mulher que se enganou de sexo é para mim um phenomeno digno de estudo, mas com que de certo não sympathiso. Convenho em que a rosa tenha espinhos, porque é da sua natureza tel-os; mas quero-lhe tambem a côr que seduz e o perfume que enfeitiça. Sem isso não é rosa.

A mulher de tendencias e praticas varonis, tem os espinhos da rosa... mas falta-lhe tudo mais. Póde, elevando-se, ser a Judith das Sagradas Escripturas, e, quando se rebaixa, uma lavadeira d'Alfama.

O BARÃO

O barão, considerado como primeiro degrau da aristocracia monetaria, é uma invenção de moderna data.

O governo constitucional querendo, e devendo nivelar quanto possivel as distincções de raça, começou primeiro por garantir a igualdade dos direitos perante a lei, inventando em seguida o barão, especie de fateixa atirada ao fundo da plebe para lá pescar um nobre, completando assim, sem o saber, a sua missão democratica.

O barão é um producto espontaneo da revolução, ou antes da restauração de 1834. Despontou no céo politico d'aquella época como um arco-iris, nuncio de fraternidade entre as diversas classes sociaes.

No tempo em que os tres estados da nação eram representados em côrtes, o nosso actual barão ficaria inquestionavelmente de fóra por amphibio, repellido pelo clero como um personagem civil, pela nobreza como um intruso na classe, pelo povo como um igual que se lhe escapára sem ceremonia pelo passadiço do balcão.

Mais feliz em épocas constitucionaes, o barão pôde fazer valer os seus direitos como aspirante a fidalgo, servindo-se depois d'elles para escalar o pariato, e ficando desde então sendo o tronco de uma familia de patricios, elle, o medidor sisudo de gorgorões e belbutinas!

Como é que se operou tão repentina metamorphose?

Como é que o marçano de duas decadas atraz, soube apanhar de salto o diploma nobiliario, e pôr quasi em seguida em confronto audaz a cutis gretada e pardacenta com a alvura dos arminhos do manto senatorio?

É discreta a curiosidade da pergunta.

O barão não é completamente um parvo como ao principio se acreditou, quando os primeiros ministerios constitucionaes punham o typo em circulação, a troco de um emprestimo com usura feito ao governo, ou da compra urgente, mas ainda então arriscada, dos bens dos conventos.

Simplesmente ignorante, e sinceramente fatuo, o barão não nasceu como o poeta, nem se fez como o orador, deixou-se fazer como uma necessidade do

thesouro publico, sabendo que ia arcar com o sarcasmo dos jornalistas, e substituir no theatro a reproducção estafada dos melhores typos da farça nacional.

Intrepido, apesar da consciencia que tão amigavelmente lhe fallava, o barão aceitou resoluto ser o symbolo da democracia aristocratisada, e entrou de olhos fechados na arca de Noé, que ainda então sobrenadava nas aguas do diluvio que submergira a velha monarchia.

Pede a justiça que se diga que quando o barão se refugiou na arca, já lá encontrou, segundo a tradição biblica, um par de conselheiros, e já os collegas lançavam o olho de revés para o viscondado, com ou sem grandeza, segundo as aspirações de cada um.

Como producto constitucional o barão desconhece a historia, mas em troca diz lêr os economistas e discute as theorias do imposto. É pena que como materia prima de toda a industria mobiliaria, o barão ainda se não lembrasse de pedir para si isenção de direitos, isenção que nenhum parlamento justiceiro lhe poderia negar, devendo recahir sobre o visconde toda a severidade do fisco.

A designação do baronato moderno depende ordinariamente do capricho do agraciado, e não é rara a reunião do conselho de familia para decidir se o novo titular deve empalmar o appellido, mal soante ás vezes na chronica contemporanea, ou deixal-o em todo o esplendor da sua nativa simplicidade.

Se o agraciado possue uma quinta, um casal, uma herdade, a duvida está resolvida. O barão não póde ser senão barão d'aquillo que lhe pertence, embora a euphonia seja mal tratada, e a rudeza dos rendeiros deturpe com syllabadas a postiça gravidade do titulo.

Se, porém, este caso se não dá, e o agraciado é apenas accionista do banco de Portugal, das Lezirias, ou da Companhia de fiação e tecidos, como ainda ninguem se lembrou de ser barão de uns tantos por cento, ou titular de um dividendo, resta-lhe unicamente o salvaterio do proprio appellido, a que o agraciado recorre, á falta de mais racional expediente.

O auge da popularidade do barão foi em 1836. Quando o reflexivo e reformador estadista Manoel Passos precisava repousar das fadigas da governação publica, divertia-se fazendo aos inimigos a pirraça de os improvisar barões, grangeando pela armadilha novos adherentes ás suas idéas politicas.

Foi da calculada prodigalidade com que Passos Manoel varreu a Praça do Commercio para os archivos nobiliarios da época, que nasceu o conhecido epigramma, em tempo tão festejado, que dizia:

Foge, cão, que te fazem barão,

e o outro que o completava, azedando-o:

O cão se não se esconde
Baptisam-no visconde.

Apesar da risonha procedencia do barão, o publico teve a fraqueza de o aceitar a serio, de o identificar até com o systema representativo, symbolisando n'elle o triumpho da these de Benjamin Constant.

O barão é inoffensivo por indole, e silencioso por calculo. Não querendo arriscar a gravidade apparente do seu caracter, quasi que chega com a idade a perder o uso da palavra.

Forçado a inventar uma ascendencia, para que os maldosos lhe não façam a autopsia na verdadeira, o barão inculca-se descendente da carta constitucional, e sorri com affectado desprezo da authoridade que os seculos dão ás genealogias bem documentadas.

Para elle um cedro do Libano tem a mesma nobreza que qualquer rachitico arbusto da alameda de S. Pedro d'Alcantara, e finge dar igual importancia a todos os titulos, tanto aos dos descendentes dos heroes da India, como aos batidos de vespera na bigorna da munificencia ministerial.

Apesar d'estas opiniões fixas do interessado, o barão vai em decadencia. Sente-se-lhe ainda o pulso na tabella dos direitos de mercê, mas vê-se, apalpase a condição ephemera, o vicio de origem do titular em duas vidas, prazo fatal que a corôa assignala aos adventicios da aristocracia, e a que não deseja ficar vinculada pelo correr dos seculos.

Em familia o barão desfivela a mascara, e apparece na rustica nudez dos tempos em que jogava o gamão na botica, e punha a mira de todos os seus

desejos em figurar na procissão do Corpo de Deus como vereador municipal.

Nas horas de expansão, o titulo pesa-lhe quasi tanto como os fardos com que em rapaz o ajoujaram, e espreita com impaciencia o dia e o local em que possa, liberto da etiqueta, festejar em mangas de camisa a sua independencia de burguez.

A prova mais cabal da instabilidade das cousas humanas, é ser hoje raro topar com um barão! Os que o foram, são-no ainda, e dão graças a Deus da sua longevidade; os que nunca o foram, esquivam-se a sel-o com a mesma pertinacia com que um aldeão busca escapar á lei do recrutamento, ou illudir as posturas municipaes.

Apesar da baixa que o titulo de barão tem tido no mercado nobiliario, ainda apparece de tempos a tempos um faminto que se agarra ás abas da casaca do deputado do seu circulo, e não as larga em quanto não lê no *Diario* a pesada graça que lhe fizeram.

Em troca do milagre, o deputado thaumaturgo fica eternamente collado á cadeira que obteve em S. Bento, sem que ninguem saiba ao certo atinar d'onde lhe veio a popularidade.

O barão repleto, obeso, taciturno, apesar da jactancia com que se apregôa partidario das idéas do seu tempo, morre sem nunca ter podido levar á paciencia as disposições mais liberaes do codigo civil.

Cuidadoso da perpetuidade do seu nome, e desconfiado com razão dos proprios merecimentos, o barão trata em vida de se fazer lembrado no marmore,

mandando erigir mausoléo condigno da sua prosapia. Não se atrevendo a arrostar com o ridiculo de um epitaphio rhetorico, deixa nos seus apontamentos, e como que a descuido, a seguinte commemoração biographica:

MAUSOLÉO DO BARÃO FULANO DE TAL
E DE TODA A SUA FAMILIA

e no reverso do monumento, como inspiração original e piedosa da viuva, este bombastico lembrete:

FOI CIDADÃO EXEMPLAR,
E PORTUGUEZ D'ANTES QUEBRAR QUE TORCER.
CAVALLEIRO DE CHRISTO AOS 30 ANNOS,
COMMENDADOR AOS 35,
BARÃO AOS 40,
E PAR DO REINO AOS 51;
AS HONRAS NÃO LHE TOLDARAM
A RECTIDÃO DO ANIMO VIRIL.
DEU Á PATRIA TALENTOS E HAVERES.

Nas faces lateraes do obelisco, lê-se n'uma:

PAI EXTREMOSO, E MARIDO MODÊLO

e na outra:

FALTOU-LHE O TEMPO
PARA MAIS ALTOS COMMETTIMENTOS.

*

Isto tudo sob a responsabilidade da viuva, ex-menina educada n'um recolhimento, e incapaz de escrever duas linhas sem attentados duplos á integridade da orthographia e da grammatica nacional!

Observam os curiosos de estudos physiologicos, que as honras e dignidades para quem só as deveu ao acaso, são como os banhos de chuva para os nervosos, e as pilulas de carne crua para os lymphaticos: attenua-lhes temporariamente o mal, mas não lhes cura o vicio inicial da organisação.

Por muitas demãos de polimento que o barão dê a si mesmo, vêem-se-lhe os nós da madeira de que foi feito, que as veneras e bordaduras da farda não logram occultar. É por esta razão que elle tem uma particular tendencia para tratar por «vossê» as pessoas com quem conversa, e que ao apertar a mão aos conhecidos por pouco que lhes não desloca os braços, balouçando-lh'os, sem dar por isso, em sentido vertical.

É ainda pelo joanete, sem fórma geometrica conhecida, que o barão denuncia as torturas por que passou, ao querer ageitar um pé desenvolvido em liberdade ás barbaras exigencias de um bute de polimento.

Para complemento d'esta rapida e imperfeita physiologia, diremos que o barão pinta o cabello e a suiça pelos mais velhos e desusados processos, resultando-lhe da imprudencia fazer do casco da cabeça um distillado de materias oleosas.

As luvas são ainda um outro caracteristico ex-

terno do barão. Manda-as fazer de encommenda á rua Nova da Palma, e serve-se d'ellas á maneira dos guantes dos cavalleiros da idade média.

Deus me livre a mim, e aos leitores, de que o barão queira realisar comnosco a phrase cavalleirosa «arremessar a luva» antes de termos convenientemente feito as ultimas disposições testamentarias.

O barão attinge usualmente uma idade avançada, o que é devido, dizem os clinicos, á regularidade das horas da comida, e aos passeios militares que dá a pé depois de jantar pela circumvallação da cidade.

Ficava-me a doer a consciencia, se não dissesse haver barões, que prohibem por testamento as pompas funerarias, mas como a excepção não contraría a regra, a verdade é que elle ainda no caixão engorda quando em sua honra soam no cemiterio as descargas da fusilaria.

Todos nós temos os nossos podres. O do barão é ser solemne ainda além da campa. Podia ter mais damninhas tendencias.

A SENHORA VISINHA

Antes que o typo se perca registemol-o.

Anterior á chronica, ao almanach, ao jornal e ao cego ambulante, já a senhora visinha coordenava os factos, registava os boatos, dava curso á mentira, punha em circulação o doesto e a calumnia, fazendo-se editora responsavel de todas as balelas da sua rua, e de todos os casos notaveis da sua freguezia.

É da mulher popularmente conhecida pela designação «de senhora visinha» que veio a todo o sexo a pecha de linguareiro, em que nós os homens erradamente o temos, tomando a excepção pela regra, e estendendo o que é attributo singular de um typo, a tudo quanto veste saias, mas não perfilha o sestro da enredadeira de profissão.

A senhora visinha, como nós a conhecemos, como ella vive nas nossas memorias, e nos fastos das nossas dissonancias nacionaes, é a mulher solteirá ou casada (o estado em nada influe nas suas nativas propensões), que se ergue da cama ao cantar do gallo para dar fé do que se passa na casa de cada um; que a pretexto de tomar ar se senta á porta da rua de olho álerta e ouvido á escuta, para os actos e palavras dos visinhos; finalmente que se deita fóra de horas só pelo prazer de espreitar pelas fendas do postigo se já passou o namorado da costureira da esquina, ou se o municipal da patrulha se demorou a palestrar á porta da mulher do calceteiro, doente no hospital.

Com apparencias de credula, de bonacheirona, de temente a Deus, a senhora visinha finge-se parva para poder narrar sem suspeitas os mais inaceitaveis absurdos; e tira da fé apparente nos mysterios da religião a força necessaria para jurar falso nas occasiões de apuro, quando as suas temerarias affirmativas vão em contradicção com a notoriedade dos factos.

No tempo em que Lisboa era quasi um convento, as rotulas das janellas poupavam á senhora visinha o trabalho do disfarce. Era mesmo dentro da jaula que a fera espreitava os movimentos das victimas, planeava o salto, e aguçava as garras. A previdencia municipal destruindo os antros d'estas reclusas da maledicencia, e obrigando-as a viver á luz do sol, tirou-lhes parte das feições de classe, mas não pôde

sequestral-as de todo ao seu predilecto modo de viver.

Debaixo do regimen constitucional se a senhora visinha perdeu parte da influencia malefica que lhe provinha do antigo isolamento, ganhou consideravelmente na liberdade de acção, e nos meios expeditivos de dar publicidade ao fructo das suas aturadas pesquizas.

Não obstante, a senhora visinha, a verdadeira, a nacional, chora ainda hoje pelo capote e lenço, trajo que a trazia mais á vontade do que o chapéo e o chale, quer para a composição estudada da physionomia, quer para a gravidade, tambem estudada, do porte.

Era debaixo do antigo capote de pano fino que a senhora visinha trazia pendente da cinta o rosario e as veronicas, que occultava ou descobria conforme as occasiões o requeriam; ou em que nos classicos apertões da semana santa, a bondosa creatura, ao visitar as capellinhas de Santo Antonio dos Capuchos, resguardava dos curiosos o Relicario Angelico arteiramente empalmado á beata, cahida em extasis diante do grupo que representa a fuga de Nossa Senhora para o Egypto.

O moderno noticiario das folhas periodicas desfalcou em parte a industria da senhora visinha. Quando ella cuida ser a primeira a ir na pista de um infanticidio, a saber a fundo as razões que levaram a criada do boticario a suicidar-se, ou o caixeiro de uma casa de commercio a fugir para o Brazil, já o noti-

ciarista, lepido no officio, conta no mesmo dia e com arrebiques de estylo o que ella se anda esfalfando em repetir de viva voz aos aguadeiros, rouquenhos propagadores d'estas, e d'outras narrativas lastimosas.

A estanqueira habilitada, com as iniciaes do seu nome e appellido pintadas na taboleta da loja, foi tambem um dos golpes mortaes dado na nacionalissima industria das palradeiras de profissão. Expulsa primeiro da rotula protectora que lhe servia de domicilo e de observatorio; mal á vontade depois no limiar da porta, onde o policia civil a não perdia de vista; a senhora visinha refugiou-se no estanco; e é hoje entre o sabão amarello e o charuto de dez reis que se eleva a tripode da pythonissa, que fôra durante seculos o oraculo gratuito do mulherio da sua freguezia.

A palavra «habilitada», que os irreflectidos cuidam que se refere simplesmente á faculdade de vender tabacos, envolve tambem a de dar á lingua, sem outra responsabilidade que não seja a da querela que os offendidos dêem da oradora, levando-a de tempos a tempos á policia correccional.

Dentro do balcão do estanco a senhora visinha vive, segundo a locução popular, como o peixe fóra d'agua. Que lhe importa a ella a liberdade de tagarellar, se quando está mais attenta em não perder o fio de um enredo amoroso, ou quasi a apanhar as razões de um divorcio, lhe chega uma fregueza pedindo um vintem de retroz preto, ou um emprasador requerendo a troca de uma cautela de pataco?

Felizes eram os tempos em que a senhora visinha, livre de peias e responsabilidades, via nascer e pôr o sol sem outros cuidados que não fossem os de querer saber, para contar depois! Inimiga de todos os monopolios, por isso detestou sempre igualmente o segredo e o contracto do tabaco. A industria illegal que exerceu, e a legal que exerce agora, tem entre si esta immensa affinidade, e por isso a senhora visinha a escolheu para refrigerio das suas saudades.

A senhora visinha foi, e é, aquillo a que o nosso povo chama ser *pernostica*. Se bem atino com o sentido da palavra, quer dizer pessoa que falla com acerto, e diz as cousas de papo, e com a segurança de quem as dá por Evangelho.

Custa-me, é verdade, a conciliar os mexericos da senhora visinha com a qualidade de *pernostica* que os seus admiradores lhe conhecem, mas o facto é que não posso, nem devo desapossal-a dos attributos que as maiorias lhe assignalam.

Quem fôr dado á mania de trepar pelos seculos acima, remontando-se ás origens afastadas e nebulosas das cousas mais simples, póde talvez ir filiar a senhora visinha em nobilissima estirpe historica, pelas mesmas razões que Michelet teve para desenterrar os pergaminhos pulverosos da feiticeira, arranjando-lhe uma poetica e empavezada genealogia.

A genuina senhora visinha, a que alumia todos os sabbados o seu oratorio, sem prejuizo do velho direito que lhe assiste de morder nas reputações do proximo; que vai accender a candeia á casa do lado,

só para dar fé do que por lá se passa; que sabe de cór trinta versões da oração do Justo Juiz, e as intercala com apostrophes mal soantes ao padeiro que se demora em trazer-lhe o pão a casa: essa não precisa outras genealogias mais do que os seus proprios actos, e o titulo, se soube merecel-o... de senhora visinha. Desconhecedora das fórmas da estatuaria antiga, ou das leis que regem a plastica, como diria um pedante semi-enfronhado nas theorias allemãs, a senhora visinha ao ouvir contar na sua rua os escandalos de notoriedade publica, encosta-se desgeitosamente á umbreira da porta, apoia o cotovêlo direito na palma da mão esquerda, e com o queixo escorado no dedo indicador, deixa requentar a panella, absorvida no escandalo, e na inveja de não ser ella a primeira pessoa a rubrical-o com a authoridade do seu nome.

Quando o caso que póde, ou deve ser futura novidade, carece concentração de espirito, e apparente indifferença da parte da senhora visinha, é fazendo meia, e deixando-lhe cahir as malhas por distracção, que ella vê machinalmente trabalhar os dedos, sem perder uma palavra, um gesto dos interlocutores do dialogo, que pelo seu officio, lhe cumpre reproduzir com a possivel plausibilidade de incidentes locaes.

É por todas as prendas já mencionadas, e ainda outras que omittimos por decencia e brevidade, que os mendigos que esmolam publicamente pedem a Deus que nos livre de maus visinhos de ao pé da porta.

Se o historiador mente ás vezes, illudido pelas

apparencias da verdade; e o romancista mente sempre, obrigado pela verosimilhança da narrativa: a senhora visinha, meio termo entre um e outro, mente sem que a isso seja obrigada por nenhuma lei litteraria. Mente porque gosta, porque assim lhe faz conta, e porque é mentindo que os factos attingindo o maravilhoso, chegam, com o desconto dos ouvintes, a retomar o lugar que lhes pertence.

Cosmopolita de idéas, de affeições e de habitos, a senhora visinha respeita instinctivamente o interior do lar domestico digno de respeito, e alarga a sua generosidade ao ponto de compartilhar os dissabores e os prazeres da gente de vida airada do seu arruamento, comtanto que uns e outros lhe forneçam assumpto para as suas dissertações oraes.

Em resumo. A senhora visinha, hoje quasi perdida como typo, e atirada para o balcão do estanco ou da loja de capella, não sei por que mal entendidos interesses fiscaes, póde ainda jactar-se de haver sido testemunha d'ominosas devassas politicas em tempos revoltos, podendo tambem com ufania considerar-se como um dos mais nobres ascendentes do actual noticiarista, sendo ella que parece ter inventado o «diz-se», o «corre» e o «julgamos poder affirmar» em que actualmente se estriba toda a verdade que póde ser mentira, ou toda a mentira que póde vir a ser verdade.

O ser ou não ser do poeta inglez, nunca teve mais pratica exemplicação do que nas narrativas da senhora visinha, mulher fadada para fazer do preto

branco e do branco preto, como vulgarmente dizemos de quem, exagerando ou adulterando as cousas, as desloca do seu significado natural.

Se não fosse pedantismo fazer aphorismos de caso pensado, vinha aqui a proposito engendrar um para fecho d'este estudo sobre a creatura que, por uma aberração moral e physica, pertence sem contestação... ao genero neutro.

O TRAPEIRO

Mais uma profissão, mais uma velha industria que vai desapparecendo, vencida pela lenta mas irresistivel marcha da civilisação!

O que hontem era ainda uma pobre e arrastada especulação, quasi alheia ás necessidades do commercio, é hoje o reconhecido auxiliar de uma grande industria, será ámanhã o alimento indispensavel d'uma arrojada empresa fabril.

O vapor, esse minotauro insaciavel que devora o tempo e o espaço, attrahe, mata, sepulta a pequena industria; e apenas deixa á paciencia e á perseverança do homem a gloria de haver luctado até ao fim contra a omnipotencia dos modernos systemas economicos.

E tudo isto a proposito do trapeiro! E todas estas considerações para descambar no mais humilde, no mais infimo dos modos de vida a que o homem póde chegar aguilhoado pela fome! É que ainda ha pouco algumas dezenas de Lazaros, esquecidos pela sociedade, tiravam da immunda farraparia atirada ao ar livre das ruas o pão quotidiano; quando uma simples palavra — exportação — aguilhoando a avareza dos remediados da fortuna, os tornou competidores triumphantes do misero trapeiro!

Quem ha que se não recorde ainda de vêr pelas ruas da capital alguns, mais espectros do que homens, de sacco de estopa ao hombro, alcofa remendada na mão esquerda, e na direita o sceptro d'aquella realeza de miseria, o gancho; que indistinctamente salvava do opprobrio das lamas, ora uma estrophe dos *Lusiadas,* ora o bilhete almiscarado em que a dama altiva puzera o melhor dos seus melhores affectos.

Já houve quem escrevesse um livro intitulado — *Um philosopho sem o saber,* quando talvez o verdadeiro titulo de tal livro devesse ser o *Trapeiro,* o mais excentrico dos pensadores desde Diogenes, com certeza o mais estoico dos suicidas desde Socrates até hoje.

É só depois de haver encetado umas poucas de profissões, e de se haver dado mal com todas ellas; é só no fim de ter soffrido desenganos sobre desenganos; que, por um resto de legitimo orgulho, o desvalido prefere a mendicidade que se encobre por de-

traz dos seus brazões de trapeiro, á outra mendicidade que não cura de esconder a sua lepra, da outra lepra peor ainda, a de quem podendo soccorrel-o, lhe nega o óbolo da caridade.

Como typo popular o trapeiro foi, em tempo que não vai longe, caracteristico entre os mais caracteristicos. Na incerteza de encontrar sempre pelas ruas da capital alimento ao seu principal negocio, o trapeiro accumulava com elle a magra industria da venda de mechas a retalho. Veio o phosphoro, e matou ainda este innocente e pouco lucrativo commercio!

Vencido pelo progresso, o trapeiro cruzou os braços, maldisse a civilisação, e deixou-se morrer na enxerga do hospital.

Hoje o trapeiro é apenas um mytho. Ha quem chegue a duvidar que elle existisse, como com razão se duvida dos trabalhos d'Hercules, das transformações de Jupiter, e da tunica de Centauro.

Não obstante, a raça do trapeiro ainda de vez em quando resuscita florescente e triumphante! É trapeiro de pergaminhos nobiliarios o negreiro que pôde levar a salvamento duas cargas de carne humana; trapeiro de idéas o serzidor desastrado de estrophes em quarta edição; trapeiro de affectos o requestador incorrigivel de duvidosas beldades.

É tudo farraparia!

Como dizia o velho Epiphanio, ao reproduzir na scena o typo maltrapilho do homem que, em lucta com a sociedade, e sempre vencido por ella, só encontrava o seu extremo refugio nas miragens da em-

briaguez, ou no desforço final dos desilludidos do mundo — o suicidio.

Como contraste ás galas e louçanias dos poderosos da terra, a alcofa do trapeiro poderia bem servir de thema a um sermão vernaculo dos do genero do padre Vieira, em que as antitheses, tambem á moda do jesuita, fariam estremecer a consciencia dos infatuados que se esquecem de que a fortuna é cega, e basta um sopro para reduzir imperios a cinzas e sepultar nas suas ruinas os thesouros dos potentados.

O trapeiro pertence por direito hereditario á raça dos philosophos que a antiguidade applaudiu pelas suas excentricidades, e de que nós hoje nos rimos, ou nos condoemos, conforme as aspirações tragicas, ou comicas, do protogonista. Diogenes, albergado dentro da pipa e mandando arredar Alexandre, porque Alexandre lhe roubava o calor e a luz do sol, não é por isso mais nem menos philosopho que o trapeiro, conchegado no recanto do patamar de uma escada, e pedindo a quem sobe, ou desce, que evite esbarrar com a marmita que guarda as sobras dos jantares alheios, e mais tarde lhe hão-de servir opiparo banquete. Não manda arredar quem passa, porque já não ha Alexandres que tirem, seja a quem fôr, a luz e o calor do sol.

Quem é que póde jactar-se de não ter sido, ou de não poder vir a ser do dominio do gancho do trapeiro? Que loura trança, que pagina inspirada, que velludo, que brocado, que ouropel, que idéa, que sentimento póde julgar-se isento do destino commum

das cousas humanas, a alcofa rota do collector do que não presta?

Que estudos a fazer na aproximação dos objectos achados durante um dia de labutação do trapeiro! O fio quasi imperceptivel de retroz verde póde bem ter atado o pé da saudade, agora murcha; a pollegada denegrida de galão de ouro, ter sido a tardia recompensa do heroismo; os caracteres apagados de um «amo-te ainda» o remate de uma longa historia de mutuos soffrimentos.

Tudo alli amalgamado pela miseria e pela fome! A historia do coração recomposta com os fragmentos do coração! A philosophia do mundo dentro da alcofa de um trapeiro! O pó volvendo ao pó; a cinza tapetando a grandeza do nada!

E o trapeiro sentado, como Mario, sobre estas immensas ruinas, e esquecendo-se d'ellas, e de si, com as ultimas fumaças tiradas de um cigarro, recomposto com o tabaco putrido de dezenas de pontas de cigarros, achadas no fundo da sua consocia de trabalhos? Se o dia não foi de todo improductivo, e deu para o caldo negro do espartano, o trapeiro póde á noite rir, a sós comsigo, das grandezas, que elle acabou de apalpar miserias nos seus documentos para a historia contemporanea, e teimar como Galileu, não que a terra se move, mas que a terra se decompõe.

Diz-se que Thucydides chorára de enthusiasmo ao ouvir lêr os primeiros livros da historia de Herodoto. Que sensações não experimentará o perscrutador attento dos periodos dolorosos da vida humana, sym-

bolisados nos achados casuaes e dispersos do trapeiro, ao querer reedificar com elles os principios eternos do bom, do verdadeiro e do bello, as tres bases unicas de toda a moral e de toda a philosophia?

Quando Lisboa era quasi uma cidade mahometana pela falta de aceio, e os animaes domesticos, de todos os generos e especies, andavam em trato intimo com o homem pelas ruas da capital, o negocio do trapeiro prosperava de meias com a incuria municipal, e a salubridade era (vá lá a gente fiar-se em theorias!) muito maior do que hoje é.

No tempo feliz dos brigões nocturnos e das aventuras romanescas dos condes de Almaviva, as Rosinas e os trapeiros eram os entes mais felizes da terra. A ellas matou-as a illuminação a gaz; a elles fulminou-os os braços nervosos dos varredores municipaes.

A actualidade auxilia apenas o trapeiro, atirando-lhe para dentro da alcofa com a chamada opinião publica, representada a retalho pelos diversos jornaes politicos. Quando, ainda pela ante-manhã, o trapeiro se lembra, como o avaro, de passar em revista os seus thesouros, qual não é o seu pasmo de topar com o mesmo homem gigante na bocca d'este, invisivel, lilliputiano na opinião d'aquelle! A idéa nova, festejada aqui como a redempção do mundo moderno; denegrida, enxovalhada além, como a relapsa que ha-de precipitar no cahos a humanidade!

A alcofa do trapeiro põe-nos os objectos em evidencia como a camara-optica. Esta, annotada pelo

cicerone ambulante, deixa-nos vêr o Vesuvio e o Vaticano; o Tibre e o Coliseu; a Arte e a Natureza. Aquella, estudada a olho nú, dá-nos os fragmentos de um formoso retrato de Venus, a migalha do que foi perola, o *specimen* do que foi opulencia. No pequeno theatro anatomico do trapeiro, estuda-se, profunda-se, disseca-se o coração humano: é a lente que engrandece e avulta os objectos que o tempo amesquinhou, e que a saciedade julgou sepultar para sempre no esterquilinio corrosivo das vias publicas.

Quando a industria do trapeiro prosperava, e as immundicies fertilisadoras da capital não achavam ainda quem as arrematasse em publico leilão, o trapeiro era tambem negociante.

A ambição tentou o philosopho, a perspectiva do lucro cegou a consciencia do industrial. O trapeiro fez-se arrematante do espolio dos finados do hospital! Era a miseria traficando com a tunica de Job! A familia despojada do remendo que podia ainda cobrir a nudez do orphão! Ao fundo, como scenario d'este grande drama de abandono... a feira da Ladra, o sorvedouro insaciavel de todas as reliquias, a exposição cosmopolita de todos os infortunios moraes!

O trapeiro é o exposto miserando do romance de Victor Hugo. É o *Homem que ri* de si, e dos outros. Falta-lhe a inspiração que é Dea, e o conselho que é Ursus. Homo, que é a fera, senta-o elle dentro de si, nas ruins paixões que o agitam. O trapeiro nunca póde representar o *Cahos vencido,* de que Ursus foi

o author, Dea o pretexto, e Gwynplaine o interprete. O cahos foi sempre o vencedor triumphante do miseravel trapeiro.

Quem meditar um pouco na vida nomada do trapeiro, na sua incoherente mocidade, na sua progressiva decadencia, não póde deixar de perguntar a si mesmo, como o author do *Homem que ri:*

«De que borboleta, pois, é esta vida terrestre a lagarta?»

O AMOR LIVRE

O amor livre é uma especie de cão sem colleira e sem dono, a quem todos podem deitar a rede. N'este nosso seculo de liberdade ao ar livre, e em que as liberdades se engatam nas liberdades, como umas dentro das outras as caixinhas de papelão das pharmacias, o gatuno chama ao roubo liquidação social, e o infeliz no matrimonio appella para o amor livre, especie de affecto canino, para que o maganão de Ovidio não deixou preceitos, nem encontrou rimas decentes a chusma dos poetas eroticos do seculo XVIII, em França.

O chamado amor livre, no homem, não é uma innovação dos pensadores esquentadiços dos nossos dias. A velha Roma das bacchanaes, e das orgias dos circos, conheceu-o praticamente pela tabella dos emolumentos que as Aspasias recebiam das mãos senis

dos argentarios, ou da voluptuosidade insaciavel dos descendentes degenerados dos antigos republicos.

A liquidação social da mulher nasceu com a fundação de Roma, no rapto das Sabinas. Os romanos foram os inventores do amor á queima-roupa, do que dispensa o aceno do lenço branco, a epistola ardente sem orthographia, e, nos nossos dias, o annuncio alambicado, mas correcto, por conta e risco dos revisores do jornaes.

A brutalidade dos companheiros de Romulo, e a resignação marital dos Sabinos, é o facto unico da historia para que hoje podem appellar os histriões do amor elastico a que chamam livre, com a mesma razão com que no nosso Minho se chama ao cavallo burro, e a este jerico, sem licença do diccionario de Moraes.

A mythologia, que em muitas cousas foi tola, entre ellas em metter Mercurio no gremio dos corretores, n'outras foi avisada, como quando cegou o Amor, embora lhe pozesse tambem azas para voar, o que é, como diz o nosso annexim, dar Deus as nozes a quem não tem dentes.

Jupiter, que foi o pai dos deuses e dos homens — e quem d'elle descender póde sem inconveniente envergar a farda de fidalgo cavalleiro, e pôr-lhe por cima uma venera qualquer — se algumas vezes tentou deixar-se ir atraz do amor livre, disfarçou-se uma vez em chuva, e outra teve de se disfarçar em touro, mascarada a que ninguem se arriscaria no nosso seculo, nem mesmo no carnaval.

O amor livre, que é nas coudelarias um aphorismo da sciencia, e na seita dos Mormons um dogma dos livros sagrados d'estes insignes patifes, tem nas sociedades organisadas o pequeno contra de pôr o filho fóra da herança paterna, e dar ao tio materno do espoliado a certeza legal e material de que é filho de sua mãi.

O amor livre é, mal comparado, como dizem os saloios, uma especie de feira da Ladra onde tudo se compra e vende em segunda mão, e onde a par do sapatinho que foi o enlevo de centenas de basbaques, se encontra a bota ferrada do borda d'agua, que descascaria um bufalo se lh'a assentasse em cheio nas patas.

Julio Simon, o profundo pensador que definiu e exaltou todas as liberdades, esqueceu-se da liberdade do amor, ou não a aceitou, por vêr que uma linha de cambraia a separava do codigo criminal, antes mesmo de a distanciar do senso commum e da moral.

O amor que os Quasimodos querem fazer livre, na esperança de pescar nas aguas turvas e de serem aceitos ao menos uma vez na vida em nome de um direito imaginario, é escravo por natureza, e em o ser se compraz e se afadiga.

O primeiro inventor da theoria do amor livre foi por certo algum pobre diabo que quiz dizer «amor» mesmo sem o adjectivo, e nunca lhe chegou a lingua para tanto; ou algum d'esses ursos que as mulheres repellem, porque Deus não creou as Esmeraldas pa-

ra os braços dos sineiros informes e tartamudos, nem, como affirma o rifão (os rifões são arsenaes abertos para estes casos difficies), é o mel para a bocca do asno.

A selvatica theoria do amor livre, posta em circulação por algum carcunda, e annotada por algum zambo de ambas as pernas, precisava, para converter-se em cousa pratica, do suffragio de todas as mulheres bonitas do globo, e da exclusão systematica do corpo eleitoral feminino, de todas as que passarem dos quarenta annos, e pesarem as sete arrobas que é de estylo pesarem os porcos do Alemtejo.

A mulher bonita não póde querer nem aceitar o amor livre. Veda-lh'o a sua propria belleza, a consciencia do seu poderio e da sua dignidade. A que vai a meio caminho de macrobia, essa está no caso da bota do borda de agua que descasca o bufalo, e vem por fim a servir de espantalho á figueira perseguida dos pardaes.

O amor não é, nem ha-de ser nunca roupa de francezes.

O homem é o eterno requerente do amor da mulher. Se lhe indeferem o requerimento, resigna-se, e não se põe a ladrar como um mastim á porta da dona dos seus pensamentos.

Notem de passagem os pregoeiros da blasphemia do «amor livre» que o homem que falla da *dona dos seus pensamentos* por esta simples phrase se constitue voluntariamente escravo, e não anda a saltaricar

como um papalvo em roda de todas as saias-balões que já foram moda, ou de todos os vestidos de cauda que se usam agora.

Os que querem fazer do amor livre um corollario obrigado da liberdade commercial demonstram simplesmente que nem sequer prestam para guardas a cavallo de uma alfandega da raia.

Samsão, que foi o symbolo da força, deixou-se tosquiar por Dalila; Jacob, a imagem do requestador paciente, andou quatorze annos atraz de Rachel; e Orpheu foi ainda além d'este exemplar do bem querer, descendo aos infernos em demanda de Euridice, que estava pouco disposta a dar-lhe trella, ou, como hoje diriamos, a aceitar a côrte do infeliz flautista, se era com effeito flauta o instrumento em que elle primava.

Se o amor livre não fosse, como é, uma consequencia da liquidação social, que abrange na sua theoria de rapina os bens moveis e os immoveis, affrontando o velho direito de propriedade, entendo eu, salvo melhor arbitrio, que toda a regra tendo excepção, o amor livre devia ser permittido ao marido da mulher que tomasse rapé, e por equidade á mulher do marido que adivinhasse charadas.

Afóra estes dous vicios, que quebram perante a razão, os laços do matrimonio, este deve ser indissoluvel, e o amor livre ser considerado como um attentado ás maximas mais rudimentares de pudor, ou como uma armadilha á boa fé do sexo forte.

A guerra de Troya, que teve tantos e tão varia-

dos episodios, não deixou nenhum mais instructivo para a nossa época de que o protesto de Helena contra o amor livre, n'aquellas teias interminaveis, que fazia e desfazia prudentemente, como que para lançar agua na fervura aos requebros dos seus admiradores, em proveito do seu credito, e da dignidade de Ulysses.

A poesia do amor exige que quem o tem não deixe entrar na sua vinha ao rabisco, nem que a pretexto de lagartar se bula na parra que resguarda o cacho. Uma conquista amorosa é sempre o resultado de uma campanha regular, que não admitte a guerra de guerrilhas, nem os aboletamentos forçados em casa do cidadão.

Tanto o amor não é livre, como pretendem os pseudo-reformistas do nosso seculo, que data do Paraiso o castigo infligido ao par culpado que se deixou tentar pela serpente. O amor livre transformaria o homem em candongueiro de affectos avariados, e n'este desabar de realezas tiraria á mulher a que lhe pertence, com mais direito do que a Henrique IV, pelo duplo direito da conquista e do nascimento.

É principalmente, quasi exclusivamente em proveito da dignidade da mulher, que nós fulminamos esses brutamontes sem delicadeza que se julgam com o direito de a empalmar como um relogio em apertão de igreja, arremessando-o para longe de si ao presentir os passos da policia civil.

Se fosse physicamente possivel, affirmariamos que os propagadores da bernardice alcunhada de

amor livre nunca tiveram mãi, ou que foram ao nascer atirados para o desvão de uma escada.

Finalmente a nossa opinião é, que o amor livre apenas póde servir de rotulo ás casas a que o Estado por decencia exime do pagamento da contribuição industrial.

O FELICIANO DAS SEGES

A popularidade não se adquire só pelo facto de a desejar obter.

Diz-se, ainda me não dei ao incommodo de averiguar a plausibilidade da affirmativa, que o poeta nasce, isto é, que a inspiração vale mais na poesia do que as regras de Horacio, e os preceitos de Boileau.

Assim como ha cegos de nascença, ha tambem homens fadados para a celebridade. A natureza, unica prodiga que ninguem nunca se atreveu a criticar, exige mil cuidados para a sensitiva, e deixa crescer ao acaso as parietarias, sem cultivo e sem resguardo.

A popularidade é como as urtigas. Nasce a qualquer canto, medra e fortifica sem auxilio de mão estranha. É principalmente nas ruas que se formam as

reputações dos Alcibiades, consagradas pelos applausos das turbas, conservadas depois pela tradição oral.

O homem que descrevemos, vulgarmente conhecido pelo FELICIANO DAS SEGES, entra no numero dos privilegiados que souberam grangear e merecer as auras com que a fama o bafejou. Um acaso é muitas vezes o ensejo de grandes descobertas, ou o principio d'um grande renome. Foi um acaso que deu origem á theoria da gravitação dos corpos, foi ainda um outro acaso, a obesidade do Feliciano, que o poz em evidencia, antes mesmo da politica o filiar em um dos seus gremios, e do seu labutar de cocheiro nocturno lhe confirmar a popularidade de que gozou até o fim dos seus dias.

Por uma brincadeira do destino o Feliciano das Seges, que precisava affrontar todas as intemperies, era branco e rosado como as pastorinhas da Arcadia, tinha os cabellos louros de um Narciso, e os olhos de um azul tão limpido e transparente que illudiriam um cysne, tomando-os pelas aguas pacificas do lago de um parque inglez.

Não vá, quem não conheceu o Feliciano das Seges, acreditar por este esboço descriptivo, que o nosso homem era timido, flexivel, quebradiço como uma gazella. Pelo contrario. Estes dotes femininos desappareciam como incidentes na figura robusta, meio athletica do cocheiro que, de cachimbo ao canto da bocca e de amplo chapéo desabado na cabeça, mais representava um allemão da fronteira da Alsacia, meditando na boa estrella de Bismark, do que um lis-

boeta com um estabelecimento hereditario em varias travessas do Bairro Alto.

Diz com verdade o rifão que filho de peixe sabe nadar.

O Feliciano das Seges tinha tambem a sua genealogia, sem se enfeitar com as pennas do pavão, incommodando com empenhos o escrivão dos filhamentos, para lhe arranjar meia duzia de avós postiços. O cocheiro Feliciano era filho de um homem que trabalhára á boleia nos tempos felizes em que, quem tratava do corpo, mas não se esquecia da alma, se confessava e sacramentava antes de se metter n'um trem de aluguer. O pai de Feliciano das Seges tivera uma cocheira comprada aos herdeiros de José Maria, cabelleireiro, celebre pelas suas correrias a Cintra e ao Dá-Fundo, e legára-a ao filho que, fiel á memoria paterna, ainda em 1846 boleava, arriscando-se por amor da arte a que se lhe formasse um scirro na barriga, que já então ostentava volumosa, caminhando em frente do dono.

Um biographo consciencioso não póde nem deve omittir nenhuma circumstancia, por insignificante que pareça, da vida do seu biographado. A primitiva cocheira de Feliciano foi á esquina da travessa da Espera, travessa historica (sem *calembourg*), se realmente n'ella se passaram os factos que o snr. Rebello da Silva narra na biographia de Bocage.

Foi pelo tempo da Maria da Fonte que o Feliciano começou a dar que fallar de si em Lisboa. Frequentador pontual da galeria da camara dos deputa-

dos, deixára-se tomar de amores pela eloquencia semi-romana de Passos Manoel, e pelos inimitaveis arrebatamentos tribunicios de José Estevão, sem pôr de parte a rhetorica semi-atheniense de Almeida Garrett. De beber na taberna a folgar n'ella quasi que não medeia distancia. O Feliciano pôz desde então os seus cavallos, e as suas convicções, ao serviço da causa popular, conduzindo para fóra das portas da cidade os que se iam alistar nas fileiras da Junta do Porto.

Esta dedicação, que nascêra em S. Bento com os discursos ardentes dos chefes da opposição parlamentar ao governo d'aquella época, levou o Feliciano das Seges á sala n.º 7 das cadêas do Limoeiro, deixando ao abandono os bucephalos, ainda então um pouco menos transparentes do que os arenques mythologicos e insensiveis com que elle ultimamente governava a vida á porta do Café Central.

D'este entalão da politica sahiu o Feliciano aguerrido para novas pugnas, e enthusiasmado por alguns dos vultos politicos mais notaveis da nossa terra, entre outros, e acima d'elles todos, pelo snr. Joaquim Antonio d'Aguiar, que na ausencia tratava por tu, com a sem-ceremonia de um verdadeiro correligionario.

Precisamos aqui narrar um facto, que pareceria um contrasenso da vida publica do Feliciano, se o deixassemos sem as necessarias explicações. Na modesta e quasi desguarnecida sala do popular cocheiro viam-se, pendentes das paredes, os retratos de

José Estevão e do senhor D. Miguel de Bragança! O primeiro significava para o dono da casa as suas proprias convicções partidarias, o segundo a dedicação da familia do cocheiro da travessa da Espera pelo real patrono de equitação á Marialva, em que primára o pai de Feliciano.

N'um d'esses frequentes *dize tu, direi eu,* tão vulgares nas cocheiras e nos parlamentos, o Feliciano travou-se um dia de razões com um moço da estrebaria, e deu-lhe de gorgeta e ao escapar uma picada na tibia direita, que o levou a sentar-se na Boa Hora no banco dos réos!

Foi defensor do velho patriota o joven advogado o snr. dr. Mattos, bem conhecido pelo desenxovalho da sua palavra ardente e sincera. O exordio do discurso do dr. Mattos no tribunal cobriu momentaneamente de suores frios o pobre Feliciano.

Com uma d'aquellas apostrophes directas, que a boa rhetorica aconselha para casos identicos, o defensor atirou á cara do seu cliente com quantas accusações torpes o podiam levar direito á costa d'Africa, para as desfazer depois, uma a uma, com as provas na mão. Passada a tempestade, o Feliciano contava a rir a quem o queria ouvir, como a eloquencia, que tão entranhados affectos lhe merecera, quando sahida candente dos labios de José Estevão, lhe fôra por minutos supplicio inquisitorial antes da peroração magnanima e desinteressada do discurso do dr. Mattos. O pobre Feliciano confessava ingenuamente que estivera para renegar da liberdade, in-

cluindo a liberdade do amor, que já então havia chegado ao seu conhecimento [1]!

Nunca houve grande homem que deixasse de ter invejosos, ou de ser contrariado pelos acontecimentos. O progressivo desenvolvimento dos omnibus foi, para os trens de aluguer, o *ceci tuera cela* do livro monumental de Victor Hugo.

Quando aquelle pesadão vehiculo, com os seus doze lugares dentro, e quatro na almofada, começou pela barateza dos transportes a ser o vencedor desapiedado da bandeirinha de praça, o Feliciano retirou-se despeitado, mas com a serenidade de espirito de um Mario, para a travessa da Agua de Flôr, para ahi começar a ultima decada da sua popular existencia.

Não podendo já luctar com a invasão sempre crescente dos caminhos de ferro, dos Larmanjats, das companhias dos omnibus, e dos caleches descobertos, embrenhou-se nas trevas, e ainda de lá derramava focos de luz sobre a sua decadente industria de director technico de corridas nocturnas, inspiradas pelo coração, ou requeridas e pagas, ao acaso, pela familia de algum doente na hora extrema da agonia.

O sol tornou-se nos ultimos tempos o inimigo

[1] O Feliciano deu como testemunhas de defeza o snr. conde da Fonte Nova e o distincto escriptor Teixeira de Vasconcellos que gostosamente se prestaram a abonar o velho batedor.

declarado do Feliciano. Na sua officina de machinas da travessa da Agua de Flôr (a verdade veda-nos chamar trens ás cousas a que elle pelo habito alcunhava de taes, e de dar o nome de cavallos aos bichos que devoravam as manjadouras) o Feliciano planeava ainda as suas campanhas da meia noite.

Á porta do Café Central estanciavam, de verão e de inverno, dirigidos ainda nas suas evoluções estrategicas pelo general em chefe, dous caixotes com rodas, que se moviam embusteiramente, puxados pelas sombras de uns cadavericos rocins.

Quem se aventurava a entrar n'aquellas machinas informes, conhecia, passado pouco tempo, que estava dentro de uma azenha, tal pelo menos se afigurava aos ouvidos do freguez o ruido das rodas, postas em movimento pelas alimarias, e o sibilar do nordeste através das fendas abertas nos vetustos monumentos, que o Feliciano trazia fóra da competencia dos collegas.

Se o perigo imminente consentisse o raciocinio, quem deitasse a cabeça fóra das portinholas dos calhambeques, que o Feliciano punha á disposição dos transnoitados, veria que era phantasticamente levado por dous morcegos, segundo figuravam a distancia os animalejos, cujas ossadas descarnadas representavam nas trevas as azas do eterno inimigo das risonhas alvoradas.

Pede porém a justiça que se diga que os preços do Feliciano não escandalisavam ninguem, e que se o freguez partia as costellas ao descer a calçada da

Pampulha, ainda lhe sobrava á farta o dinheiro para pagar a duas juntas de cirurgiões, mettendo na conta a botica, e os ares de campo, na problematica convalescença.

No intervallo do tempo que mediava entre um trem que chegava e um outro trem que partia, ia o Feliciano das Seges restaurar forças á *Cova Funda,* taberna subterranea na travessa de Estevão Galhardo, n.º 14, onde inda agora se póde vêr na parede, traçada a carvão por mão de artista desconhecido, a desempenada e roliça figura do nosso biographado.

De dia, a unica, a rara occupação do Feliciano, era a de dar conselhos sobre a compra, venda ou troca dos garranos, que os socios do *Pilleckey-Club,* janotas emancipados de vespera, lhe pediam para se não arriscarem a aceitar gato por lebre na feira da Agualva, e a ouvirem ainda por cima um foguete das familias.

Com a perda do Feliciano das Seges, que a morte apanhou em flagrante ainda ha pouco tempo, perdeu-se um dos typos mais populares da monotona e enfadonha cidade, que já mereceu as honras de um poema epico, que nunca chegou a grangear a celebridade, que logrou em vida o nosso biographado.

AS HORTAS

Lisboa, nos domingos á tarde, pede meças em semsaboria a uma ingleza velha, que é a cousa mais deslavada que Deus creou, logo abaixo da portugueza que faz meia e deita fundilhos nas calças do marido.

O sol dos dias santos, em Lisboa, é um sol especial. Queima, mas não alumia, torra, mas não resplandece. Pompeia, a subterranea, dá alegria pelo menos aos archeologos, honra que o marquez de Pombal não quiz conceder a Lisboa, aproveitando-se do terremoto que a desmoronára. A cidade que no inverno tem os theatros e os bailes, nas tardes de verão apenas vive das reliquias do seu velho poder colonial, representado pelo pregão monotono das pretas da alcomonia, e pelas graçolas dos papagaios, condemnados sem crimes a galés perpetuas.

Para onde se metteu esta gente toda? Que é feito da população da cidade, que escorrega pelos passeios aos dias de semana, e embasbaca defronte da gaiola do leão da Estrella?

Quem a quizer encontrar procure-a nas hortas: vá ter com ella á Perna de Pau, á Tia Joanna, ao Collete Encarnado, ao Manoel Jorge, ao José dos Pacatos, ao Joaquim dos Melões, ás Varandas, a toda a parte onde se despe a sobrecasaca e joga o chinquilho, e se ajustam a giz n'uma ardosia as contas dos comes e bebes dos fugitivos á poeira do Chiado, e aos regadores das meninas que matam a sêde aos seus mangericões.

O que faz a reputação d'esta ou d'aquella horta, d'este ou d'aquelle *retiro para amigos,* ninguem ao certo o poderá dizer. Os que lá vão, ainda menos do que quem lá não vai. Uma vez fóra das portas da cidade, uma familia que tem boas pernas deita até ao Campo Grande, ao Lumiar, a Sacavem, ao Arco do Cego, ou se o chefe da caravana soffre de rheumatico, aninha-se por ahi em qualquer quintalão, e o que poupou nas solas, gasta-o intra-muros em tantos decilitros de Bucellas, quantas as pessoas da sua obrigação que traz comsigo, e mais os que elle proprio póde aguentar, sem cahir redondamente no chão.

As hortas eram, já no tempo de Nicolau Tolentino, o bem parado dos gastronomos de bom contento,

> **Quando era grande funcção**
> **Ir a amiga vêr a amiga,**
> **E merendarem no chão.**

Então, como agora, a lista dos chanfaneiros se não seduzia pela verdade dos acipipes, fazia crescer a agua na bocca dos freguezes pela variedade dos cheiros que a arte culinaria sabe dar extra-muros aos guizados os mais vulgares.

A retirada das hortas, de uma familia portugueza, seria assumpto digno do pincel de Hogard, e da sua fina observação dos costumes burguezes, se o sagaz e humoristico pintor pudesse obter d'ella a fixidade indispensavel que o pincel requer das figuras que deseja reproduzir.

A prosperidade financeira dos frequentadores das hortas denuncia-se pela maior ou menor abundancia de lenços de assoar de que se servem, e a que dão á ida e á volta diversas e variadas applicações; e pelo avolumado da algibeira esquerda do collete, onde se alberga um relogio monstro, que foi o indicador das impaciencias dos donos nos tempos de solteiros, e, depois de casados, o regulador impassivel dos alimentos de bocca dos saciados do matrimonio.

Os lenços de assoar limpam á ida as botas, as calvas e os chapéos dos frequentadores das hortas, e servem-lhes á volta de alforges, onde se accommodam os restos da sobremesa a que o acanhamento das filhas não permittiu dar razão diante dos mais convivas.

A esposa do frequentador das hortas traz de ordinario ao pescoço, em ouro de lei, o peso dos seus peccados, e em broche gigantesto o retrato do progenitor de seis colonos da Parahiba do Norte, sem

contar com quatro meninas que trabalham para os seus alfinetes, e são, em abono da verdade, mais parecidas com a mãi do que atirando para o lado paterno, como a decencia exige nos casos duvidosos.

Um compadre do chefe da familia, celibatario e com testamento feito em favor da afilhada, acompanha-o por indicação do cirurgião do monte-pio, que, sobre uma pansada de mãosinhas de carneiro aconselha sempre aos seus freguezes uma partida de chinquilho como disgestivo apropriado á inercia dos estomagos cançados.

Variam ao infinito os typos dos frequentadores das hortas. Ao amador de desenjoativos que não admitte salada sem ser francamente remexida em alguidar vidrado pelos braços felpudos do bicho da cozinha, allia-se o enthusiasmo do frequentador que jura não ser invenção dos mortaes a pescadinha frita, ou a voracidade epica do gastronomo que não calcula que dous pratos de cabeça de porco com feijão dispensam, para a authoridade administrativa, a certidão de obito do parocho da freguezia.

As hortas são essencialmente revolucionarias. A linguagem que n'ellas se usa é toda de convenção e de desnortear o mais sabido dos recopiladores dos diccionarios patrios.

«Salta meia vitella», «ou salta um linguado frito», são expressões capazes de pôr a cabeça em agua ao maior esquadrinhador de idotismos nacionaes. Meia vitella saltando, ou um linguado frito arriscando-se a igual vitalidade, faz lembrar ao nosso portuguezismo

a lenda allemã dos *mortos andam depressa,* onde o punhal representa o papel que a faca e o garfo desempenham nas tascas ruraes.

A theoria das meias-dóses comprehensivel para quem a exemplificou praticamente no prato, é realmente confusa para quem appetece azeitonas ou queijo, e ouve o criado da locanda gritar para o balcão — venham meias azeitonas ou venha meio queijo, dóse no primeiro caso ridiculamente homœopathica para um amador, excessivamente brutal no segundo para quem já chegou á sobremêsa com o estomago repleto, e apenas pretende um saboreante que o faça esquecer dos azeites e vinagres do repasto campestre.

As hortas são frequentadas innocente ou maliciosamente, conforme é uma familia patriarchal que as procura com pretexto para tomar ar, forrando-se ao trabalho de pôr a panella ao lume, ou é o celibatario incorrigivel que as visita para ter tempo pelo caminho de esmoer o jantar, e de se alliviar sem testemunhas da carga que o temporal o obriga a alijar.

No primeiro caso a horta cheira a ecloga, rescende ao rosmaninho pastoril com que as aldeãs se perfumam.

No segundo caso é o candongueiro de vinho carrascão que vem contaminando a estrada até entrar as portas, sem que a alfandega municipal possa exigir-lhe direitos pelo odre que chegou vazio.

Ao que, antes das novas ambições sociaes, se chamava operario, sem aristocraticamente os chris-

mar de artistas, podia-se dizer, ao vêl-o dirigir-se para as hortas, o que o snr. visconde de Castilho applicou com a maxima opportunidade no passamento do real operario o snr. D. Pedro v:

> **Foi-te a semana asperrima;**
> **prostrou-te; mas, valor!**
> **Chegaste ao dia setimo,**
> **ao dia do Senhor!**

Então ainda o operario descançava no setimo dia, nas hortas, ou no seio da eternidade. Hoje o operario não quer nem aceita descanço. A Internacional, como o espectro de Banquo, vem constantemente sentar-se com elle á mesa do banquete. Se tres amigos se abrigam do sol debaixo do parreiral sombrio e convidativo de um retiro campestre, surge logo entre elles a questão do salario, a sombra do capital, o phantasma das *greves* a amargurar-lhes a comida, a entibiar-lhes a fraternidade do trabalho, a azedar-lhes o amor do proximo, que é a base em que assenta toda a caridade evangelica!

E o setimo dia, o dia do descanço, o dia da paz do espirito, da tranquillidade da consciencia, roubou-o a Internacional a quem trabalha, com os seus sophismas, com os seus egoismos, com os seus odios, com os seus eternos protestos da materia bruta contra o Evangelho que é a fonte pura da mansidão e do amor!

E nós a philosopharmos entre cangirões de vinhos toldados pelo azeite de peixe, em vez de pro-

curarmos ser envolvidos pelos incensos do thuribulo, pelos perfumes que convidam ás cogitações do ideal!

O ideal! Ahi nos cahem em cima os paspalhões da arte moderna, os Attilas da sobriedade litteraria, os atheus do idolo que elevaram e de quem desconhecem o poder. Fallar do ideal a proposito d'uma patuscada nas hortas! Desacatar a Internacional no seu templo, na taberna, entre os sacerdotes!

Pedimos perdão aos criticos. O ideal desprende-se da materia tão sem constrangimento, como as theorias balofas dos bufarinheiros litterarios se destacam d'esse aphorismo, que chama estulta á gloria que nos resulta d'aquillo que fazemos sem utilidade.

Em quanto á Internacional não temos de quê, nem a quem pedir desculpas. Lembramo-nos d'ella, onde ella nos podia e devia lembrar. Novo Memphistopheles, que tenta o moderno Fausto (ahi nos espingardeiam outra vez os commentadores de Gœthe!), a Internacional consome e devora a seiva popular, entenebrece as alvoradas da familia, apresenta ao devorado da fome do saber a formosa Margarida da utopia, que cega, seduz e mata, a esperança que já é muito, a fé que é tudo no coração do homem.

E o Joaquim dos Melões a rir-se d'estas escorregadellas para o sentimentalismo! E os convivas da Perna de Pau a assobiarem o discursador incauto que se metteu a querer corrigir o mundo quando na certã se estava frigindo a poetica prosa da costelleta de carneiro, e a amendoa torrada, que é o *syllabus*

do bebedor discreto, nos estava convidando á ultima libação da despedida!

Infeliz do homem que se mette a desenvencilhar theorias! O astronomo que se julga feliz por haver descoberto uma estrella nova, é cem vezes mais nescio que o ignorante chapado que sabe qual deve ser o verdadeiro tempero de um salpicão, ou que conhece á simples vista o vinho que para encorpar aceitou a alliança de ingredientes estranhos.

Voltemos pois ás hortas. Sentêmo-nos n'aquellas toscas mesas de pinho, que a plaina do carpinteiro não desbastou, e incrustemos á ponta da faca os nossos nomes n'aquellas taboas, que os vandalos do proximo domingo hão-de vilipendiar, escrevendo-lhes por baixo a condemnação da nossa vaidade, o *dies irœ* do primeiro piteireiro que se lembrar de nos tolher o passo para a posteridade.

O nosso seculo é um seculo de ferro. Quem se lembrar de querer viver, ou de fazer viver os outros, na casca dos olmeiros, nas folhas dos albuns, nos granitos dos rochedos, ou nas mesas das tabernas, conte que a mão do homem ha-de em um só dia destruir aquillo que a natureza gastava seculos para aniquilar quando a tempestade varria as florestas, ou as ondas lambiam e sepultavam nas profundezas do mar os gigantes que ousavam desafiar-lhes as iras.

E as hortas?

Voltemos a ellas, mas d'esta vez para não mais divagarmos pelo campo ingrato das doutrinas alcu-

nhadas de sociaes, que pretendem rebaixar a mulher ao nivel do homem, a titulo de a emancipar; que destroem a familia pela transformação do lar em communidade, que aniquilam a idéa santa da patria em nome de um cosmopolitismo contrario ao *gosto amargo,* como disse Garrett, de talhar os sete palmos de sepultura na terra que nos viu nascer.

Pelo velho horario portuguez que mandava jantar nossos avós ao meio dia em ponto, hora a que o sol a pino não convida as aves a gorgear pelas ramadas das arvores, e em que as fontes parecem perder o seu suave murmurio, o frequentador das hortas era para merendar que as escolhia esperando pelas brizas frescas da tarde, mais convidativas e saudaveis para saborear os acicipes de uma mesa rustica.

Era então alegre vêr o velho Portugal das crendices milagreiras desenrugar a testa, e deitar o coração á larga entre amigos, como quem não mal usava, e não mal podia pensar. N'esse tempo já lá por fóra existia a impiedade representada na pessoa de Voltaire e já Rousseau puzera o *Contracto social* a correr mundo, mas ainda cá n'este cantinho da Europa estavam em embryão os livres pensadores.

Em convivio de estroinas aventurava-se já Bocage a soltar a

Pavorosa illusão da eternidade,

mas o leitor d'estas libertinagens poeticas arredava depressa os olhos da pagina impia, para os volver

para as *Recreações philosophicas* do padre Theodoro de Almeida, livro que não sobresaltava ninguem, e de que a propria inquisição não ousava fazer um auto de fé, mesmo á mingoa de materia prima para as suas brutaes execuções.

Quietos os espiritos parece que a materia se sentia folgar mais livre nos repastos ruraes das hortas. Xavier de Maïstre tinha razão quando marcava o antagonismo entre *l'âme et la bête*. As hortas eram a mais pratica exemplificação da theoria do humoristico francez. Para que o corpo folgue é necessario que o espirito abdique do seu ascendente sobre a materia, ou se remonte tão alto que esta o chegue a perder de vista.

Ai! como as hortas eram poeticas no tempo em que as naus dos quintos representavam o unico orçamento do Estado, e em que a constancia nacional se derretia em agosto debaixo do briche das fabricas da Covilhã!

Então tudo parecia bem ao nosso povo. O proprio senhor D. João VI, de faceira cahida e assentando o busto morbido em duas pernas anti-projecto do unico arco triumphal a que podia aspirar, era aceito como um razoavel representante da nossa nacionalidade! Quando elle se balouçava dentro de um coche de gala, S. Jorge estremecia de inveja no seu castello ao vêr-se reproduzido na pouca firmeza do rei mais dado á boa parte que Portugal tem tido.

As hortas hoje vão em decadencia. Fazem-lhes concorrencia os jantares para fóra a duzentos reis, e

mais ainda o descredito em que cahiu a poesia pastoril. O epigramma foi a febre aphthosa que matou as velharias de Florian, e vedou ás pastoras de se mirarem nas aguas crystallinas dos riachos. As Damianas da nossa época se sabem volver os olhos com requebros fazem-se ingenuas ahi de qualquer theatro, e os Albanos despeitados atiram-se para os clubs a maldizer em tiradas oratorias tudo o que existe incluindo as hortas que, por serem fóra de portas, fazem recordar mais a simplicidade da natureza, ousadia que os demagogos não perdoam á munificencia divina.

Pois nós ainda hoje não duvidariamos ir a uma horta recordarmo-nos da fortaleza do nosso estomago, se não fosse receiar que a cozinheira se constituisse em *greve* na occasião, obrigando-nos a jejuar não por exigencia de Roma, mas em virtude de qualquer deliberação tomada á ultima hora no congresso internacional de Genebra, prohibindo os cozinheiros de pôr a certã ao lume.

O SAPATEIRO D'ESCADA

Larra escreveu um espirituoso artigo intitulado —*Modos de vida que não dão de viver*. Á lista das classes minuciosamente estudadas pelo folhetinista hespanhol, é de nosso dever acrescentar a respeitavel e popularissima confraria dos *sapateiros d'escada*.

Typo eminentemente pronunciado, tem direito a ser aceito pela imprensa, e a fazer parte d'uma lista, ainda que mais não seja senão d'uma lista de proletarios. Lista para que se não compram votos... porque não ha dinheiro; para que se não fazem revoltas... porque não ha ministros; que não tem opposição... porque ninguem aspira ao poder; e que não conta sequazes... porque não dá recompensas; lista finalmente tão *lucrativa* como a da misericor-

*

dia; tão magra como a d'um hotel *au rez de chaussé;* tão intelligente e conscienciosa como uma lista eleitoral n'umas eleições a cordel. Eu te saúdo, sapateiro d'escada! Fazes parte d'uma lista para que não vendeste a consciencia; para que não incensaste o governo; para que não agiotaste com a viuva; para que não renegaste a vontade, o tira-pé e o senso commum. Eu te saúdo! Se d'entre portas festejas o sol, que alvorece por detraz da trapeira do teu visinho defronte, tambem te despedes d'elle com toda a cortezia, e o saúdas do patamar, ao pendurares a candeia no carcomido ferrolho da tua porta de entrada. Perdôa-me, se lhe chamei tua! Sua lhe chama tambem o inquilino do primeiro andar; sua e muito sua lhe chama quem, empoleirado na aguafurtada, dá como razão de morar tão *alto,* se é empregado publico, ficar mais perto da *baixa;* se é usurario ou lojista, o poderem vêr da janella uma comprida nesga do Tejo. E o senhorio a todos acha razão, menos a ti, sapateiro! A quem mora no primeiro andar, porque na sua opinião é quasi que um palacio. A quem habita na trapeira, porque tambem já apostou, e perdeu, que não havia panorama mais lindo, do que o que se descortinava sem oculo, por entre as biqueiras do seu predio, e um gallo de folha de Flandres encarapitado no tôpo da chaminé fronteira! E tudo porque? Porque os inquilinos pagam-lhe renda; e tu apenas recebes os direitos de portagem, e enxotas com severidade algum cão, que venha incivilmente ladrar-lhe á porta!

E o sapateiro ri-se e despreza-os, porque tem a consciencia da sua posição. Se não é elevada, porque nem mesmo alcança o primeiro degrau da escada... social, em compensação d'isso, conhece e avalia em si recursos, que o habilitam a subir, e a descer tambem com azas... muitas vezes de pau, da porta da rua ao quinto andar, e do quinto andar até á porta da rua. Enthusiasta pela leitura, o sapateiro d'escada sabe de cór as façanhas mais façanhudas do Carlos Magno. Dóe-se da sorte do pobre Guy de Borgonha, e enthusiasma-se por Oliveiros e Ferrabraz, como um reformista pelas idéas de Cobden, ou como um pateta pelas cadernetas do *Judeu Errante*. Aborrece o almirante Balaam, quasi tanto como um inglez ama a cerveja, e enternece-se pela formosa Floripes, ainda mais, se é possivel, do que o agiota por um recibo, e o deputado de provincia pelo primeiro discurso que alinhavou sem mentor. O sapateiro d'escada tem o quer que seja d'almanach. Conhece de vista quasi toda a gente do seu bairro; sabe os nomes a todos os moradores da sua rua; os empregos a todos os inquilinos do seu quarteirão; as idades a todos os visinhos da sua escada. Além d'estes estudos, apenas topographicos, o sapateiro d'escada prima n'outros diversos ramos de sciencias e de litteratura. Sabe as biographias de todos os enforcados em Lisbóa desde 1834, e a historia documentada de todas as revoluções desde 1820.

Com o seu tal ou qual instincto d'artista, o sapateiro d'escada chora ao vêr representar uma farça no

Salitre; e ri estrepitosamente ao ouvir um melodrama descabellado em tiradas balofas de um cantochão de surdina. Tão forte na pratica como nas theorias, deita meias solas com toda a segurança, e discute com conhecimento de causa a theoria do remonte. Politico por necessidade, apoia no primeiro andar o absolutismo, a monarchia no segundo, no terceiro a republica, o socialismo no quinto, e o communismo nas aguas-furtadas. Nacional por força de circumstancias, a introducção das botas de polimento fixaram-no ainda mais nas suas primitivas opiniões. Olha com um certo ar de sarcasmo para a sola fina e não póde levar á paciencia que tivessem cahido em desuso as taxas nacionaes. Com um bem entendido orgulho de classe, o sapateiro d'escada odeia os rifões, desde que algum mal intencionado se lembrou de inventar o de — *ou Cesar ou sapateiro*. Eloquente por natureza, os seus recursos oratorios duplicam de logica e de vehemencia nos debates d'este melindroso assumpto. N'estas occasiões é que se lhe conhece a arraigada crença n'um dogma: esbraveja como um possesso, nega a palavra á opposição, bate inspirado na tripeça, e n'um epilogo digno de Mirabeau, remata, sem lhe ser dado ouvir os immensos applausos dos seus numerosos amigos. O sapateiro d'escada é retrogrado. Se no officio anda pelo menos atrazado cincoenta annos, em tudo o mais quasi pouco adianta; prefere a nisa á sobrecasaca; o chinquilho á liberdade de imprensa; o lagarto da Penha a um retrato a daguerreotypo; e uma traducção d'es-

sas que por ahi correm, ao zum-zum um pouco mais harmonioso d'um realejo quebra-cabeças. De ordinario o sapateiro d'escada não aprendeu o officio. Escapo dos recrutamentos por algum feliz defeito natural, opta pela sovela, com preferencia a deixar-se morrer de fome: sem curso especial, tudo o que faz deve-o a si. Soletra os manuscriptos e lê por cima a letra redonda; escreve com pauta e faz as contas pela taboada; diz que sabe a doutrina, e confunde os sete peccados mortaes com as obras de misericordia!

O sapateiro d'escada nunca trabalha sem oculos. Perdeu a vista a lêr entremezes, e a espreitar por conta alheia a vida da visinhança; o que perdeu na vista, ganhou no ouvido.

Fingindo, como elle diz, que faz pela vida, nada lhe escapa. Ouve tudo; desde os arrufos matrimoniaes dos visinhos defronte, até ás confidencias seraphicas dos namorados nocturnos; desde os calculos financeiros do agiota da agua-furtada, até ás rimas bombasticas d'um poeta de sobre-loja; desde os planos economicos do fanqueiro da esquina até ás salvè-rainhas sorvidas da beata do quarteirão fronteiro; tudo é do dominio do sapateiro d'escada! Erudito á força, sabe em resumo o que a visinhança cuida saber á larga. D'aqui lhe vem a mania de querer ser conselheiro honorario de todos os seus conhecimentos; é capaz de enredar uma familia só para lhe dar um conselho; de indispôr dous amantes só para ser medianeiro officioso das pazes; de intrigar o bairro inteiro, só para depois ter o gosto de vêr assignar

um protocollo! Quasi Metternich pelos mexericos, o sapateiro d'escada, como um ministro constitucional, alcança frequentes vezes um *bill* de indemnidade, e levantando avultados fundos de calumnias, entende que não deve depois dar contas nem ao paiz que se achou logrado, nem á memoria que lh'o concedeu, julgando que o sapateiro e o ministro fariam melhor uso da prerogativa que se lhes concedera.

O sapateiro d'escada trabalha pouco e mal, mas ainda assim faz obra digna dos seus freguezes. Desde o official desligado até ao aprendiz de barbeiro, desde o filho mais velho do empregado publico até ao distribuidor de cadernetas e de gallicismos, são todos freguezes seus! Ha ainda porém uma differença, é que o militar e o empregado publico pagam ás prestações, em quanto o aprendiz e o distribuidor saldam as suas contas á vista. O sapateiro d'escada é previdente e perspicaz desde a primeira banca-rota; póde talvez ser um pouco remisso no trabalho, mas ninguem o accusa com justiça de falto de cautela em exigir os pagamentos. O sapateiro suspira e morre por ser eleitor; não são as glorias de cidadão que elle ambiciona, mas a possibilidade evidente de poder vender o seu voto pelo preço de dous pares de botins. Não podendo beber na taberna, folga n'ella. Dia de eleições é dia de festa para o sapateiro d'escada. Veste-se de ponto em branco, vai para a freguezia, e não abandona a urna em quanto não reconhece a manifesta impossibilidade de poder fazer um deputado digno do eleitor. Não poucas vezes

o sapateiro d'escada é victima do seu amor á ordem e á legalidade. Creatura simples, chegada ao regedor, paga nos arraiaes as culpas que não commetteu, arremedando o marido trahido da satyra de Tolentino, frequentemente algum inimigo mais pronunciado do regedor:

Pelas manhas da besta pune a albarda.

O sapateiro d'escada nunca deixa passar pela rua o bando dos arlequins sem lhe exigir um cartaz, e com as taboas da lei na mão, explica ao povo escolhido os mysterios da corda bamba, a theoria da elasticidade, e os principios luminosos das forças centrifugas. Perna fixa de todos os arraiaes, a não serem intrigas mesquinhas, rarissimas vezes deixa de ser o pregoeiro de leilões. Poeta espontaneo como uma urtiga, o sapateiro não recúa diante d'um mote. Não tendo a ventura de poder pagar decima, illude o seu desejo em as fazer no papel. Por via de regra o sapateiro d'escada é inimigo do janota, porque se persuade que foi elle quem inventou o calçado moderno. Bom cidadão em theoria, póde o governo chamar ás armas seis mezes a fio com a trombeta de Oberon, que nem sequer um sapateiro d'escada acode a salvar a patria. Em troca, porém, da sua negação para as armas, entôa todos os hymnos com o verdadeiro enthusiasmo d'um girondino, e de pé na tripeça como os augures da Roma pagã, soletra em voz alta ás turbas, apinhadas em roda d'elle, o in-

teressante e novo supplemento ao *Diario*, com as noticias circumstanciadas das ultimas victorias. O sapateiro d'escada é partidario aferrado da estrategia de Fabio, porque entende que só das marchas e contra-marchas póde nascer a necessidade das meias solas, ou o poetico devaneio do remonte sem restricções. Temendo as represalias mesquinhas da gente de coração pequeno, o sapateiro d'escada entende e bem, que o mais razoavel e seguro, é deixar-se morrer solteiro. Como medianeiro em mais de um cento de casos difficeis em assumptos amorosos, tem a presumpção de conhecer a fundo as mulheres, e teme pela inviolabilidade do juramento da que pudesse gozar a ventura de lhe chamar seu marido. Não obstante aconselha o matrimonio, como o medico os palliativos que não possam sarar de repente. Louva o casamento como um meio hygienico e deixa-se ficar solteiro; aponta-o como um arrimo na velhice, e prefere morrer no hospital sem os afagos e carinhos da sua cara metade. Como toda a regra tem excepção, ha sapateiros d'escada que se casam, mas passada a lua de mel, não poucas vezes se vê a policia, a metter-se nos negocios domesticos dos dous conjuges.

Como todos os homens de principios invariaveis, o sapateiro d'escada embebeda-se por calculo; n'essas occasiões ninguem ousa duvidar do seu patriotismo, nem contrariar o direito que lhe assiste a dar o seu voto consciencioso n'uma lista carimbada. Ligado em amizade intima com o andador da sua fre-

guezia, frequentes vezes pede emprestada a casaca, e caminha magestosamente de brandão acceso, ao lado da sege que leva mais um defunto ao cemiterio dos Prazeres. Se lhe falta o trabalho, o sapateiro de escada deixa-se adormecer socegadamente ao sol, e só acorda para ir pela fresca até á taberna, pedir ao vinho o calor, que o sol escondendo-se lhe negou por um instante. No fim do semestre duplicam-se-lhe as obrigações. Depositario das chaves dos inquilinos que abandonam o predio, dirige os novos pretendentes a verem a casa, explicando-lhes os commodos, louvando-lhes a vista, e argumentando com a barateza do aluguel. Põe as mãos no fogo pelo senhorio, préga uma verrina descabellada contra a falta de aceio do inquilino que sahiu da casa, e remata encarecendo a utilidade dos proprios serviços, afiançando que aquelle andar estava um palmito, antes de se ter mudado o fanqueiro que tinha sete filhos que foram sete pragas que lhe cahiram no predio. Se consegue fazer com que se alugue o andar, offerece-se para ajudar á mudança, e diligenceia pôr-se ao facto dos costumes e modo de viver das suas futuras victimas. O sapateiro d'escada não cede a ninguem a prioridade do invento, de viver sem ter de que viver. Mais mandrião do que o cauteleiro e se é possivel ainda mais amigo de dar á lingua do que o barbeiro de sanefas verdes, o sapateiro d'escada vive e morre sem nunca ter contado com o dia de ámanhã, nem ter esperdiçado um minuto para a maledicencia. Ordinariamente o sapateiro d'escada morre de uma in-

digestão, desfecho que talvez pareça pouco verosimil aos leitores, mas que eu lhes afianço ser verdadeiro o maior numero de vezes. Quasi sempre morre pelo tempo da fruta, ou victima da cereja-gallega, ou de uma colica, produzida por uma merenda de abrunhos. Não tendo que legar, tem tambem a ventura de lhe não dar que pensar a quem terá de instituir por seu universal herdeiro. Se assim não fosse, lucravam certamente todas as tabernas do sitio. O sapateiro d'escada morre sem ter direito á necrologia, nem sequer ao menos conseguido, em quanto viveu, as honras de eleitor. Com os creditos d'um pessimo visinho, o sapateiro d'escada não deixa saudades a ninguem do seu bairro. Passados mezes, então é que os moradores principalmente se recordam de que um sapateiro d'escada para alguma cousa lhes podia ser util.

OS CRITICOS

> **Satyras prestam, satyras se estimam,**
> **Quando n'ellas calumnia o fel não verte.**
>
> **BOCAGE.**

Dizia-me outro dia uma senhora,
Que falla menos mal em cousas d'arte,
E boceja a miude co'a leitura
Dos folhetins anões de certa gente;
Que tinha para si, que as sete pragas
Por que o Egypto passou, não foram nada,
Comparadas ás criticas perlengas
Que inundam os jornaes d'esta cidade.
Desejei convencel-a do direito
Que até os parvos tem (segundo a Carta
Artigo não sei quantos) a fallarem
De tudo o que lhes vem á cachimonia;
Mas a discreta dama (e tão discreta,
Que ri de vêr os filhos por brinquedo,
Fazerem dos jornaes chapéos armados)

Confessou-me, em segredo, que já fôra
Cabralista acirrada n'outros tempos,
Pela crença que um dia a lei-das-rolhas
Matasse o folhetim na nossa terra!
Julguei forte de mais este desejo
De vingar com mordaças o bom senso,
Mas, pensando melhor, vi que era justo
Depennar tantas gralhas tagarellas,
Que as pennas do pavão desacreditam
Em balofos rachiticos artigos.

Que em chôcho necrologio, um choramigas,
Nos venha alardear as mil virtudes
Que teve em quanto vivo um seu amigo,
Bom marido, bom pai, filho extremoso,
E até, p'ra tudo ser, bom empregado:
Vade in pace: — que ha gente tão crendeira,
Que, em morrendo um burguez co'a burra farta,
Deixando aos hospitaes legado grosso,
Faz logo d'um chatim santo de polpa;
Embora em trato immundo enriquecesse
O torpe vendilhão de carne humana!

Escondido por traz de tres estrellas,
Venha embora aos jornaes grunhir louvores
Da nova direcção da philarmonica
O pifio mercador, que aspira ás honras
De ser no carnaval mestre de sala;
Ninguem estranha já taes artiguinhos,
Nem se demora a lêr inchadas phrases.

Aos que fazem do X assignatura
(Á falta de melhor authoridade)
Descrevendo os anjinhos que levava
A procissão de tal, em certo dia;
Ou pedindo ao governo que não deixe
Sem recompensa os filhos de beltrano,
Que morreu entrevado, e de velhice,
Sem fazer outra cousa que prestasse
Em quanto vivo foi, senão charadas:
Só direi, o que diz toda a mais gente;
Que, ou são tolos com fumos de ladinos,
Ou velhacos com capa d'innocentes.

Mas a raça peor de parasitas
Que entupe dos jornaes hoje as colunmas,
Sem deixar ao leitor nem paz, nem tregoas;
É por certo a ninhada de pedantes
Que discute o bemol e o si do peito,
Com a mesma caturra gravidade
Que o nosso Bruni toma algumas vezes
Quando julga que a voz lhe chega ao canto.
Se o bom do Tolentino, por milagre,
Resuscitasse um dia (um só que fosse!)
E lêsse os folhetins que ahi se imprimem
Em mascavada prosa, recheados
De banaes citações, de graças fôfas;
Com tres quintilhas sós afugentára
Esse bando cerrado de censores,
Que em desusados sons estruge os ares!
Que lastima não é, vêr nos theatros

Um discreto cantor (d'aqui confesso
Que padrinho não sou de nenhum d'elles)
Esforçar-se por ser bem recebido
Do publico, juiz de taes contendas,
E de rastos andar d'ahi a dias
Nas casas terreas dos Janins d'estalo!

Que direito, pergunto, tem um nescio
Que d'ouvido pescou tres phrases-musicas
A fazer-se palhaço do bom senso
Na corda bamba de serodias chufas?
Que titulos a critico apresenta
Analphabeto, túmido peralta,
Que no palco aprendeu do contra-regra
A saber que um *addagio* vem primeiro
Que o pomposo solícito *allegro,*
A vir dizer de papo á gente séria
Que o Bellini morreu; que o Verdi é tudo;
E zero ao pé dos dous o Mercadante?
Com que bullas de Roma, ou do Chiado,
Das colmeias d'amor surgiu zumbindo
Esse enxame de vêspas, que esvoaça
Dos incautos jornaes nas sobre-lojas,
Aguçando os ferrões na fama alheia?
Se romper umas solas por dous pintos
É direito brutal, que ninguem nega
A quem as bellas-artes menos preza,
Que as fortunas do mestre sapateiro:
Permittido não é a qualquer zote
Arvorar-se em censor, riscar programmas,

E dos prelos fazer casa d'orates.
Pois se tudo se aprende n'este mundo,
Quem metteu na cabeça a seis tarellos
Que escrever folhetins pouco mais era
Que jogar no collegio a cabra-cega?
Se fallar a miude em *partitura,*
Caballeta e *rondó,* fizesse criticos:
O mais tapado e bronco dos coristas
Era n'estas questões um padre-mestre.
Mas o senso commum, o gosto, o tacto,
(E tambem a grammatica) são cousas
Que não descem do céo sobre as cabeças
De engoiados apocriphos censores,
Que sabem quando muito, e não são todos,
Que taurus em latim quer dizer touro!
Se o Filinto, que andou sempre na pista
Dos damninhos pardaes da litteratura,
Os francelhos topasse do seu tempo
A fazerem por cá inda das suas;
Escorchando nas pardas lengas-lengas
A lingua do Camões, mais do Vieira;
Que sova magistral não déra o velho
N'esse improvido rancho de caturras,
Que fazem dos jornaes feira da Ladra
De quanto ensosso deslavado trecho
Aprenderam de cór no *Coitadinho!*

Vou-me agora comtigo ajustar contas,
Rabugenta, cachética matrona,
Que em lugar de sagaz jurisconsulto,

Ou de subtil theologo, nos mandas,
Fallando d'allemã philosophia,
Quanto vesgo filhote de Coimbra
Das garras d'Ulpiano escapo ás iras,
Vem aqui, nos jornaes, defender theses,
E discutir a serio, em lingua bunda,
Os meritos que tem as bailarinas,
Que ha dez annos, no palco de S. Carlos,
Fazem dos *dilettanti* o desespero!
Se alguem por se dizer *leitor constante*
Do jornal que não leu, ou lê á noite,
Ao tomar o café com dous amigos,
Sem gastar um vintem na assignatura,
Tem direito a pedir que se lhe imprimam
Os toscos e banaes *communicados*
Que a ajuda dos visinhos fez gigantes:
Melhor fôra cem vezes dizer logo
No tôpo dos jornaes: «Aqui se vendem
Dormideiras em conta aos assignantes».
Quem não tem que fazer hoje em Lisboa,
Ou não sabe fazer cousa que valha,
Compra penna e papel, tinta e toleima,
(Quem herdada a não tem de seus maiores,
Porque até na toleima ha pergaminhos)
E desaba de vez sobre quem passa
Cataractas sem fim de dispauterios
Que o sisudo burguez paga aos semestres.
Mas deixemos em paz tanto acrobata
Que no circo, aos baldões, passa entre apupos;
E volvamos aos lyricos esbirros,

Que a patinhar no lôdo atraz ficaram.
Casta diva chamar á dançarina
Que em Turin, ou Milão, deixou os filhos,
É peccado menor, se não me engano,
Que em vasconça guindada apologia
Alcunhar um tenor de contrabando
De mimoso cantor, de rei da scena,
E de não sei que mais sopradas phrases
Que inventa o folhetim, ôco e sediço.

Se o somenos nesgado casaquinha,
Por sahir do theatro assobiando
A romanza final do *Rigoletto,*
Póde a salvo metter o seu bedelho
Nas questões musicaes de maior vulto:
Tambem eu, que não sei fazer açorda,
Posso um dia arvorar-me em cozinheiro;
Envenenar com truffas os freguezes
E pôr-me a rir depois de mim, mais d'elles.

O CONSELHEIRO

Quando um burguez, bem nullo e bem burguez, parochiano effectivo da Sé ou de S. Nicolau, não sabe em que ha-de gastar trezentos mil reis mal gastos, mette empenhos, phrase portuguezissima em assumptos de veniaga e balofice, e obtem sem custo a carta de conselho.

O burguez assim nobilitado toma sobre si diversos encargos mais ou menos caricatos, que, enfezando-lhe a burra, fazem com que venha a ser olhado de revés na praça do commercio, onde, no tempo do tamanco, gozava dos mais solidos creditos.

O burguez que tem a boa fortuna de apanhar a carta de conselho, despede em seguida os criados antigos, costumados a darem-lhe o magro tratamento

de «senhoria» e toma outros novos a quem a esposa do agraciado impõe como condição de serviço tratarem o marido por conselheiro, dando-lhe tambem a competente «excellencia» do estylo.

Assim reconhecida em familia a posição official do dono da casa, segue-se-lhe a impressão de uns poucos de centos de bilhetes de visita decorados já com o euphonico titulo de conselheiro, tornando-se d'ahi por diante o agraciado o mais pontual e massador de todos os caturras que ainda hoje se occupam em dar boas festas.

Para se obter a carta de conselho é preciso, entre outras prendas, uma mediana tintura de portuguez, uma calligraphia especial para endoudecer paleographos, e uma aptidão natural para fazer contas de cabeça. Com estes tres predicados está o conselheiro habilitado para presidir á assembléa geral de um banco de duvidosos capitaes, ou para aceitar sem constrangimento o diploma de socio honorario de uma philarmonica qualquer.

Preso á democracia que trabalha pelos armazens de retem que ainda conserva á Ribeira Velha, e á aristocracia de fresca data pelo improvisado nobiliario que o transformou, o conselheiro para dar publicidade ao seu titulo, usa tomar annualmente camarote em S. Carlos na noite do beneficio do asylo da Mendicidade, e arregala d'antemão o olho para a columna do *Diario* em que ha-de vêr o seu nome ladeado do indispensavel adjectivo, que o reconhece como protector official de desvalidos.

É, não abandonando nunca o dia de dar curso forçado ao papel-moeda da sua philaucia aristocratica, que o conselheiro commemora todos os annos em publico o fallecimento de um tio, ou de um primo em terceiro grau, suffragando-lhes as almas por uma libra no noticiario badaleiro de qualquer folha politica.

É deitando assim poeira aos olhos do vulgo que o conselheiro consegue pôr em circulação o seu novo titulo, obtendo dos zombeteiros de profissão uma cortezia acompanhada do sonoro «senhor conselheiro», indicador da qualidade da pessoa a quem se dirige a malevola zumbaia.

Uma das maiores fortunas que póde ter o peão fidalgo é ser casado com uma senhora, que por infelicidade d'ella se chame D. Mafalda ou D. Urraca, e que por acaso se appellide com algum d'esses nomes historicos tornados celebres nas nossas chronicas d'além-mar, e cahidos pelo correr dos seculos no dominio de todos que d'elles se querem aproveitar.

Para o conselheiro o nome tortuoso da esposa é argumento para elle irrefragavel e para os incredulos improvado, da pureza de sangue de ambos, e do direito que lhe dava á carta de conselho o appellido de Castro ou Albuquerque anteriormente a ter-lhe chovido do throno a agua lustral, que veio como os borrifos de maio, verdejar-lhe a folhagem empoeirada da sua rachitica arvore genealogica!

O verdadeiro conselheiro, o que comprou a metal sonante a honra de se assignar como tal, arriscando-se nos primeiros tempos, illudido pela orthographia, a escrever carta *de concelho,* como se fosse carta recebida da terra da sua naturalidade, é dado á politica por intermittencias, e o seu credo resume-se em sustentar a necessidade do equilibrio dos poderes publicos.

Por detraz d'esta doutrina verdadeira em theoria, arma o conselheiro á possibilidade de tomar um dia assento na camara hereditaria, deixando por sua morte ao filho mais velho o facil encargo de obter uma carta de bacharel formado, que o habilite a perpetuar por mais alguns annos os brazões da familia, dando tambem aos pelleiros mais um freguez de pelles de coelho baptisadas com o nome de arminhos pela consciencia larga do lojista.

Pessoas innocentes cuidam que ser conselheiro é como ser commendador, archeiro, moço da real camara, homem de ferro na procissão do Corpo de Deus, ou qualquer outra figura comica da actualidade, fertil em mascaradas divinas e profanas.

Enganam-se os que assim pensam. O commendador põe a venera e enfeita a farda: o archeiro estica a perna e põe-na em contacto com a proeminencia do ventre; o moço da real camara segue sem o saber um curso de criado de casa nobre, precavendo-se assim contra a adversidade; finalmente o homem de ferro, envergando a armadura e sangrando-se de-

pois por cautela, faz-se respeitado no seu bairro pelo culto instinctivo que o vulgo presta á força physica. O conselheiro assigna-se... e mais nada!

Para o respeitador de antigualhas, o autographo de um personagem celebre é um verdadeiro achado, mas póde-se affirmar sem receio de engano que a assignatura empinada do conselheiro nem d'aqui a tres seculos terá valor estimativo no mercado de raridades nacionaes.

Os viajantes, que já de ha muitos annos notam com certa incredulidade que todos nós sejamos «excellentissimos», o que é formalmente desmentido pela estatistica criminal, se fôr crescendo a lista dos conselheiros, mais pasmarão de haver em terra tão pequena tanta gente em circumstancias de dar gratuitamente conselhos a quem lh'os não pede, e nem sequer lh'os aceita.

Um dos caracteristicos mais salientes do conselheiro é a obesidade. Os que teem estudado a especie com certa sagacidade, attribuem o phenomeno á ebullição lenta que geralmente se manifesta nas idéas do conselheiro, lentidão que sendo um mal nas funcções digestivas, é um bem inapreciavel quando a intellectualidade repousa, deixando-se vencer pela materia.

Eu sou de opinião diversa: creio que o conselheiro engorda pelo bem cabido orgulho de ser o primeiro figurão da sua raça.

Vinha aqui a proposito contar as transformações por que o marçano passa até dar comsigo em conse-

lheiro: acompanhal-o á compra do primeiro casaco de pano da Covilhã; assistir depois com elle na feira da Ladra ao alborque da arca pintada de almagre pelo bahu, futuro depositario das suas soldadas de caixeiro; espreital-o mais tarde na compra da almejada primeira inscripção de tres por cento; contemplal-o, finalmente, já com fumos de negociante passeando de palito na bocca e as mãos atraz das costas pela feira das Amoreiras, com a vermelhidão modesta do Bucellas a purpurear-lhe as faces!

Pensam muitos que a carta de conselho é remuneração tardia de uma vida publica laboriosamente empregada, quando não é mais que o significado de um calculo feliz entre o preço da importação e o da exportação, a incognita achada no modo de duplicar o capital, sem risco de ser declarado fallido pelo tribunal do commercio.

O conselheiro endinheirado mora á ingleza n'uma rua bem silenciosa, tem medico de partido, e é assignante do *Times* por amor ás instituições britannicas... que conhece de nome.

Quando o conselheiro passa d'esta para melhor vida, periphrase amena que evita o emprego mal soante do verbo morrer, que seria um desconchavo de grammatica applicado a um immortal, a familia do finado aproveitando-se ávida do estylo mortuario, participa pelos jornaes que o conselheiro fulano de tal deixou de existir; e o necrologio, apossando-se do caso, evita, como lh'o aconselham as conveniencias, fallar das grandezas do bemaventurado, para se

não arriscar a encontrar quem affirme sorrindo tel-o conhecido... pau de laranjeira.

Como epiphonema d'este esboço physiologico diremos que Deus quando creou o homem á sua imagem e semelhança nunca imaginou que a sociedade havia fazer d'elle um conselheiro.

O FADISTA

Bem no fundo das ultimas camadas sociaes, e como pedra de toque dos vicios que a civilisação ainda não logrou corrigir, destaca o vulto semi-poetico do fadista, ora sombrio como a fatalidade que representa na terra, ora folgazão e jovial como quem corre pelo mundo ás soltas, liberto dos laços da familia, descuidoso das leis que regem a sociedade.

Eu não sou dos que, como o philosopho inglez, crêem que o homem nasceu dotado de ruins instinctos, mas temo pelo futuro da criança que a escóla desampara, ou que a mãi sem entranhas atira para dentro da roda de um hospicio.

A marca do exposto é a triaga que a criança bebe de mistura com o leite mercenario da ama a quem a entregam, fica a envenenar-lhe para sempre a exis-

tencia, como as algemas tambem eternamente roxeiam os pulsos do forçado.

Sem berço, em que as lagrimas maternas se tenham confundido com as nossas lagrimas infantis, sem a recordação suave da primeira Avè-Maria que nos foi ensinada quando mal ainda balbuciavamos a palavra — Deus — difficil é, se não impossivel, que a existencia nos corra bafejada pelo perfume da virtude.

Olhar para detraz de si e vêr tudo escuro, é entenebrecer tambem a consciencia, e cerral-a para os echos longinquos mas saudosos da infancia. A caridade, o melhor dos sentimentos do christianismo, nunca tão completamente se desempenha do seu nome como quando abre as portas dos asylos á velhice, e a reconforta no ultimo estadio da sua peregrinação pela terra. Nunca a caridade é menos a voz do céo do que quando por misericordia acolhe na creche a criança desamparada, e a atira depois para o mundo, sem a luz do ensinamento moral.

A grande personificação do desvalimento hereditario symbolisa-a o maior poeta d'este seculo, na bem talhada figura de *Ruy Blas;* mas d'ahi para baixo ainda quanta miseria, e quanta abjecção! O typo que n'este estudo vamos esboçar pertence á grande familia dos parias, ao bando d'esses famintos de justiça para quem tarde ou nunca soará a hora da redempção.

O fadista, nome que talvez destôe ao ouvido do leitor, como synonymo de relaxamento da dignidade

humana, merece o seu lugar na vasta galeria dos desherdados da fortuna, na infinda caravana dos que atravessam como um deserto a vida, para tantos povoada das melodias com que entre si se entendem e communicam os corações dos felizes.

Mixto confuso e incoherente do bem e do mal, que contas póde a sociedade tomar ao homem que o crime repelliu do lar materno, a miseria assalariada amamentou, depois, no matadouro legal chamado a roda dos expostos, que finalmente uma administração myope, ou impotente, empurrou sem guia para o antro em que os passos de quem entra acorda o monstro que se chama vicio, e que lá dormia no fundo?

Deixai primeiro fallar o homem, que talvez vos tenha já extasiado alguns instantes ao som magico da guitarra nacional, e condemnai-o só depois de o ouvirdes. A sua genealogia, ao contrario das genealogias legendarias dos infatuados da aristocracia, é precisa e sem confusões:

> Sou filho das pobres hervas,
> Neto das aguas correntes!

Humilde, mas ironica filiação é esta, que se dóe do abandono da infancia, e com as lagrimas na voz, e o orgulho no coração, se declara filho do que existe de mais rasteiro na terra — a herva; — neto do que mais sem destino se conhece — as aguas correntes!

Avós são estes que se não envergonham com as

acções dos que d'elles descendem, que não obrigam pelo exemplo a moralidade da sua estirpe.

Um erudito, cavando pelas fundas minas da historia póde remontar a lista dos expostos celebres a Moysés, e addital-a com os nomes de Semiramis, de Œdipo, de Páris, de Romulo e Remo.

N'este meu despretencioso gabinete photographico só entram, e só d'aqui sahem retratados, os vultos populares que, depois de agrupados, possam formar uma modesta galeria de typos nacionaes. N'este numero entra o fadista com seguros e incontestaveis titulos.

Se a musica, o canto e a dança populares são dos mais seguros caracteristicos da nacionalidade de qualquer povo, entre nós o mais genuino representante d'estas artes é incontestavelmente o fadista. Os monotonos e plangentes sons da guitarra, casam-se admiravelmente com a palavra quasi sempre triste do fado, e com o compasso ora languido, ora vivo, da dança, que os acompanha.

O fado é de ordinario a historia veridica e romanesca do homem que de guitarra em punho extasia os ouvintes, narrando-lhes as tribulações da sua vida, ou os incidentes e peripecias dos seus amores. O mote, a divisa do fadista é:

> Eu hei-de morrer cantando
> Já que chorando nasci.

Poeta, e sobre poeta improvisador, o fadista acirra pela intemperança a já exaltada sensibilidade da

sua natureza, e não é por isso raro vêl-o descambar no crime.

A navalha de ponta e mola, inseparavel companheira da banza do fadista, tem um lugar de honra nos annaes da policia correccional. É com este instrumento traiçoeiro, e infelizmente nacional, que o fadista enceta e termina todas as suas pendencias.

> **Mais propenso ao furor do que á ternura,**

como de si dizia Bocage, e,

> **Bebendo em niveas mãos por taça escura**
> **De zelos infernaos lethal veneno,**

é quasi sempre o ciume que o leva ao banco dos réos, e de lá aos inhospitos presidios da Africa Occidental.

A historia amorosa do fadista, a longa Illiada das alegrias e desconfortos do seu coração, se elle a não houvesse popularisado nas trovas, lêr-se-lhe-hia inteira nos arabescos desenhados no proprio corpo á ponta da agulha, pela mão segura do phantasioso amador!

O marmore e o bronze que perpetuem os feitos dos heroes; os Herodotos e os Tito Livios que lhes commentem as acções; o homem do povo segrega-se das paginas ruidosas do livro, e regista com o proprio sangue as suas ephemerides intimas.

Nomes, datas, corações, juras, protestos, symbolos, e entre estes a imagem santa do Crucificado, tudo se vê esculpido nos braços robustos do fadista!

A vida com todas as suas alternativas, o coração com todos os seus sonhos, o mundo com todas as suas desillusões!

Se Laura não tivesse existido, Petrarcha não deixaria talvez de escrever a sua correspondencia, mas a posteridade ficaria de certo privada dos seus immortaes sonetos.

É principalmente, quasi exclusivamente o amor, que faz poeta o fadista, e lhe revela o instincto philosophico que caracterisa os seus cantos. Quem não tem parado na rua, ao ouvir sahir de dentro de humilde e afumada pocilga uma voz melancolica cantando:

> Quem tiver filhas no mundo
> Não falle das malfadadas,
> Porque as filhas da desgraça
> Tambem nasceram honradas?

N'um paiz de seguidas tradições maritimas como o nosso, a poesia popular não podia deixar de se inspirar das scenas tocantes de que o mar é não poucas vezes testemunha. O fadista, trovador ambulante da plebe, compraz-se em procurar os seus similes na agitação constante das vagas, no agreste sibilar dos ventos, na inconstancia do elemento que, com a maior fidelidade, lhe retrata a instabilidade dos proprios sentimentos.

Original até no modo de trajar, o fadista distingue-se pelo caracteristico encaracolado das melenas, pelo córte exagerado do jaleco, pela cinta vermelha com que cinge o corpo, finalmente pelo talho espe-

cial da calça, esticada no joelho, ampla e fluctuante d'ahi para baixo, até lhe encobrir o pé.

Variado, engenhoso e pitoresco, é o calão do fadista. A sua linguagem amorosa, inintelligivel dos profanos, abunda em graciosos diminutivos, em poeticas e hyperbolicas imagens. É quando a aguia paira mais alterosa nas regiões do vicio que o recrutamento lhe corta as azas, e a engaiola entre as quatro paredes de um quartel. A vida do soldado, antithese das liberrimas fluctuações a que o fadista anda afeito, quebra-lhe o animo para as aventuras, amesquinha-lhe a imaginação para a arte.

O rouxinol, enlêvo e encanto das selvas, se o prendem, precisa que o ceguem tambem, para que possa fallar pela voz da sua saudade. Vêr-se captivo e cantar era-lhe impossivel.

O fadista, feito soldado, deixa de ser homem, é um automato! Os artigos de guerra arrefecem-lhe a inspiração, entibiam-lhe o enthusiasmo pela poesia, sua irmã de infortunio.

Quando o fadista chega a obter a baixa do serviço militar é um velho, e a velhice sonha... com a tranquillidade da campa.

*

O BROEIRO

A palavra broeiro, modernamente adoptada em Coimbra para designar o estudante pelludo, alheio ao trato fino das cidades e capaz de engulir as mais absurdas galgas, alargou depressa a área da sua significação, e abrange hoje uma classe que o governo de um dia para o outro se verá obrigado a mandar agremiar, como pede a justiça e os bem entendidos interesses do fisco.

O broeiro, na sua accepção primitiva, era o rapaz creado a brôa na casa paterna, furtado á rabiça do arado pela ambição da familia, e atirado bronco e ás cegas para os claustros da universidade. A saragoça nacional vestiu-o até aos quatorze annos, e as sapatas de atilho de couro, appellidadas de cothurno pelo tio padre, preservaram-lhe os pés das ur-

zes dos vallados, por onde o montezino estudante fazia as suas matutinas correrias á cata dos coelhos.

A *Selecta* levou-a o futuro bacharel de par com o fandango, e o *Tito-Livio* mereceu-lhe sempre menos profundas cogitações que o machinismo de uma espingarda de dous canos, ou os olhos travêssos de uma cantadeira de arraial.

A batina, em vez de aclarar as idéas do broeiro, embruteceu-o; e á terra da sua naturalidade, onde o julgavam um portento, voltou o estudante pelas férias grandes com mais alguma giria que tomára do trato com os outros estudantes, mas broeiro até á medulla dos ossos, a ponto da mãi desconfiar que as aguas do Mondego, boas para inspirar poetas, eram damninhas ao cerebro impermeavel do filho.

O broeiro que estudou na universidade, distingue-se, depois de bacharel formado, por uma pronunciada tendencia para as côres vivas nas mantas do pescoço e nos colletes, e conhece-se sentado pela desgeitosa configuração que toma, aninhando uns pés monstros nas reguas das cadeiras, ou pelo modo alvar por que se coça atraz da orelha quando a logica o abandona no meio de uma arenga.

Obrigado pelas urgencias do estomago a entrar na vida publica, e vendo a impossibilidade absoluta de encetar a advocacia, mendiga durante seis annos o lugar de administrador de concelho de alguma terreola da Beira, ou de Traz-os-Montes, o que obtem depois de suadas porfias, graças a umas eleições tumultuarias em que o candidato do governo logrou,

depois de mil trapaças, supplantar o adversario que, diga-se a verdade, era digno rival do triumphador.

O broeiro assim agraciado, e que até então só vira em perspectiva a emigração para o Brazil como refugio da sua ruim estrella, pensa no matrimonio como complemento da sua missão na terra, e começa desde logo a idear os agradaveis serões que ha-de passar jogando a manilha fallada com os visinhos, ou, labutando á falta d'elles, na minuta do officio que deve dirigir ao governador civil do districto, dando-lhe parte da captura de um refractario, ou do modo por que satisfez ás indagações estatisticas que lhe foram exigidas.

Inimigo de letra redonda, o broeiro considera a arte typographica quasi como um sortilegio, e esquiva-se a tirar o retrato por considerar a photographia como uma ramificação damnada da nigromancia, e como tal digna dos exorcismos mentaes de uma boa authoridade administrativa.

Quanto mais elevada chega a ser na sociedade a posição do broeiro, mais, como é natural, se tornam n'elle salientes as faltas de tacto que desde rapaz o recommendaram á causticidade do epigramma, e á accentuada malicia da caricatura.

Quando Camillo Castello Branco escreveu a sua portuguezissima comedia *O Morgado de Fafe,* trazia de certo algum broeiro a fazer-lhe negaças ao espirito indagador, e como que requerendo-lhe alguma d'aquellas pitadas de sal com que o humoristico romancista tempera as suas narrativas. O requerimen-

to do broeiro foi deferido, e, baptisado com o titulo de *Morgado de Fafe,* alegrou por alguns serões as platéas casmurras e ordeiras do theatro de D. Maria II.

É de ordinario pelo inverno que o broeiro larga barcos e redes e vem á capital. Por uma inexplicavel aberração da logica vem trazido quasi sempre por um pretexto artistico, ou por uma curiosidade monarchica. Servem-lhe umas vezes de reclamo as Albonis ou as Marchisios, basta-lhe outras para estimulo a simples abertura das camaras, o baptisado de um principe, ou a morte de um patriarcha.

O broeiro não parte nunca da terra da sua naturalidade com destino á capital sem ter primeiro mandado fazer no Porto uma andaina de fato novo, lustrado em Braga o chapéo-pharol e encommendado de Lisboa meia duzia de pares de luvas do Baron. Assim enroupado e enfeitado, mette-se nas Devezas n'um wagon de segunda classe, a que elle pela unica recordação mythologica que conserva e aproveita, chama não sei com que bullas o *Centauro,* e eil-o a caminho, comprando ovos molles em Aveiro, e arrufadas em Coimbra, até dar comsigo nos *Irmãos Unidos* que, na sua atrazada classificação provinciana, tem como o ideal das estalagens nacionaes.

A primeira visita do broeiro logo depois do almoço, é para a estatua d'el-rei D. José, a segunda, por disparate, ao leão do passeio da Estrella, a terceira, e essa mais justificada, ao hospital de Rilhafolles, a quarta e a ultima á casa da opera como elle chama a S. Carlos, onde passa meia hora em-

basbacado a olhar para o lustre, até que a orchestra o desperta do seu lethargo admirativo, chamando-o ás para elle inaccessiveis regiões da arte.

No broeiro a musica produz o mesmo effeito que no urso. É simplesmente um convite directo á dança, o acompanhamento mais ou menos estrepitoso de um bailarico. As figuras mais caracteristicas das grandes tragedias lyricas olha-as elle com uma indifferença visinha do desprezo. A sua admiração inteira é para o ponto que resiste, como elle assevera, a toda aquella discorde berraria.

O broeiro póde ser broeiro e ter, como tem, avós e primos, os dous parentescos que mais alargam as relações de familia. Os primeiros são a estrada real da vida do homem que anda no mundo porque o fazem andar; os segundos são as arterias, as veias alimentadoras do automato que carece da cotovelada dos parentes para dar indicios de actividade, um simulacro ao menos de importancia social. São geralmente dous primos semi-civilisados, que escoram a gravidade do broeiro e o guiam nas suas peregrinações artisticas pela capital.

As leituras predilectas do broeiro são os romances eroticos. Serve-se d'elles para estimular a carne, em vez de a castigar, soletrando as parabolas do Evangelho. Das folhas politicas o broeiro apenas lê o *Diario do Governo,* que guarda para a socéga, e a que adormece abraçado como um martyr á sua cruz.

Como fallei accidentalmente em dormir, direi que

o broeiro tem o mau gosto de preferir o xergão ao colxão, bastando-lhe, se não fosse a antipathia que tem ás camas fofas, o deitar-se sobre as proprias costas para dormir em boa lã.

O caracteristico externo mais saliente do broeiro é um enorme annel de brilhantes enfiado no dedo minimo, e que de ordinario fica em Lisboa como paga dos alvoroços de coração do seu possuidor. Em quanto porém se não dá este caso, o broeiro faz com o annel as mesmas evoluções que as crianças travessas com as laminas dos espelhos, expondo-as aos raios solares e passando-as por diante dos olhos dos incautos.

A differença unica é fazer o broeiro por basofia o que a criança faz por divertimento, e como quem diz aos amigos: «cá estou eu que trago cincoenta moedas n'um dedo só».

O broeiro hereditario, o que tem a fortuna de saber de quem é filho, e a certeza de poder affirmar quem foi a avó, quando deixa o solar dos seus maiores, olha saudoso pela portinhola do «chorrião» para as paredes denegridas da casa que aninhou durante dous seculos quatro ou cincos gerações de parvos, que nada ficaram a dever ao seu actual representante.

É embrenhado n'estas aristocraticas reminiscencias, que Vasco, ou Lopo, dous nomes coevos do descobrimento da India, vem á capital desilludir-se das cousas humanas, e colher a certeza de que o pantheon não dá ingresso aos anonymos.

Por mais esforços que o broeiro faça para se disfarçar, a gata do apologo é sempre gata do apologo. Umas vezes é o collarinho que o atraiçôa, outras o lenço de assoar bordado que o denuncía, outras ainda a bengala de unicornio que o inculca, outras finalmente o relogio de repetição espontanea que está pela inconfidencia a declarar quem é o dono.

As perguntas intempestivas são a morte moral do broeiro.

Homem que pergunta se o templo dos Jeronymos é do tempo dos mouros, ou deseja saber porque um barytono não canta de tenor, é um broeiro que em assumptos historicos ficou em Ourique a olhar para a Apparição, e em questões de arte em pasmo familiar para a *Joven Lilia,* que a irmã mais velha cantava em rapariga.

As crenças do broeiro são poucas, mas arraigadas. A mais profunda d'ellas é na infallibilidade do Papa; e a que a não vence, mas corre parelhas com ella, é na pureza de sangue das raças privilegiadas, desde o cavallo até ao homem, desde a mula de Alter até á Circassiana.

Applicando a si o convencimento d'estas theorias, o broeiro julga-se com direito a figurar pessoalmente n'uma exposição internacional, e tem um dó verdadeiramente christão pelos engeitados, não por serem engeitados, mas por viverem condemnados a não poderem usar de um appellido, para elle a maxima das infelicidades terrestres.

Um dos grandes supplicios, o maior supplicio talvez, do broeiro em Lisboa, é a comida dos hoteis. O broeiro parte ordinariamente para a terra amarellento e defecado. Falta-lhe aqui a açorda de alho com que se creou em pequeno, as migas de bacalhau da sexta-feira provinciana, o leitão assado comido de uma vez e ajudado a digerir por copiosas libações de vinho verde.

O broeiro descauteloso que se arrisca a dar duas voltas pela rua central do Passeio Publico em manhã convidativa de inverno, é, abaixo do triumpho ou do fiasco da primeira dama de S. Carlos, o assumpto predilecto de todas as conversações, o alvo dos olhares dos ranchos de meninas que entre si discutem a possibilidade, proxima ou remota, de encontrarem marido.

Como não ha lei que vede ao broeiro ser celibatario, nem tambem que o exclua do matrimonio, se é raro, não é impossivel vêl-o francamente namorado, e em holocausto ao amor amaciar a grenha com as pomadas do Godefroy, e tentar aperfeiçoar o talho da letra com o calligrapho Godinho.

O espectaculo mais do gosto do broeiro que dispõe de si, liberto de conselhos alheios, é o circo de Price. Na imaginação virgem do broeiro a amazona que faz valsar o cavallo é o typo ideal da mulher, e os palhaços que simulam esbofetear-se, o resumo, o termo de toda a pilheria humana. A gargalhada homerica, que ás vezes resôa no circo, aturdindo os ouvidos dos circumstantes, e sobresahindo

ao tam-tam estrugidor do bombo da banda militar, é a do broeiro ou de algum seu collega da cidade baixa.

O broeiro que se demora em Lisboa é victima das subscripções e dos bilhetes de beneficio. Hoje requestam-lhe a bolsa para acudir aos estragos de uma inundação, ámanhã para acudir aos que soffrem pelos rigores de uma secca. Agora é uma ingenua que lhe offerece um camarote em almiscarado sobrescripto côr de rosa; logo uma viuva que em plangente memorial invoca a caridade de tão solido patrono.

Quando o broeiro se apanha na terra da sua naturalidade ainda o não acredita. Lá é que elle é homem. Apesar de ter partido incognito, a grande nova transpirou. O reverso da medalha, agora, é quasi sentimental. A velha ama que o criou enrosca-se-lhe ao pescoço, e declara por entre soluços que já Deus a póde levar d'este mundo, porque tornou a vêr o seu menino. O cavallo, ocioso na estrebaria durante mezes, relincha em honra do recem-chegado, e o cão vem submisso lamber os pés do dono, quasi que reprehendendo-o da ingratidão de tão longa ausencia.

O profugo da civilisação sente-se á vontade na sua aldeia, livre das importunidades da etiqueta, e tendo atirado para traz das costas a mascara que lhe pesava quasi tanto como ao homem-enigma que por tantos annos a Bastilha viu desgastar as lageas humidas do seu pavimento.

Cada um para o que nasceu. Ha quem n'esta comedia da vida chegue festejado até ao desenlace só por augmentar a sua despeza mensal com a renovação das abas do chapéo. Outros ha que amordaçam a lingua em proveito da barriga, outros finalmente que se deixam ir no barco da carreira dos tolos, de que José Daniel por falta de talento não soube ser o piloto.

A indole chã do broeiro afasta-o das sendas trilhadas pelos fura-vidas, e deixa-o só como joguete inoffensivo das vaias dos que sabem viver, á força de não saberem fazer mais nada. Sirva esta verdade de lenitivo ás inclemencias por que o broeiro passa na capital antes do tronco informe haver sido devastado pela mão do artista, e requerido, depois de transformado em idolo, a adoração e o culto dos contemporaneos.

Conheço broeiros com quem comeria de sociedade uma orelheira de porco, e argutos convivas com quem me negaria a beber um copo de Duque, de 1820.

Montesquieu esqueceu-se no *Espirito das leis* de commentar os principios reguladores entre o homem e o selvagem, esquecimento que eu aqui denuncio como em prejuizo directo do broeiro.

O JOSÉ DAS CAIXINHAS

OU

O MANO DAS MANAS

Quem o não conheceu?

Magro, triste, escalavrado, com o chapéo enterrado pela cabeça abaixo, a sobrecasaca ferindo-lhe a espinha dorsal, e as botas como que convidando mais dous pés a alojarem-se junto dos outros dous que se perdiam no vasto espaço de uns remontes da Ribeira Velha?

O José das Caixinhas foi, durante muitos annos, o alegrão da garotada, o debique das compradoras folgazãs das caixinhas de papelão, sem determinada serventia.

Quem foi, ou quem era o José das Caixinhas?

A miseria esconde sempre caridosamente os pergaminhos d'estes typos da rua, que os enfastiados

das verdadeiras alegrias aceitam, como Francisco I aceitava Triboulet, para rir da deformidade physica do seu bôbo privilegiado, como aquelles da pobreza que não poucas vezes se esconde envergonhada por detraz das pequenas e duvidosas industrias.

É difficil de subir, mas rapidissima de descer a escala social. Basta um pé só que nos escorregue na rampa da vida, para que o commerciante, o herdeiro, o mimoso da fortuna, resvale de escantilhão até ás profundezas do abysmo, estendendo a mão mirrada á caridade publica, ou esmolando industrialmente, como o fazia o José das Caixinhas, a quem nunca ninguem ouviu sahir-lhe dos labios o humilhante — «pelo amor de Deus».

Que a sua genealogia subisse até ter pai e mãi, é caso fóra de toda a duvida, apesar d'elle nunca lhes invocar os nomes, quer para os justificar do seu infortunio pessoal, quer (e ha tanta gente que usa d'esta velhacada como pára-raios!) para provocar a compaixão que uma immerecida decadencia nunca deixa de alcançar das almas bem formadas.

O José das Caixinhas era um estoico. Levava resignadamente a vida, como um animal de carga as cangalhas com que o sobrecarregam, sem perguntar porque, nem para onde. Com um desbotado lenço da India atado pelas quatro pontas, e litteralmente prenhe de caixas de papelão de varias côres e feitios, percorria o nosso homem a cidade, subindo aos quintos e sextos andares, justificando-se de inculcar á queima-roupa a sua industria com o resmungar por

entre os dentes a sacramental desculpa: «É para as manas! Muita pobreza! Comprem, que é para as manas! »

Quem eram as manas? Novo mysterio! Tinham sido bonitas, esbeltas, provocadoras? ou tinham nascido, e viviam agarradas á concha como a tartaruga, deitando apenas as mãos de fóra para retalhar papelão, e ageital-o em fórmas caprichosas, e inventando-lhes depois applicações tambem caprichosas?

Não sabemos. Eram as manas. N'esta fraternidade mysteriosa se resumia todo o segredo commercial do José das Caixinhas. Antigamente havia quem pedisse para as almas do purgatorio, para os captivos d'Argel, para os orphãos; como hoje se pede por annuncios para os asylos, para os albergues, para as creches e para os hospitaes.

Pedir para as manas, era um pedido desusado no formulario da mendicidade, um reclamo sem malicia, attentos os annos do Benjamim, que invocava a caridade publica para as irmãs mais velhas, meninas no tempo em que o senhor D. João VI tinha grandes amargos de bocca conjugaes, e, no auge dos ciumes, tapetava de simonte as salas do palacio real de Queluz.

D'este entranhado amor fraterno, sempre velho e sempre novo, veio ao José das Caixinhas o duplo cognome do «mano das manas» que elle aceitava como galardão das estafas diarias que apanhava para vender por dous ou tres patacos uma caixa de papelão amarello, com recortes verde salsa, ou uma al-

mofadinha da côr das chammas infernaes, debruada de azul celeste, alliança pouco engenhosa das duas côres symbolicas da bemaventurança e da condemnação eterna.

Para não enxovalhar estes primores artisticos, sahidos das mãos enrugadas mas limpas das manas, usava o José das Caixinhas luvas de pellica branca, a que sobravam quatro ou cinco centimetros no comprimento dos dedos, o que lhe embaraçava a agilidade precisa para desatar os nós do lenço, involucro da mercadoria que o amor fraterno punha em circulação com tanto interesse como conhecimento de causa.

Vestido sempre de donativos, mais caridosos do que applicados á estatura do agraciado, as sobrecasacas passavam-lhe sempre dous palmos abaixo do joelho, e as golas divorciando-se-lhe do cachaço, davam-lhe uma apparencia comica, e ao mesmo tempo bonacheirona, que era chamariz dos dicterios chulos do rapazio e das mulheres de vida airada.

Elle, porém, coitado, era impassivel a tudo! Com aquella dentadura com que poderia, se quizesse, triturar os ossos aos que o apupavam, limitava-se a fallar nas manas, como esconjuro ás tropelias de que se via ameaçado. Com o lenço de sêda preta filado no pescoço, como gargalheira de inconfidente e relapso nos paços da inquisição, o José das Caixinhas amparava com elle os queixos e as orelhas, e ainda por cima resguardava as guelas das anginas e das esquinencias.

Já no fim da vida de negociante de caixas de papelão parece que a saude das manas não era tambem das mais florescentes; pelo menos se lhe perguntavam por ellas, a resposta sabida era: «Estão muito doentes; muito trabalho; alguma cousinha para as manas».

Phrases incompletas, significativas de que estava por pouco a industria do papelão ageitado em caixas com pretensões a enfeites de toucador, ou decoradas com o pomposo titulo de estojos, quando algumas pollegadas de nastro pregadas nas tampas indicavam o local da tesoura, do furador e da agulheta.

Um bello dia desappareceu o José das Caixinhas!

Os jornaes que escrevem os necrologios de todos os paes e de todos os maridos que se deixam morrer, esqueceram-se de registar o passamento d'este exemplar dos bons irmãos. O José das Caixinhas, que era um philosopho pratico, que não incommodava a letra redonda, mas lia no grande livro da natureza, não mereceu a mais leve commemoração dos seus confrades, nem uma d'essas phrases feitas com que os vivos enxovalham a memoria dos mortos!

Pobre mano das manas!

Quem te diria a ti, celebridade das ruas, pensador concentrado, que guardavas as idéas com mais resguardo que o avarento de Molière as suas moedas d'ouro, que a imprensa, essa registadora de obituarios illustres, não havia desfolhar sequer uma saudade sobre a tua sepultura?

N'este mundo onde ha tanta gente que abre, fal-

lando ou escrevendo, a mythologica boceta de Pandora, sem desmerecer do lisongeiro conceito dos contemporaneos, custa a crêr como tu, que vendias fraternalmente as innocentes bocetas de papelão, fabricadas aos serões pelas mãos habilidosas das manas, não merecesses, exequias não digo porque custam dinheiro, mas ao menos uma commemoração funebre, d'estas que enchem papel sem prejuizo das almas dos finados!

Eu que me acostumei a considerar-te em vida como um contemporaneo illustre, e como corretor desinteressado d'uma industria nacional, aproveito a occasião de associar a minha humilde prosa ás reminiscencias do artista que te evocou da campa e á segurança do buril que te abriu e desbravou o caminho da posteridade.

Somos tres os Plutarchos da tua isenção philosophica.

No *Diario Illustrado* do dia immediato á publicação d'este estudo, que fôra publicado na mesma folha, lia-se o seguinte:

«Do snr. Antonio Maria Pessoa, reverendo prior da freguezia de S. José, recebemos a seguinte carta que nos apressamos a publicar.

«Nada mais justo do que o pedido de s. exc.ª e muito folgaremos que elle seja ouvido pelos nossos assignantes.

«*Snr. redactor.* — Quando hoje, ao acordar, desejoso, como é moda, de saber as noticias do dia, lancei as vistas sobre o *Diario Illustrado,* e deparei com a gravura, que representa o celebre José das Caixinhas, experimentei um sentimento, que não é facil exprimir-se.

«Li, pois, com curiosidade o respectivo folhetim, e não obstante rir e rir muito com a recordação pintada por mão de mestre, como o é o illustre escriptor signatario, não pude deixar de me lembrar que n'aquelle momento de alguma satisfação para mim, estariam talvez as taes manas do mano sobre os seus immundos trapos, pensando na maneira como poderiam escapar ao jejum obrigatorio, que o dia de hoje lhe offerecia!

«Como são as cousas do mundo! Quando era rapaz, quem sabe! talvez eu fosse um dos que me associasse aos collegas, que se divertiam com a figura exotica do José das Caixinhas; mas hoje que os annos me ensinam a conhecer melhor as miserias da humanidade, e que como parocho tenho por officio o dever de as respeitar, e de velar junto d'ellas para lhes prestar o preciso conforto, o riso pelo José das Caixinhas troca-se pelas lagrimas para com a triste sorte das manas.

«E d'este modo, dando a conhecer a v. aquellas decantadas manas, e a sua antiga miseria, hoje aggravada ao ultimo grau pelos annos e pela doença (uma d'ellas vive ha annos entrevada), imploro de todos os corações bemfazejos o obolo da caridade em

favor dos tres entes infelizes, que residem na casa n.º 22 da rua do Corrião, e com ellas renovo a antiga fórma de pedir usada por seu mano, dizendo: «Estão muito doentes; muito trabalho; alguma cousinha para as manas do José das Caixinhas». — De v., etc. — S. José de Lisboa, 5 de novembro de 1873. — O parocho, *Antonio Maria Pessoa*».

A subscripção rendeu aproximadamente trinta mil reis.

O BARBEIRO DA ALDEIA

O barbeiro é geralmente o sabio das aldeias, o amigo intimo do cura, o conselheiro aulico do regedor da parochia.

Á roda do barbeiro gravitam os mais serios interesses da localidade. É na loja d'elle que se firmam e aniquilam reputações, que se lê o jornal que o deputado do circulo manda gratuitamente ao mais verboso dos seus eleitores; que se faz a barba ao morgado em decadencia pela abolição dos vinculos; que se introduz a ordem no cahos da grenha anarchica do ovelheiro; é lá, finalmente, que se arrancam dentes e queixos ao freguez, que pede ao mestre força, em vez de lhe exigir geito, e o gratifica com um murro ao vêr satisfeitos os seus imprudentes desejos.

Prendado em escala desconhecida n'umas pou-

cas de leguas em circumferencia, o barbeiro lê, manquejando mas sem soletrar, as circulares do governador civil, as pastoraes do bispo da diocese, os editaes da camara municipal do concelho, e ainda por cima toca cavaquinho e flauta, ajuda á missa, faz contas de cabeça, e desce (magnanimidade que nem todos lhe reconhecem) a diagnosticar sobre as enfermidades dos gados atacados de gafeira ou morrinha, negando-se por modestia a pôr em execução as regras da alveitaria, que elle sabe mais a fundo que conhece a parentela que traz espalhada pelos sertões da Africa e do Brazil.

Na consciencia da sua valia intrinseca, o barbeiro da aldeia dispensa o apparato dos instrumentos cirurgicos, os elixires que os seus collegas das cidades recommendam como correctivo contra os achaques de bocca.

Accumulando conscienciosameute as duas artes, a de barbeiro e dentista, e annexando-lhe como complemento as de sangrador e astronomo, ao barbeiro basta uma torquez, uma lanceta e uma navalha, para satisfazer ás exigencias dos seus freguezes mais melindrosos, tendo como aphorismo da profissão o *mais vale quem quer do que quem póde,* com que se desculpa, e honra, de fazer tudo sem ter aprendido nada.

Com a mão callosa, com que na alta dos salarios não desdenha dar meia duzia de enxadadas na vinha de um visinho, ou na horta de um compadre, e dispensando o pincel com que os mais cautos dos

seus collegas distribuem o sabão pelas bochechas dos freguezes, o barbeiro rural é com a propria mão lixosa que põe em combustão a cara das victimas, mas tão innocentemente, que ninguem se julga còm direito a queixar-se d'aquella lava que de repente lhe invade a epiderme, e a torna salamandra entre a espuma frigida do sabão, e o calor vulcanico da esfregadella do artista.

Fiel ás tradições da classe o verdadeiro barbeiro nacional enfeita os umbraes da locanda com as classicas sanefas de baeta verde orladas de encarnado, pendurando-lhe por cima as lustrosas bacias de arame, e o bicheiro onde em continuas evoluções se agitam as sanguesugas, condemnadas mais tarde á manobra artesiana de fazer com que o sangue irrompa da pelle cetacea das gargantas dos saloios atacados de anginas, ou molestados pelo marmeleiro de um rival no mercado do ultimo domingo.

Sempre vendido em todas as eleições, ainda assim o voto do barbeiro significa para as populações sertanejas a consciencia auxiliada pela sabedoria, e pobre do candidato que não o tiver pelo seu lado ao *deitar dos papelicos,* phrase que representa para o saloio o acto solemne da eleição, acto que o barbeiro ordinariamente dirige, fazendo-se o Ganimedes dos meios quartilhos que a aldeia bebe, como votou, dando com a lingua os mesmos estalidos de duvida, á qualidade do vinho, e ao prestimo e á competencia do candidato.

A civilisação, de que o nosso seculo tanto blaso-

na, e de que já o snr. Guizot escreveu a historia, chega tão desfigurada á loja do barbeiro que, commentada depois por elle no adro da igreja á sahida da missa, antes se lhe póde chamar retrocesso do que caminho desbravado para melhores futuros.

Os caminhos de ferro, as machinas de lavoura, o gaz e até o petroleo, são applicações da industria moderna que o barbeiro considera abaixo da agudeza que lhe é precisa a elle para não errar com a veia arteria de quem lhe reclama uma sangria, ou com a sagacidade, filha da pratica, com que annuncía chuvas para o S. Miguel, ou affirma que as paschoas hão-de aquelle anno ser molhadas.

O barbeiro, instado diariamente a dizer a sua opinião sobre tudo o que ignora, reconhece a final em si uma tendencia innata para propheta, e é por isso que se aventura a aconselhar que se lance ou deixe de se lançar a semente á terra, quinze ou vinte dias antes ou depois dos marcados pela rotina, que é a que se reduz nos campos toda a sciencia de Luiz Figuier, e todas as lucubrações chanternaes do padre Theodoro de Almeida.

Celibatario por segurança, e com horror aos brinquedos turbulentos da infancia que o distrahiriam do estudo das hervas medicinaes, e do conhecimento das nocivas, com o que julga ter posto embargos a muitos passaportes para o outro mundo, o barbeiro occupa os raros instantes que lhe sobejam das suas multiplices cogitações em tirar do ingrato cavaquinho sons que elle cuida serem o desespero dos

rouxinoes que a ama do cura traz engaiolados, e postos a arejar á porta da ermida, por cima da lista dos festeiros e mordomos da procissão que vem mais proxima.

Nem tudo são rosas na vida do homem.

O barbeiro é ás vezes chamado pelo administrador á cabeça do concelho, e, se é em tempo de eleições, não volta de lá com as mãos abanando. Acontece porém tambem ser incommodado para testemunha, ou convidado (vilipendio administrativo!) para se incumbir das arduas funcções de cabo geral, serviço que elle repelle como incompativel com a liberdade de acção de que carece para officiosamente harmonisar as desavenças locaes.

Costumado a vêr concentrados todos os poderes nas mãos de um só, as d'elle proprio, o barbeiro é absolutista por instincto, apesar de se haver avezado ás formulas constitucionaes, e de tirar d'ellas o proveito que lhe compete, como a quem tem um olho na terra dos cegos.

Aos domingos, e logo antes da missa das almas, está o barbeiro no seu posto, tendo reforçado a toalha que fez o serviço de toda a semana, com uma outra que lhe deve ser auxiliar, para não enxovalhar as belbutinas domingueiras dos freguezes.

A navalha essa é que se transformou em fouce roçadoura, no repetido e escabroso exercicio de transplantar as sêdas das caras dos escanhoados para o papel pardo que na aldeia substitue, mais eco-

nomica do que aceadamente, o paninho da barba de que geralmente se usa para igual applicação.

Na loja de um barbeiro, como nas tendas, é indispensavel um chamariz para as moscas, que costuma ser de ordinario o jornal politico do dia, retalhado em tiras no melhor da polemica com os adversarios, e servindo de pousio aos insectos que, sem aquelle derivativo, espicaçariam a calva do abegão que se barbeia, ou lamberiam as roscas e os especiones macrobios, já impregnados do cheiro do bacalhau, a que o tendeiro ainda pelo habito alcunha de dôces, engodando os rapazes que sahem da escóla.

O barbeiro, se não é, podia bem passar por haver sido o inventor da bisca e dos tres setes, jogos em que primam todos os da sua profissão, dando ás cartas fórmas architectonicas desconhecidas a Vinhola, mas caracteristicas dos baralhos que envelheceram no trato nocturno de seis ou mais invernos consecutivos, ungidos pela saliva pouco conservadora dos parceiros.

Nas festas da aldeia o barbeiro, como os actores comicos, representa cumulativamente uns poucos de papeis differentes, sahindo-se de todos elles a contento do publico. Armador e pyrotechnico nas vesperas dos dias duplex, quem teve a fortuna de o vêr em mangas de camisa forrando de escarlate o pulpito da ermida, ou obtendo a certeza da combustão rapida da polvora de uns foguetes; desconhece depois a gravidade com que o vê ajoujado ás varas do pallio, ou

cantando no côro uma lição, com uma voz digna do mais monumental dos fiascos, se ousasse erguer-se no palco de um theatro de terceira ordem.

Pachorrento e laborioso, não ha quem se avantaje ao barbeiro da aldeia na pouco invejavel industria nacional de adestrar pintasilgos a abrirem com o bico as tampas do comedouro, e a morrerem esfalfados na empresa de tirar agua aos dedaes do reservatorio insidioso, que é para as avesinhas ignorantes o supplicio de Tantalo.

Quando o jornalismo vivia ainda na nossa terra a vida enfezada dos engeitados, o barbeiro resumia em si a critica caustica do chamado artigo de fundo, a bisbilhotice do noticiario, as lagrimas fementidas do necrologio, a amenidade casual do folhetim, e a versatilidade dos que depois fizeram profissão do que n'elle era simples instincto.

Supponho ser da abundancia de estabelecimentos d'esta especie que houve em Portugal que nasceu o annexim popular «não tarda uma loja de barbeiro», como significação de uma cousa que vem proxima da outra. Para bem se comprehender a prodigalidade de nossos avós, e a freguezia que tinham os barbeiros, é preciso aqui recordar que o bigode era ainda então considerado como um attestado de immoralidade no lojista, no medico e no negociante; e que por compensação a este horror capillar os reaes exercitos usavam de rabicho e bolsa, e de polvilhos as classes a que se negava o direito de disporem da cara a seu contento.

O antigo barbeiro reservava sempre a um canto da sala de trabalho o espaço necessario para acommodar o rebolo, onde afiava as navalhas e o estro, aquellas para martyrio das caras dos freguezes, este para as empreitadas poeticas que já lhe haviam dado renome nos arraiaes, como cantador.

No meado do seculo passado a classe nobilitou-se na pessoa do mavioso poeta pastoril Domingos dos Reis Quita, cabelleireiro lhe chamam os seus biographos por compostura, mas a quem racionalmente devemos suppôr barbeiro, sendo como eram ainda annos depois da sua morte uma novidade as pomadas e os elixires, que Nicolau Tolentino metteu á bulha em uma das suas chistosas satyras.

Como não maldiria a sorte o melancolico author do suave idyllio, *Tircea,* obrigado a escanhoar um marçano, ou a renovar a corôa de algum conego da sé patriarchal, em quanto a poesia lhe borbulhava lá por dentro, e aproveitava os momentos de ocio para lançar no papel versos como estes:

> Só por ti meus suspiros serão dados;
> Só por ti chorarão de amor meus olhos,
> Meus olhos, que por esses tão formosos
> Agora estão chorando tão saudosos!

Pobre Quita! Que de cabeças ôcas te não passaram pelas mãos, em quanto a tua ardia na febre da inspiração poetica, e o coração te ia ao encontro da morte que te colhia no vigor da idade!

A INCULCADEIRA

Quando o desgracioso e illogico capote e lenço estiver a ponto de ser vencido pela invasão triumphante dos trajos estrangeiros, procurará o seu ultimo refugio nos hombros e na cabeça da inculcadeira de criadas de servir.

Irresponsavel como um rei constitucional, a inculcadeira verdadeiramente nacional *inculca* a sua fazenda mas não se responsabilisa por ella. O physico de ordinario pouco seductor da inculcadeira não a impediu de vender a consciencia ao diabo quando rapariga, nem de trazer mais tarde para o lar domestico uma parcella importante das manhas contrahidas na mocidade.

A tendencia para o negocio, innata na rapariga resolutamente fugida da casa paterna para os braços herculeos de um salchicheiro, ou para o catre esguio

de um vendilhão ambulante de agulhas e alfinetes, nunca se perdeu, antes se fortificou no meio das trabalhadas vicissitudes da vida de mulher feita.

A inculcadeira, quando se mette ao officio, tem pelo menos cincoenta annos, e faz da idade argumento e pára-raios da responsabilidade que a lei lhe não exige. Á tuna por esse mundo de Christo em cata da fazenda que lhe ha-de alimentar o negocio, a inculcadeira despreza os rigores das estações e ri-se, por entre incredula e sardonica, quando alguma cliente lhe pede garantias da respeitabilidade da casa em que vai entrar ás cegas.

Entalada entre dous cruzados-novos (a moeda decimal não é do seu conhecimento), come, como vulgarmente se diz, a dous carrinhos, servindo por metade d'aquella somma de cão de busca á aspirante a criada de servir, e pela outra metade de corretora á dona da casa que lhe encommendou o sermão.

Por detraz d'esta industria, por em quanto não agremiada, a inculcadeira, que sabe de tudo um pouco e nenhum mister conhece a fundo, alarga a área do seu negocio, e quasi se não passa uma semana sem que a caridosa mulher deturpe a já estragada prosa do *Secretario dos amantes,* recopiando-o por conta da sua juvenil clientela.

Por uma esportula qualquer, afóra o preço dos materiaes necessarios para a escripta, a inculcadeira abre banca de advocacia amorosa, e em phrase entufada, como uma cebola albarran, pinta as feridas que o amor abriu nos corações das suas tuteladas.

Astuciosa no conselho e previdente nos resultados que d'elle se podem tirar, a inculcadeira sabe por que modo deve estimular na criada de servir a sua já natural tendencia para a tafularia, tendencia que a leva a cahir irremediavelmente nas garras da usura.

É então que a mulher se metamorphoseia em serpente, e que a inculcadeira apparece em toda a sua hediondez.

No principio a titulo de emprestimo gratuito, mais tarde invocando a recompensa do seu trabalho, a inculcadeira é mestra na arte de engulir em poucos mezes as soldadas inteiras das suas protegidas.

Se a criada se *desacommoda* é em casa da inculcadeira que, a pretexto de encontrar guarida, vai quasi sempre topar com os baixios em que a sua honra naufraga. É n'estes casos, não excepcionaes, que o verdugo retoma sobre a victima todo o seu poderio e ascendencia, isto é, que a inculcadeira, em nome da moral, especula sordidamente com a infeliz que o acaso lhe deparou para repasto da sua implacavel avareza.

Tendo percorrido todos os estadios sociaes, a mulher que em solteira fôra um catavento, tornou-se um escandalo depois de casada, e quando viuva um typo de cynismo. Assim, e só assim, com pleno conhecimento do mundo é que a inculcadeira ousa afiançar o que não conhece, arriscando-se a haver um dia o Aljube por moradia.

Apesar do seu pouco ambicioso trajar a inculca-

deira é d'estas mulheres de quem os nossos avós diziam: «Sabe-se pregar».

Com effeito ninguem melhor do que ella ajusta e conchega o lenço da cabeça. Ninguem, tão bem como ella, traça e decota o chale de tres pontas, ou retoma no braço a cauda do capote. As arrecadas ostentosas pendem-lhe das orelhas, e o collo verga-lhe ao peso da gargantilha de ouro, fructo das suas quotidianas rapinas.

Menos por vicio do que para disfarce nos intrincados apuros da sua nem sempre honesta corretagem, a inculcadeira brinca por habito com a caixa do rapé, e sorve com estudo uma ou duas pitadas, quando a palavra, brigando-lhe com a consciencia, a obriga a disfarçar com a mimica o que ha de menos verdadeiro nas suas asserções.

Depositaria da arca da criada que ficou a contento em casa dos seus novos patrões, a inculcadeira estalaria de curiosidade se com chave falsa a não abrisse na ausencia da dona, remexendo em tudo, desde a symbolica rosa de papel arrematada no arraial da aldeia, até ao sebento involucro da carta em que estão archivados os suspiros do cabo de esquadra de sapadores, ou as blandicias mentirosas do aprendiz de barbeiro.

Forte com estes estudos preliminares da vida intima da criada de servir, a inculcadeira esquece os meios pouco licitos por que os adquiriu, e, descosendo-se com o seu segredo, dá amiudadas vezes lugar a que a victima de um abuso de confiança lh'o lance

em rosto em phrase pouco amena, offerecendo pretexto á policia para uma intervenção official no acalorado dialogo das duas momentaneas inimigas.

É só depois de feitas as pazes que a inculcadeira tira diplomaticamente todo o partido do seu illegal procedimento, ora reatando se assim lhe convém o fio partido do romance amoroso que devassou, ora aproveitando-se das disposições naturaes da incauta, para a conduzir ao inferno de carruagem.

Para compostura exterior do seu pouco liso viver social, a inculcadeira ouve missa diariamente, e deixa sempre á entrada da igreja cahir retinindo dez reis na bandeja de estanho do seraphico andador das almas da sua freguezia.

Não contente com esta expiação local dos seus peccados, a inculcadeira arrasta-se todas as sextas-feiras até á Graça, e lá compunge e commove todas as devotas á força de gatimanhas estudadas em casa ao espelho, seu confidente do tempo em que, solteira ainda, estudava por elle o modo de pôr nos namorados os olhos que hoje finge fitar no céo.

Apesar d'estas tentativas de rehabilitação moral, a inculcadeira é detestada pelo visinho do primeiro andar, que não julga as filhas seguras com aquella visinhança, e mal vista pelos outros inquilinos do predio, receosos de um incendio originado pelas vigilias nocturnas por ella empregadas em descerrar as fechaduras dos bahús indiscretamente confiados á sua guarda.

Não contente com a percentagem que lhe dá

a sua industria ostensiva, a inculcadeira tambem empresta dinheiro a juros, fingindo-se contrafeita com este segundo e não menos rendoso modo de vida.

A policia correccional conhece-a como freguesa sua, e apesar de algumas testemunhas abonatorias do seu bom procedimento, a inculcadeira não vive no bairro em cheiro de santidade.

Typo eminentemente egoista, a inculcadeira, servindo interesses desencontrados, ageitou-se a considerar a verdade como um arrebique inutil no negocio. A criada que de manhã lhe bate á porta procurando casa em que servir, tem horas depois uma biographia postiça na bocca da inculcadeira, e a sua crassa inutilidade transforma-se em prestadia aptidão para todos os labores, na prosa gongoricamente laudativa da sua madrinha de occasião.

A longevidade da inculcadeira é já hoje um caso averiguado, senão pela sociedade das sciencias medicas, ao menos por nós, os que estudamos as enfermidades moraes da sociedade.

É cousa assente para os curas d'almas que a sanidade da consciencia retempera o physico enfermo e achacado. Nós (perdôem-nos os doutores da Igreja) á vista de alguns typos que temos estudado e que iremos desmascarando pela escripta, crêmos não haver melhor panacêa para o corpo do que a completa ausencia de senso moral.

Sirva de exemplo a esta temeraria affirmação a velhice a que vulgarmente attinge a inculcadeira de criadas de servir, profissão hermaphrodita que abran-

ge na sua impenitencia mais de um genero de peccados, sem por isso deixar de gozar uma saude de ferro.

A estação querida da inculcadeira é o inverno. Se é do borralho que se acerca a familia do lavrador para ouvir com as lagrimas nos olhos a historia lastimosa de alguma grande catastrophe publica, é tambem ao borralho que se inspira a musa mexeriqueira da mulher que vive de completar com o elemento — criada — a lista exigida annualmente em nome da lei, das mulheres perdidas para o culto da virtude.

Se um dia, como já lá por fóra se pretende, a mulher obtiver os seus direitos politicos, a inculcadeira deve inquestionavelmente ser uma grande alavanca eleitoral, graças á serenidade com que vende o seu voto por dous cruzados novos sem dar a preferencia a nenhum dos candidatos.

Infelizmente a inculcadeira tão nossa, ou antes tão de si mesmo, vai desapparecendo, levada de vencida pelo prosaico escriptorio de criados de servir, afiançado no governo civil! Vai chegando ao seu termo a poetica irresponsabilidade da inculcadeira, que nos mettia em casa uma ladra sem que a lei a julgasse cumplice d'ella, que punha ás janellas das nossas casas uma Dama das Camelias... de terceira classe!

Tudo o que é bom acaba, diz o nosso povo, e diz bem. A inculcadeira nédia, sadía, rubicunda, palavrosa, solida invenção de nossos avós, respeitada

pelos antigos corregedores dos bairros, e quasi aceita pela intendencia geral da policia, não chega com certeza a deitar fóra os annos que restam ainda d'este seculo.

Quem tiver ainda criadas de tão segura procedencia guarde-as como uma curiosidade archeologica, porque tempo virá em que as queira, e as não possa encontrar.

A ADEGA DO CONVENTO [1]

A adega de um convento!

Que de idéas se não associam a estas duas palavras apparentemente hostis, uma conforto dos corpos, outra refugio das almas, unidas ambas na nossa estampa em discreto convivio!

A adega é, se quizerem dar-lhe essa honra, a representante de uma das feições economicas do seculo, em quanto que o convento symbolisa o viver nem sempre pautado das eras extinctas, a idéa incubada nos espiritos, apertada ás vezes pelos cilicios, outras vezes desprendendo o vôo e rasgando os espaços do futuro.

Quem vê estes homens vestidos de burel, humildes na uniformidade exterior do seu trajar, pacientes como quem aceita espontaneamente uma Regra, e

[1] **Este artigo foi escripto como elucidação a uma excellente gravura do jornal *Artes e Letras*.**

parecendo abdicar dos luzimentos e ambições do mundo, bem se engana descrendo do rifão que affirma que o habito não faz o monge.

O voto que desligava um homem da sociedade enclausurando-o até á morte dentro das quatro paredes de um mosteiro, se, excepcionalmente, era o brado de uma consciencia torturada, ou a aspiração pela penitencia ao ante-gozo da bemaventurança eterna, quantas vezes não foi tambem estimulo ao desencadeamento das paixões d'aquelles que julgavam havel-as amortalhado no habito da Ordem em que professavam!

É porque elles entravam para os conventos suppondo-se fortes, e cá fóra ficavam, para os fazer raivar e perder, os tres inimigos do homem — mundo, diabo e carne — cada um de per si capaz de tentar e vencer a mais pudíca das organisações, a mais varonil das resistencias, a mais precavida das vocações claustraes.

Um grupo de tres frades nédios representa a nossa estampa. Tres fradalhões, como o sarcasmo popular se comprazeu sempre em figurar nos seus contos aquelles felizes celibatarios, que, na sua grande maioria, engordavam com os dizimos e as primicias sugados ao trabalho improbo do cultivador, requeridos com esquecimento total do Evangelho ás migalhas do orphão e da viuva.

Um d'elles deixou-se ir atraz do vinho, como outros (fazem fé para o caso os contos da rainha de Navarra) se deixavam ir atraz das peccadoras que lhes

prestavam ouvidos. Despenseiro infiel do convento, um d'elles sentiu o frio glacial das abobadas da adega, convidando-o a habilitar-se com conhecimento de causa a informar a communidade da qualidade do vinho de que já enchera as tres garrafas que depuzera na cesta que tem ao lado, e provou-o.

A quarta garrafa foi a sua perdição, aliás pouco para estranhar, conhecida como era no convento a sua quéda para a pinga. Quando nos claustros deram pela falta do reverendo acudiu logo a suspeita que não estaria em oração mental, e um leigo transmittiu ao guardião a idéa de que seria possivel topar com elle na adega.

Adormecera profundamente!

A vela gasta da palmatoria que o seraphico bebedor deixou consumir até ao fim, revela a quantidade das libações que foram precisas para entorpecer aquelle corpo, mais avezado ás ousadias do pichel, do que virado para as cogitações das penas do inferno.

O pasmo do guardião é nenhum, apesar da denuncia que o leigo, apavorado pela idéa de um incendio, lhe faz por gestos do bem estar do dormente, que se deixou vencer mas sem virar a cara ao inimigo, antes instigando-o á torneira com o pucaro, cumplice do seu intempestivo somno.

O guardião, que pelos oculos revela mais trato com os livros que o seu imprevidente irmão, sem desfitar os olhos d'aquella scena pagã, corre com a memoria os tempos em que as regras monachaes

ainda não haviam afrouxado, e aceita no que está vendo texto para um sermão, que póde com certeza authorisar com a melhor doutrina, mas sem esperança plausivel de converter á sobriedade o ditoso provador que se repoltreia nos lagedos da adega, como no melhor e mais fôfo dos colxões de pennas!

Antes do apparecimento de Luthero, d'aquelle raio da devassidão claustral, as indulgencias para estes casos menores teriam talvez sido requeridas ao Papa, e concedidas sem difficuldade á borracheira dos ociosos que, detestando a leitura massuda das chronicas, aguçavam a intelligencia com o licôr que Mafoma por cautela prohibira aos crentes, para os distanciar do amor que os infieis lhe consagravam.

Os conventos, como todas as instituições humanas, tinham de tudo, e davam para tudo. Representantes exclusivos de todo o saber nas artes e nas letras, os frades foram, durante os dous ultimos seculos da sua colossal prosperidade, o que hoje é a imprensa, facho de luz que ás vezes o vento das ruins paixões agitava, e que no seu incerto bruxelear cegava em vez de alumiar.

O idyllio andava perto da tragedia, e esta alliava-se muitas vezes, sem constrangimento, á farça ridicula e ao entremez de mau gosto.

Quando Abeilard suspirava, o convento recendia aos perfumes d'aquella alma impregnada de celestiaes aromas. Quando Luthero trovejava, os claustros da Allemanha abalavam a fé secular do catholicismo, e o convento tornava-se o representante de uma das

maiores revoluções que os seculos teem presenciado. Abalada pela palavra ardente de um frade, Roma viu, sem já lhe poder acudir, negado o principio do celibato ecclesiastico, posta em duvida a supremacia do representante de S. Pedro, e o livre arbitrio substituindo o dogma, e a fé implicita nas decisões dos concilios.

Consummada a revolução religiosa, os que persistiram em reconhecer a infallibilidade papal, e em jurar nas palavras de S. Thomaz de Aquino, de quem o pontifice Gregorio VII fôra o mais pratico dos discipulos, o convento continuou a ser, ora o mais fervoroso defensor das temporalidades que os dissidentes haviam fulminado; ora, e foi esta a sua peor feição, a ser não o refugio de peccadores contritos, mas o estimulante dissimulado de seis dos peccados mortaes, porque o setimo, o da inveja, andava longe d'aquelles corpos folgados pelas largas séstas dormidas depois das fartas refeições.

Foi depois do relaxamento da disciplina conventual que a critica popular tomou a si o julgamento do viver fradesco. A côr das faces, o roliço do cachaço, o avolumado do abdomen do frade, entraram a passar em julgado como a negação do ascetismo, do voto de pobreza, dos jejuns e das penitencias, que algumas das ordens monasticas assoalhavam ser o caminho da salvação.

As adegas e as garrafeiras dos conventos tiveram um bem merecido renome na peninsula, e hombreavam com os mais generosos vinhos do mundo,

quando entre nós uma nova ordem de idéas economicas e politicas as sacrificou, em 1834, em holocausto ás exigencias de uma sociedade que se reconstituia.

O frade de rosto macerado, e de penna na mão ou atraz da orelha, como o representavam os retratos das galerias dos conventos, foi pela descrença dos artistas modernos transformado, como a nossa estampa o apresenta, e como a Allemanha e a França o reproduziram em grotescos quadros, como o consciencioso symbolo da intemperança em todos os gozos da vida.

O vinho não era ao que parece a unica tentação dos reverendos, que robusteciam as forças physicas jogando a bola nas cêrcas dos conventos. O esquecimento de um dos principaes preceitos do decalogo denunciava tambem ás vezes n'elles a fragilidade da carne; pelo menos já no meado do seculo XVI dizia o poeta Quevedo:

> Dios perdone al padre Esquerra,
> Pues fué su paternidad
> Mi suegro mas de seis años.

Apesar d'estes e de outros gracejos, de que não queremos ser editores responsaveis, os conventos tiveram representantes capazes de os salvar do esquecimento, e mesmo da critica acintosa dos seus adversarios. Quando as ordens monasticas estavam já em Portugal ameaçadas de morte, os frades repre-

sentaram com uma energia nem sempre louvavel a resistencia ás idéas que, mais cedo de que elles pensavam, deviam definitivamente triumphar.

Entre os que mais se distinguiram na cruzada reaccionaria, avulta a figura pouco sympathica do padre José Agostinho de Macedo, o desalmado author de sanguinarios pamphletos, deshonra da sua classe, e revelação dos ruins instinctos do seu author.

Mas, para que a memoria das extinctas corporações religiosas não ficasse manchada com as apostrophes truculentas do author da *Besta esfolada,* quiz a Providencia que aquelle a quem, não sem justiça, podemos chamar o ultimo frade portuguez, fosse o ermitão da Serra d'Ossa, o benemerito frei Francisco de S. Luiz, a quem as letras patrias devem assignalados serviços, e a Igreja lusitana exemplos de não vulgar compostura.

O VISCONDE

O visconde é a dobradiça do barão.

Na hierarchia nobiliaria, os dous titulares estão um para o outro, como na hierarchia ecclesiastica o diacono para o sub-diacono; e na milicia, o segundo para o primeiro sargento. Ha gradação na honraria, mas são ambos vergonteas da mesma arvore, rebentões da mesma cepa, flôres do mesmo pé, genitos da mesma idéa. A differença sensivel entre um e outro, é ser o barão francamente plebeu, apesar do titulo; e buscar o visconde distanciar-se d'elle pela cortezania contrafeita das maneiras. O barão é o rebolo onde se amolam as aspirações do visconde: o visconde, o saciado da inutil carta de conselho, a taboleta que mostra os *specimens* de todas as distincções honorificas

nacionaes, desde o titulo de que usa, até a magra pitança de cavalleiro de Christo.

Se os dous titulares não houvessem sido vasados em moldes portuguezes, poder-se-hia suspeitar haver o barão nascido em Pernambuco, e o visconde em Liverpool. Aquelle conserva, mesmo na prosperidade, o acanhamento do marçano; este ostenta inalteravelmente as maneiras desafogadas do protegido dilecto do cambio. Um é o fanatico, o idolatra da escripturação por partidas dobradas; o outro o aventureiro audacioso do emprestimo grego, ou o portador arrojado de obrigações mexicanas. São modestas as aspirações do barão, tempestuosos os sonhos do visconde. O primeiro considera o baronato como um salvaterio que desligou a sua responsabilidade da antiga firma commercial a que andava algemada; o segundo olha para o titulo como para o Oreb ou o Sinay da sua providencial missão. Ambos, como Esaú, venderam por um prato de lentilhas a progenitura commercial que os salvára do tamanco molestador, guindando-os ao limbo da parvalheira aristocratica. O barão é o pardal que se deixa apanhar com visco. O visconde o milhano que escapa ao chumbo, e só á bala desaba das alturas.

O visconde é monomaniaco pelas praxes e usanças inglezas. O que é na sala, é-o no prato, no vestuario, na linguagem e nas idéas. Na sala triumpha do amollecimento da espinha em nome do inteiriçado britannico; no prato pactua com a Irlanda comendo batatas; no vestuario parodía a desaffectada elegan-

cia de lord Palmerston; e na linguagem arremeda como um papagaio ora as facecias do *Punch,* ora a gravidade *tory* do *Morning Chronicle*. O barão, depois de apanhado o titulo, sente-se satisfeito, e julga-se em conta corrente com a sociedade; o visconde continúa a ser remoido por dentro pelas tentações da arithmetica. O primeiro manda construir para habitar uma casa com aguas-furtadas e saguão; o segundo edificar um palacio, concha de tartaruga, a que o amphibio se recolhe ao fechar da praça do commercio. O visconde timbra em privar com os ministros, e offerece aos do seu corrilho, como cousa propria, a bolsa dos compadres que deixou semeados pelo Brazil, ou os capitaes a empregar dos menores seus tutelados.

Nascido ás abas da Serra da Estrella ou do Marão, um certo perfume alpestre vence o do almiscar em que se enfrasca, para se purificar do cheiro do breu dos barcos que traz no mar. Ser visconde significa ir por ordem alphabetica na cauda dos titulares, e ter por isso a vantagem de ser o ultimo a votar nas camaras legislativas, tendo assim tempo para pesar o «approvo» na balança do seu interesse privado, ou dar muitas vezes ao «rejeito» a importancia singular de um desempate.

Em quanto o barão, coitado, é forçado pela letra inicial do seu titulo a pronunciar-se desde logo, nos mais delicados assumptos da governação publica, o visconde retrahe-se, e só depois dos Venancios e dos Vicentes é que solta o «approvo» ruidoso, ou o ti-

mido «rejeito» que o aproxima ou afasta dos homens do governo, conforme vê que lhe póde ser util, ou prejudicial, a manifestação do seu voto.

Entre os dous titulares ha, commercialmente fallando, profundas disparidades. O visconde é um objecto de luxo, e de importação quasi forçada. O barão se continuasse a desenvolver-se na escala em que se desenvolveu de 1836 a 1842, seria hoje, abaixo da cortiça e da phosphorita, o nosso primeiro genero de exportação, o mais fecundo alimento das nossas pautas. Com o primeiro ha mais fraude, mais contrabando inevitavel. Com o segundo sendo, como é, do dominio exclusivo da alfandega municipal, o dólo é menos possivel.

Quando esboçámos a physiologia do barão dissemos que elle se inculcava como leitor dos economistas, esquecendo-nos então dizer que eramos partidario da escóla proteccionista.

As meditações do visconde são todas sobre os principios de direito internacional. Como embarcadiço aventuroso que foi em tempo, e dado ao commercio pouco claro da escravatura, decorou, e sustenta ainda sobcapa, o caduco direito de albinagio, e a barbara theoria que d'elle se deriva *quæ ex hostibus capiuntur, statim capientium fiunt,* com que no fôro intimo da consciencia se absolve das acções menos legaes da sua mocidade. Como cidadão de um pequeno paiz foi principalmente sobre a isenção de visita de que gozam os navios dos Estados neutros que o visconde fez, em proveito proprio, os seus mais sé-

rios estudos, que hoje apresenta como habilitação diplomatica, visando a representar Portugal em qualquer parte do mundo, com tanto que se lhe proporcionem as occasiões ou de cegar o czar com as veneras da farda, ou de fazer estourar de inveja alguns dos já raros principes reinantes da unificada Allemanha.

Inda que os incredulos o neguem, a existencia do visconde é de uma reconhecida necessidade social. É elle que serve de barometro aos especuladores da politica em ponto grande, e os estimula ou desanima conforme a Europa se agita ou deixa cahir no marasmo.

Se o imperador dos francezes adoece, as idéas monarchicas do visconde adoecem com elle, e chegam ás vezes a descer abaixo de zero: se Garibaldi dá signal de si, e os cardeaes se preparam para entoar o *de profundis* da Roma clerical, o visconde manda tingir de preto a farda de cavalleiro de Malta, e pendurar na sua sala de entrada o retrato de Luthero!

São estas evoluções de consciencia que principalmente alargam o contraste entre a bonhomia do barão e as artimanhas politicas do visconde. Um, é «o que para alli está», como vulgarmente dizemos de quem não tem nem fé nem fel: o outro é o Metternich casual dos casos minimos, já passados em julgado, ou em vesperas de o serem.

O barão tem o seu lugar marcado na galeria dos homens illustres que se vendem na feira da Ladra

pelos preços das molduras. O visconde é o homem dos avellorios e da missanga, com aposentadoria certa no templo das bagatellas do poema de Antonio Diniz. Um é gastronomo convicto e robusto da orelheira de porco com feijão, o outro o debicador enjoado da pastelaria franceza. O barão encouraça-se contra o frio com um copinho de aguardente de Cabo Verde, o visconde chega desdenhosamente aos beiços um copo de Malaga, ou de vinho do Rheno.

No giro da vida publica o barão chega a ser membro da junta geral do districto, e recorda-se com certo bom senso de haver desempenhado o cargo de juiz de paz. O visconde, pelo contrario, desdenha das funcções electivas, e quer que as honras lhe chovam directamente do throno. O barão é uma charada, que qualquer menina adivinha no serão, sem levantar a cabeça do *crochet* em que trabalha. O visconde um logogripho arrevesado de almanach, que põe a cabeça em agua aos curiosos, e a que só se apanha o sentido um anno depois, pela benevolencia do mesmo almanach que o decifra e explica.

Os jogos predilectos do visconde são o xadrez e o *boston,* e o xadrez de preferencia ao *boston,* pela inoffensiva maldade de fazer *calembourgs* sediços, ora aos reis se joga com burguezes, ora aos bispos, se o acaso lhe deparou parceiro que entende que o clero póde sem prejuizo do culto fazer alto no primeiro degrau do presbyterio.

Na comedia humana o visconde esquiva-se sempre a representar de tyranno. Não podendo ser ga-

lan contenta-se com os papeis de pai nobre, e pena é que Larraga acuda tão a miude n'estes casos, a fazer as despezas sentenciosas da conversação do visconde. Ainda assim o visconde conversa, o que o barão nunca pôde fazer. O forte d'aquelle é o dialogo; d'este o monologo massudo, tristonho, quasi indicador de desarranjo mental. Um, se ainda fosse moda escólas em litteratura, era todo Voltaire, o outro todo Dellile. Felizmente ambos ignoram a existencia dos respectivos prototypos, o que poupa aos desprecavidos a causticidade de um, e misanthropia do outro.

O Brazil está sendo hoje o nosso principal fornecedor de titulares.

O incendio que reduziu a cinzas um estabelecimento publico, dá dous barões; a fundação de um asylo, dous viscondes; um emprestimo nacional e espontaneo, que não chega para pagar os juros do dinheiro emprestado, significa visconde e barão e meio; ou, em algarismos redondos, dous barões e um visconde.

A imprensa, elogiando o patriotismo dos nossos irmãos d'além-mar, despertou-lhes no coração o amor da aldeia natal. A mobilia para a escóla rural, o sino para o presbyterio campezino, o donativo para o chafariz publico, é tudo estimulo senão obra da imprensa, que alentou e popularisou os brios dos doadores. A melhor das acções do visconde é quasi sempre o seu testamento. A gota é o prenuncio da caridade,

é o tabellião o executor d'alta justiça dos peccadilhos do titular enriquecido pela usura.

É então que elle se lembra, sem calculo, da existencia dos hospitaes, dos asylos e das misericordias. É do receio da morte que surgem os S. Vicentes de Paula posthumos, que os collectores velhacos da santidade humana inculcam pressurosos á canonisação.

O visconde celibatario conserva em sua companhia duas ou tres irmãs, que são espelhos de desenganos, na phrase desenjoada de Nicolau Tolentino. São ellas, mais do que a mobilia á renascença, que dão á casa o tom de solar antigo, e ao seu proprietario os ares de fidalgo de boa linhagem. Sem aquellas irmãs, fabricadoras jubiladas de trouxas de ovos e de papos de anjos, os dous ultimos quarteis da vida do visconde seriam êrmos de affeições e de carinhos. São ellas que lhe graduam o quinino, debellador das importunas febres apanhadas na costa d'Africa, e resuscitadas com a idade. São ellas ainda quem lhe preparam a chavena de chá preto ao almoço, e que á volta do club o esperam com uma canja de gallinha.

O visconde ao calcular os seus haveres e ao vêrse sem filhos, olha para a Santa Casa com saudades e com remorsos! Era alli, que, se tivesse sido previdente, poderia agora encontrar um legitimo herdeiro. Assim, tem que improvisar os amigos a quem ha-de legar os seus grossos cabedaes. As irmãs essas pouco se podem demorar atraz d'elle. Ás avessas do barão

que deixa cauteloso os apontamentos para o seu epitaphio, o visconde, reconciliado com Deus á hora da morte, estremece com as futuras mentiras lapidarias dos seus testamenteiros.

É quasi impossivel chegar a apurar a idade em que o visconde se deixa morrer. A chronologia familiar dá-lhe quasi dez annos a menos, erro que o testamenteiro aceita piedoso, sabendo que na subtracção vai envolvido um periodo menos severo da vida commercial do finado.

Para encurtarmos razões, o visconde encetou a vida publica dando vivas á igualdade e á fraternidade, e acabou, por coherencia, dando vivas mais mortiços, mas não menos sinceros «á commodidade e á obesidade».

AS TOURADAS

Se ha tendencia pronunciada de gosto, extensiva aos diversos grupos sociaes que podem ser abrangidos sob a designação generica de povo, é com certeza a que leva todos os domingos massas compactas de lisbonenses á praça do campo de Sant'Anna.

Os touros!

Esta simples palavra põe em alvoroto a capital, desperta os cocheiros da sua habitual monotonia, desfranze o sobr'olho do negociante a retalho, desperta os sustos da mãi de familia, aguça a mobilidade chronica do janota, espicaça a indolencia do vadio, põe álerta o capricho da mulher que gasta por conta alheia, commove os calculos paternos, invade finalmente a aristocracia em nome da tradição, e a plebe á voz desafinada da corneta que, á frente do bando, distribue aos sabbados pelas ruas da cidade o programma da festa do dia seguinte!

Os touros são o nosso primeiro divertimento nacional. Estive quasi tentado a chamar-lhe o mais caracteristico espectaculo da peninsula, se não receasse que algum maldoso lhe annexasse *iberica,* e eu me visse forçado pela verdade historica a passar aos olhos dos meus conterraneos por aquillo que não sou.

Como todas as grandes solemnidades, as corridas de touros têem tambem as suas vesperas. Além do bando, dissonante *charivari* de diversos instrumentos de latão, tocados do alto de fabulosos rocins, prototypos de mansidão e de fome, é o espectaculo todos os sabbados annunciado aos crentes por um programma epico, distribuido com mão generosa por um mouro, que tem a habilidade de viver tres das quatro estações do anno sem ter um real de seu!

Ao ouvir a trombeta, posso sem erro chamar-lhe do juizo final, pela alguma, ainda que pouca carne que chama aos ossos dos rocinantes que conduzem os annunciadores do grande dia, raro é o caixeiro que, deixando viuva a balança, não venha á porta da rua estender a mão supplicante ao comico Abdalah encarregado de fazer constar ao publico o numero de touros que hão-de ser corridos na praça, e o nome feliz do lavrador a quem pertencem.

Possuido da sua missão de noticiarista ambulante, é um regalo para a consciencia publica, vêr o nosso distribuidor de hyperboles metter os braços até aos cotovêlos nos dous saccos de couro em que traz o seu provimento de desconchavos metricos, e

distribuir justiceiro ás turbas o papel-programma, a que serve de emblema um touro de problematica formosura.

A azafama do rapazio em vêr se apanha uma noticia é um dos mais caracteristicos episodios da burlesca romaria todos os sabbados repetida, e todos os sabbados nova, quer para o lojista escapo providencialmente do balcão ao domingo, quer para o galopim que já de vespera calcula a maneira de entrar nas trincheiras sem pagar, e sem que o vigilante municipal lhe deite a unha.

Em quanto o bando atravessa a cidade estrugindo os innocentes ouvidos dos seus moradores, duzias de ratoneiros, ainda ineditos, cobrem as esquinas das ruas com cartazes, em que o nome do cavalleiro figura em letra maiuscula, e o intervallo dos pretos é apimentado pelos chascos poeticos do fazedor encartado d'estes papeluchos semi-officiaes.

No tempo em que vivemos, pouco de formularios e etiquetas, só hoje os touros se podem gabar de haver ainda quem os vá esperar fóra das portas da cidade! *Vamos á noite esperar os touros,* é o santo e a senha de centos de enthusiastas que, uns a cavallo em apocryphos andaluzes, outros torturando os ossos em inclassificaveis vehiculos de aluguel, dão comsigo nas Marnotas á espera da vinda... de suas excellencias.

Abro aqui parenthesis, para pedir desculpa d'este tratamento dado aos touros, mas conheço tanto animal que não dispensa a excellencia, que recusei ne-

gal-a a outros animaes que fazem as delicias dos meus compatriotas.

Ao som cavo dos chocalhos dos cabrestos, succedem-se as espiraes, os rôlos, as nuvens de poeira, os gritos dos campinos, os assobios da turba, os relinchos dos cavallos, o tropear do gado, o estourar dos foguetes, e por fim a solidão e a mudez da noite.

Estamos no grande dia!

Álerta, amadores! São oito horas, e vai começar a embolação. A embolação é apenas um pretexto... mas um pretexto basta para um fino amador.

É quando o animal passeia ainda descuidoso no circo, escarvando na areia, e com o verdejar luxuriante das lezirias ainda diante dos olhos, que o conhecedor das raças lhe analysa o ferro, discute a côr, perscruta os instinctos, sonda o cruzamento, e decide por fim da frouxidão, ou generosidade do sangue do bicho que tem presente.

Á tarde, quando o touro entra na arena, já não é um incognito para o verdadeiro amador. Da analyse do individuo subiu-lhe na ausencia á biographia! «Já foi corrido tantas vezes, já matou um guardião, já amolgou as costellas a dous forcados»; ou «nem para a charrua presta, tomára elle que o deixassem, vem magro que nem no açougue o aceitavam».

Uma praça de touros é, na nossa lingua, synonymo de algazarra, de estrepito, de confusão e de anarchia. É que n'uma praça de touros os espectadores são complemento obrigado do espectaculo. É que sem um calor de abrazar, sem assobios, sem sôcco, sem

fumo, sem poeira, sem charanga, sem insulto, sem graçolas, não ha tarde de touros que preste, não ha capinha que se electrise, nem forcado que se atire ás armas do inimigo, nem cavalleiro que se arrisque á meia volta, nem preto que se roje pelo chão como a serpente, e que o animal enfurecido tome nos paus, e deixe depois estirado na arena.

O verdadeiro amador de touros almoça ao domingo nas proximidades da praça, e vem finda a corrida descambar no Penim, ou no pasteleiro da rua da Prata, onde ainda então se discute largamente os boléos que os forcados apanharam, e se levantam partidos por este, ou por aquelle dos dous cavalleiros da tarde.

Em classes se dividem os legitimos amadores de touradas, o que não admira em espectaculo tão uno na essencia, mas tão diverso nas fórmas.

Fanatico pela equitação, defende este a proficiencia da escóla sua predilecta, identifica n'uma trindade unica o cavalleiro, o cavallo e o touro, e d'este centauro assim arranjado pela sua imaginação artistica, faz o symbolo, o ideal da arte do toureador.

Menos versado nos preceitos e regras de Marialva, e da escóla com razão chamada portugueza, outro, que nunca montou senão em burro, tem a agilidade do bandarilheiro como o fundo, a essencia, o bello de uma corrida de touros; e apenas tolera como accessorio a firmeza do cavalleiro no arção, a sua promptidão do olhar, a robustez do pulso. Para este o capinha merece estatuas, e o cavalleiro apenas as

glorias mais circumspectas do recinto de um picadeiro.

Menos artista que os outros dous criticos seus collegas, ha ainda uma classe de amadores que não póde resistir a dar o grito soberano de *á unha!* e que considera a força physica, a irracionalidade, como a parte mais commovente, mais heroica e mais poetica de uma corrida de touros.

Finalmente, para haver de tudo n'esta variedade de opiniões, ha quem, negando ao preto os fóros de homem, só applauda phrenetico, e só intime a musica a tocar, quando o vê ennovellado no cavallinho de pasta, farejado, espesinhado, virado e revirado pelas armas possantes do touro, acirrado pelas farpas do capinha que dirige o turno!

Estes cambiantes de opinião confundem-se porém n'um enthusiasmo unico pelas corridas de touros, que os philosophos condemnam, invocando a humanidade, e que o povo, aferrado ás suas usanças, tem como o melhor, o mais innocente, e até o mais sadio de todos os passatempos.

Lisboa, deserta nas tardes de verão até ás 4 horas da tarde, anima-se, agita-se, enthusiasma-se ao ouvir o estourar dos primeiros foguetes, prenuncios de uma corrida de touros.

Ha quem leve a paixão pelo espectaculo a vêr tudo o que se passa no circo antes mesmo de começar o espectaculo! Ha amador tão dominado pelo vicio, que assiste inalteravelmente ao recolher do gado para o curro, ao varrer e regar da praça, aos primei-

ros meios quartilhos com que o preto se conforta, finalmente, ao apparecimento da authoridade no camarote, chrismada sempre no cartaz de *dignissima* e constantemente assobiada pela multidão que não respeita alli... senão o touro.

O espectador do lado do sol, parodia de S. Lourenço que morreu grelhado, não desarreda o pé do seu posto, quer a poeira lhe entre ás lufadas pela bocca dentro, quer o suor lhe corra em bagas luzentes pela cara abaixo. O bafejado da fortuna, o espectador do lado da sombra, esse, para em tudo ser feliz até se recosta—selecto entre os mais selectos—á capa que lhe emprestou o artista, com a mesma benevolencia com que os reis põem ás vezes no peito dos benemeritos as veneras com que enfeitaram as proprias fardas.

Que invejado não é o ditoso que assim poupa os cotovêlos do casaco, e em publico se vê alvo de tamanhas honrarias!

Ha amador para quem uma farpa ensanguentada dada pela mão do bandarilheiro em renome, vale mais do que um sorriso de *prima-donna,* ou que o expressivo olhar de uma travêssa dançarina!

Uma sensivel, mas não irremediavel lacuna, entristece hoje o amador puritano das touradas á portugueza, é a falta do Neto, d'aquelle burlesco ajudante d'ordens da authoridade que, em desequilibrio permanente, ora se achava bifurcado no pescoço do arenque que lhe servia de conductor, ora, sem saber ao certo a razão, se encontrava sentado na anca do

animal — unica victima de um permanente sarilho de marradas.

O clarim estridente e bellicoso tem o seu lugar na arena das praças hespanholas, onde o sangue corre a jorros, e se carece de um estimulante guerreiro. Entre nós o Neto era um personagem excepcional a quem o touro nunca fazia mal, convencido da irresponsabilidade do contendor.

Supprimir-lhe o lugar foi uma falta de calculo do arrematante da praça.

Sem o Neto, e sem um touro para os curiosos, não ha espectaculo tauromachico a que possa chamar-se portuguez de lei. Que boas, amplas e sinceras gargalhadas não sahem d'aquellas trincheiras do campo de Sant'Anna, ao vêr um bando de farropilhas saltar ao circo, investir com o animal espantado d'aquella nuvem de beduinos, provocando-o e acirrando-o, até que elle se resolve a partir na carreira, pisando aqui o barrete vermelho d'um, além a cinta de outro, apalpando mais longe as costellas ao temerario que ousou fazer-lhe frente!

Convenho em que a arte perca com estas escaramuças semi-carnavalescas, mas são tão poucas as occasiões talhadas para rir, que um touro para os curiosos é uma das scenas mais sinceramente alegres que póde dar-se n'uma corrida a capricho.

É no intervallo que usualmente divide as duas partes do espectaculo, que os frequentadores da feira d'Agualva e da Gollegã enumeram entre si as mazellas, os preços, as trocas e as idades dos cavallos que

successivamente tem figurado n'aquella tarde. «Aquelle tem pulmoeira, este esparvões, aquell'outro é cego, ou sobreposto». É só depois de esgotada a sciencia do veterinario que o alquilé conta, aos da sua roda, como é que conseguiu pôr direito o rosilho, fazer resfolgar o pigarço, chotar airoso o cavallo baio que era zambro.

E este dialogo todo ao som do classico pregão de: *licôr fino e ovos cozidos,* o liquido que menos se casa com tão indigesto solido!

BOAS FESTAS

1870

Fui officialmente encarregado de dar as boas festas ás nossas leitoras, quer dizer que aceitei uma missão diplomatica, eu, que sou o antipoda da etiqueta, o homem que menos sabe das praxes do mundo elegante.

Pensei porém no caso, antes de metter na pasta as minhas credenciaes, e conclui que o dar as boas festas por escripto, não era exactamente o mesmo que entregar em inutil estafadeira meio cento de bilhetes de visita pelas casas particulares, tendo o cuidado de os dobrar nos angulos, para dar a perceber aos visitados que o proprio subira, com aquella, a quinquagesima escada da capital!

*

Sommados os degraus que a etiqueta obriga os seus sectarios a subir no dia de hoje, e calculada a altura a que elles nos levariam, se a sua ascensão não fosse cincoenta vezes parcialmente interrompida, a pyramide grande do Egypto seria, observada do topo do ultimo degrau, como uma lavradeira de Vallongo vista do alto do zimborio da torre dos Clerigos!

Vou dar as boas festas ás leitoras, mas sentado á minha mesa de trabalho. Se a posição não é da mais requintada cortezia, perdôem-me ellas, recordando-se que o habito não faz o monge, e que a folha popular, de que n'este momento sou interprete, prefere n'isto, como em tudo mais, a lhaneza das intenções, aos arrebiques das phrases de duplo sentido.

Vamos entrar no anno de 1870. Não lhe quero tirar o horoscopo, nem desvendar-lhe os arcanos. Por hoje, o dia 1.º de janeiro, é apenas uma simples data, um numero na grande loteria dos destinos humanos. Para uns, chave de ouro com que a esperança lhes abre as portas do futuro; para outros, cadeado ferreo que lhes cerra o cyclo das illusões perdidas!

No vago e incerto da vida, uma data tambem incerta e vaga, falla aos corações timidos, e aos espiritos impressionaveis, como a voz do anjo ao ouvido de Sara, a fugitiva. A usança das boas festas veio-nos do paganismo, como d'elle nos veio tambem a crença nos dias *festos* e *perfestos,* que a suave philosophia do christianismo ainda não pôde extirpar. Á parte o

seu immenso genio poetico, Ovidio foi o padre Vicente Ferreira do seu tempo. Os *Fastos* são o grande livro da humanidade pagã, o almanach magno do povo romano. O nosso calendarista da extincta congregação do Oratorio apenas os additou á moderna, com a tabella dos preços dos caminhos de ferro, e com os dias de sessão do tribunal de contas... pequenas miserias de que os antigos não curavam. O dia de hoje foi tambem o grande dia do povo romano. Ovidio, que se correspondeu directamente com os deuses, com a mesma familiaridade com que o snr. Castilho, através dos seculos, se corresponde com Ovidio, não duvidou interrogar a Jano sobre a origem das boas festas. A pergunta do poeta latino, posta em vulgar pelo poeta portuguez, reza assim:

E d'onde vem que nas calendas tuas
nos damos mutuamente as boas festas,
este ir e vir de comprimentos faustos?

Não transcrevemos a resposta de Jano, á fundada curiosidade de Ovidio, porque o deus n'aquelle dia estava de maré para largos discursos, e a nós basta-nos que a leitora não ignore que já os romanos davam as boas festas, e em vez de brôas se presenteavam com tamaras, figos, e

Candido mel em barrilinhos alvos.

Deixemos em paz a antiguidade, e volvamos aos nossos dias. Ás horas a que a leitora estiver passan-

do pelos olhos este arrazoado, Lisboa será o theatro de uma terrivel hecatombe. Milhares de perús estarão sendo sacrificados em honra do anno novo, e a brôa, a classica brôa, obstruirá os estomagos fracos, pela abstinencia da sexta-feira anterior.

As calendas de janeiro foram famosas entre os romanos, e famosas o são ainda hoje por coincidirem com o começo do nosso anno civil. Nossos avós, pontuaes em assumptos de pragmatica, andavam no dia de hoje n'uma roda vida. O rabicho penteado e apolvilhado de vespera, trepava ás nucas venerandas dos magistrados de então; e até os officiaes do exercito, a quem a ordenança do conde de Lippe deixava a faculdade de usar este enfeite chinez, o ostentavam fluctuando sobre as golas das fardas. A casaca de saragoça, a luva d'anta, e a bota alta com borla de retroz preto, completavam, no fim do seculo passado, o vestuario pouco elegante das testemunhas oculares do terremoto, e que assim mascaradas sahiam para a rua a darem as boas festas.

O nosso seculo, que poucas cousas deixa de fazer a vapor, cortou fundo pelo velho ceremonial das boas festas, e hoje um bilhete de visita dentro de um simples sobrescripto chega aonde não podem, ou não querem ir as pernas da pessoa que por elle se faz representada.

O nosso povo, fiel á tradição, ainda hoje nas provincias canta as janeiras, pedindo francamente de viva voz o que os porteiros dos theatros, e os distribuidores dos jornaes lembram aos leitores no impresso que

lhes distribuem pelas portas, ou entregam ás entradas das platéas, e que os officiaes dos cabelleireiros requerem mudos, encarregando o realejo de chamar a attenção dos freguezes para o mealheiro de folha de Flandres pintado de verde, e que, sobre um bufete ou uma mesa está dizendo... boas festas! Esta digressão ia-me afastando da minha missão, e denunciando-me como um inhabil diplomatico que sou, e já me confessei ser. Fui acreditado pela redacção d'esta folha junto das leitoras, para lhe dar as boas festas na qualidade de seu enviado extraordinario, e leveime como um perdigueiro, farejando a caça, até ás origens das boas festas romanas, que os imperadores, os consules, os patricios e os plebeus davam e recebiam com a gravidade com que tudo se fazia em Roma, mesmo quando, tempo depois, os christãos eram atirados ás feras.

A concisa phrase portugueza «boas estreias» substituiria bem, n'este caso, o discurso macrobio dos diplomaticos no acto de apresentarem as suas credenciaes, se eu não entendesse dever sahir da fórmula já gasta e sediça para fallar ás leitoras dos dous melhores sentimentos do coração feminino «a saudade» que começa a sêl-o transposto o dia de S. Silvestre, e «a esperança» que nasce hoje, dia inaugurador de um novo anno, que ninguem deixa de desejar seja *civil,* e muitos receiam não passe de ser *economico.*

A moda que nos nossos dias festeja todas as inaugurações, desde a do canal de Suez até á de uma

carreira de omnibus para a Porcalhota; desde a abertura de uma escóla do conde de Ferreira até á de uma qualquer pastelaria central; não me permitte que eu deixe de festejar a entrada do novo anno, apesar de haver já dezenove seculos que o caso se repete, e que o passageiro chamado homem se transporta na locomovel da mais desesperadora velocidade conhecida — o tempo!

Se a minha posição excepcional me authorisasse a dar conselhos, recommendaria ás leitoras a saudade, de preferencia á esperança; o anno de 1869 de preferencia ao de 1870. A saudade é um sentimento todo pratico, a esperança todo experimental. Aquelle sabe sobre que, ou sobre quem recahe; este não atina sobre que, ou sobre quem se deseja fixar. A saudade é o tempo, poetisado; a esperança, o vago, com o positivismo do desengano muitas vezes por complemento.

Ainda assim bem vindo seja o anno novo. Se a moral hesita diante do problema do futuro, o physico reconforta-se no dia de hoje, e o physico reconfortado é uma negaça bem feita á sociedade das sciencias medicas, e ao conselho de saude publica do reino.

O sincero Xavier de Maïstre tinha razão quando quebrava e invadia a *autonomia* individual do homem, e fazia d'elle o terreno neutro de uma federação entre *l'âme et la bête,* entre o espirito e a materia.

A brôa tem hoje o seu dia excepcional, mas a

par d'ella triumpha tambem a idéa, que se alonga para o anno que vai entrar, ou se volve saudosa para as recordações do anno que findou.

Se nos fosse permittido applicar o principio ás excentricidades da politica, ou aos devaneios do coração, diriamos que «boas estreias» significam, para as primeiras, a queda ou triumpho das instituições monarchicas, para os segundos o tibio côr de rosa da nuvem, ou o roxo seguro e indelevel da «saudade» que serve para emblema das campas.

Para a parte animal da creatura, uma divisão bem marcada de tempo é apenas um estadio, um repouso momentaneo. Para o espirito, uma festa annual é como um thema philosophico que precisa ser estudado pelo coração, e authorisado pela intelligencia.

A festa, só porque é festa, não nos deve alvorotar o espirito.

A festa dos parvos, que a Roma pagã celebrava, e a França quasi inteira commemorava seculos depois, sob a designação de «festa dos loucos», deve pôr o nosso enthusiasmo de sobreaviso, para não corrermos nunca ao estourar dos primeiros foguetes.

Deus me defenda de pretender que os tolos se não agremiem e commemorem as suas festas de classe, porque esta minha pretensão equivaleria a querer que o mundo cahisse na misanthropia, ou então a negar as sagradas letras, que affirmam ser infinito o numero dos parvos, e segura para elles a bemaventurança eterna. E eu outra vez a cahir na divagação!

Merecia bem, pela inepcia, que a redacção d'esta folha me entregasse as minhas recredenciaes, substituindo-me por quem melhor soubesse fallar ás damas... a linguagem do anno novo.

Se ainda vivesse, o homem talhado para estas festanças seria Nicolau Tolentino. O poeta das satyras foi tambem o poeta dos anniversarios. Ser fidalgo, e fazer annos em vida do pedinchão mestre de meninos, significava um memorial disfarçado em decimas ou soneto, em honra do futuro patrono do official de secretaria.

Agora, decididamente, descubro-me de vez, comprimentando as leitoras, e desejando-lhes boas entradas do anno novo. Largos são os horisontes do homem ao encetar a primeira das mais significativas demarcações do tempo. Para a mulher, á parte a missão providencial que Aimé Martin lhe assignala, entre a esperança e a saudade se lhe reparte a vida. São os dous pólos entre que ella navega, topando ou evitando os baixios.

Para o homem a vida é oceano quasi sempre revolto em que não raro perde o rumo, e naufraga sem salvação. Um anno novo que enceta é mais um periodo obscuro da viagem para que apenas lhe serve de bussola o «acaso» e de Sant'Elmo a velha audacia com que os nossos navegadores dobraram o cabo das Tormentas. Em todo o caso, o dia de Anno Bom deve celebrar-se. É um pretexto, e os pretextos aproveitam-se. Ha mais de uma semana que o gastronomo saboreia o perú, engordando-o a milho, e em so-

nhos antevendo-lhe o vulto destacando-se do appetitoso tostado do arroz de forno. Mais ideal, ou mais distanciado dos solidos, ha quem traga de cór o numero da porta para os envergonhados, e lá para o cahir da tarde poderemos encontrar trazendo viva a perúa... que apanhou no Colchoeiro, ou trouxe incubada do armazem do José das Aranhas.

Este mundo é todo de contrastes!

Só para a uniforme e desesperadora monotonia da miseria é que não ha festas grandes do anno, se a caridade lhe não acode com as rosas virentes e perfumadas da esmola. Sejamos hoje todos os obreiros da festa inicial de todas as festas do anno, matando a fome aos que olham para a opulencia com as lagrimas eloquentes da resignação.

Se este artigo não prestou, ao menos pelo final, para despertar nos corações femininos a lembrança dos que no dia de hoje não tem guarida nem pão, então perdida foi a idéa que me trouxe de chapéo na mão á porta das leitoras, para lhes dar as boas festas em nome d'esta redacção, e pedir as migalhas das mesas dos ricos para os que, a estas horas, apertam nos braços desfallecidos os filhos, ainda crentes na maior das virtudes do christianismo — a caridade.

O POLITICO

Quando um homem qualquer não tem que fazer, e receia por um resto de pudor passar por vadio, mette-se a politico.

Ser politico, em Portugal, significa fallar no orçamento e não o lêr; na Carta constitucional, e não saber onde ella se vende; no poder executivo, e confundil-o com todos os outros poderes, menos com o proprio poder executivo.

Para se ser politico, precisa-se: primeiro, audacia; segundo, ignorancia; terceiro, ociosidade. Com estes tres predicados, a leitura de alguma folha periodica, e o conhecimento pessoal de dous ou tres homens que já fossem ministros, está o politico feito.

O politico é geralmente um homem enfastiado e

fastidioso, a quem correm mal os negocios publicos, e peor ainda os domesticos. O primo de outro primo que já foi pretendente e não obteve lugar que pretendia, é politico: é politico o mandrião que precisa de um arranjo para se casar; é finalmente politico o empregado que duplicou os recibos dos seus vencimentos; o lojista em vesperas de fallencia; o artista sem freguezes, o operario que não chega nunca á hora do ponto.

A primeira côr da bandeira do politico é liberdade. Outras, conforme os tempos, chrismam-se de — progresso — melhoramentos materiaes — economias e moralidade. Como o pedir custa pouco, o politico pede tudo, até tributos bem pesados... que não pesem a ninguem.

Por via de regra o politico, no exercicio das suas tendencias e faculdades, corre todos os partidos, defende todas as theorias, abraça todas as opiniões, e tem a habilidade de se confessar ainda por cima coherente comsigo mesmo, o que não é um milagre, mas coherente com as doutrinas de todos os publicistas, o que é um absurdo.

O politico incorrigivel é uma especie de taboada chronologica, indica com exactidão as datas, mas poupa-se ao incommodo de philosophar sobre a significação dos algarismos. Em conversação despretenciosa com outro caturra seu amigo, o politico falla em 1820, e suspira; em 1826, e franze o sobr'olho; em 1830, e morde o beiço; em 1834, e rejuvenesce; em 1836, e resmunga; em 1842, e vocifera; em

1846, e chora; em 1851, e sorri; em 1869... e pasma!

A monomania politica, o mais chronico dos achaques de que póde enfermar o cerebro humano, ataca o individuo com a valentia do typho; varia-lhe o mal como as intermittencias das sezões; demuda-lhe a côr como o sarampo; tolda-lhe a vista como as cataratas, varre-lhe finalmente a razão como esse monstro medonho... que se chama loucura. É nos intervallos ou cambiantes da enfermidade que o politico é tragico ou burlesco, sisudo ou caricato, intelligente ou bronco, consciencioso ou depravado, homem ou especulador.

O verdadeiro politico pertence a um sem numero de associações e de monte-pios, de empresas e de clubs. O amor á associação leva-o a ser ao mesmo tempo *Bruto* na loja maçonica, e Loyola na irmandade do Santissimo da sua freguezia. O mais sincero aspira apenas a ser *vigilante* na maçonaria, e visitador na irmandade. O de vistas mais largas no assumpto aspira a desempenhar na loja o tetrico papel de *irmão terrivel* e na confraria religiosa o rendoso lugar de thesoureiro.

Homem que viva menos mal na sociedade, sem emprego nem propriedade conhecida, é politico. Come um semestre das subscripções dos correligionarios, e o outro semestre das sobras dos beneficios theatraes, do producto das eleições, e da verba destinada para o material do expediente do monte-pio de que é thesoureiro.

O politico interessa-se geralmente por tudo quanto é novidade, porque a novidade traz de ordinario comsigo a confusão, e a confusão dá aso a deixal-o pôr em pratica as suas theorias sociaes.

Escriptor por absurdo, o politico de profissão engendra laboriosamente periodos que a mulher expurga em casa dos erros mais crassos de orthograhia, e o revisor do jornal que lh'os aceita obriga-os quanto póde a fazer as pazes com a syntaxe de concordancia.

Geralmente o politico passa os sete melhores annos da sua vida a servir o pai da Rachel dos seus sonhos, o ministro que lhe prometteu empregal-o na alfandega, e mais sete annos ainda antes de apanhar o lugar. Depois de servido, as crenças do politico amortecem successivamente. Duvída do futuro da patria, da honestidade dos seus governantes, da solvabilidade da divida publica, da conservação das nossas colonias, duvída finalmente de tudo, menos da propria infallibilidade.

Com duas unicas palavras, *Pindo* e *plectro,* dizia zombando o Tolentino, que punham os poetas do seu tempo *locução divina* nos maus versos que faziam. Com duas unicas palavras fazem tambem os politicos do nosso tempo os gastos das suas cogitações sociaes. As duas palavras magicas são: descentralisação e autonomia! A primeira augmenta os fóros civis da authoridade rustica: a segunda é um pretexto innocente de luminarias, um desafio ás expansões patrioticas das philarmonicas locaes.

O politico em exercicio é perna fixa das mesas eleitoraes, e apesar das syllabadas a que se vai arriscar, não declina de modo algum as honras de escrutinador. As correcções fraternas do presidente da mesa evitam a miude que o politico adultere a carta dos nomes, e transtorne, ao lêr os cadernos do recenseamento, a divisão administrativa da cidade.

Impávido apesar de todos estes contras, sobe por amor da arte á leitura e explicação da lei eleitoral, duvída da identidade do eleitor adverso, nega-se a receber o voto do inimigo que sabe morar na travessa e não no bêco de que reza o registo parochial!

Dia de eleição é dia de festa para o politico. Almoça com o candidato da sua parcialidade, janta com elle depois do triumpho, e ceia excepcionalmente no Matta á custa do capitalista que por capricho se metteu nas eleições.

Quem entrar no Martinho, no Marrare do Arco do Bandeira ou na Aurea, e vir um homem com os cotovêlos filados no marmore de uma mesa, com a cabeça entre as mãos, um copo de genebra ao lado, e um jornal diante dos olhos, e se n'esta mesma posição o encontrar uma hora depois, é um infeliz politico que soletra e decora o artigo de fundo da folha sua predilecta, ou está fazendo o seu peculio de novidades nos noticiarios dos jornaes do dia para as impingir por suas á familia.

O politico é já conhecido pelos criados do botequim que lhe negam os diarios que os outros fre-

guezes desejam lêr, e só lh'os entregam como reapparecidos quando não ha quem os queira, ou quando o jornal não póde por esteril entreter a pasmaceira do leitor.

Sempre mal com Deus, comsigo e com os homens, o politico é o mais acabado typo do pessimista que seja possivel encontrar-se. Se n'uma arruaça popular um municipal arranha um berrador, ou um policia civil fere ligeiramente um vadio, a arranhadura é chrismada logo pelo politico *de brutalidade de janizaro*, e o derforço do policia civil de ataque ás immunidades do cidadão pacifico.

O politico tem com o perdigueiro a analogia de farejar e levantar a caça. Noticia sem fundamento, ou boato sem verosimilhança, nasce exclusivamente do politico. É elle que justifica mais do que ninguem a phrase popular *fazer d'um argueiro um cavalleiro*. O que os francezes chamam *canard* e nós dizemos *galga* é de ordinario invenção do homem dado ás evoluções e artimanhas da politica. Não podendo ageitar o mundo á sua feição e desejos, compraz-se em pôr em circulação a mentira que, correndo de bocca em bocca, chega a ganhar fóros de verdade averiguada como tal.

No seculo passado o politico amordaçado pela censura prévia e pelos ultimos arrancos da inquisição, philosophava timido sobre os negocios externos, e deixava correr os de casa á revelia. Hoje, desaffrontado do desembargo do paço e dos paços do Rocio, o politico nada n'um mar de delicias, e, entrin-

cheirado no *communicado* e na *correspondencia*, despede sobre os miseros mortaes os raios da sua eloquencia.

O politico endurecido nos vicios da sua profissão tem de ordinario uma roda de papalvos que o ouvem com respeito, e applaudem com enthusiasmo. É elle que nas occasiões de crise improvisa a lista dos novos ministros, é elle que sem procuração redige em nome do povo as representações ao governo, é elle finalmente que no dia das eleições medita, escreve e affixa o pasquim que morde no credito do candidato da parcialidade opposta.

Desde que o *meeting*, importação ingleza, se naturalisou entre nós, o politico fez-se tambem orador. Nos comicios falla como geralmente se diz pelos cotovêlos, mas deixa sempre de remissa as idéas para occasião mais opportuna.

Quando o politico chega ao termo da sua laboriosa carreira, o necrologio lança mão d'elle, guinda-lhe o palanfrorio á altura de eloquencia, e saúda na inutilidade provada a isenção catonica do finado.

A posteridade, a remota e credula posteridade, é a unica illudida pelas meticulosas virtudes civicas do politico de profissão.

O NAMORO DA JANELLA ABAIXO

O namoro da janella abaixo é uma costumeira portugueza, e só portugueza. Não consta que em Londres ou Paris um amador do bello sexo se ponha a gritar da rua para um quinto andar *yes* ou *oui;* e que de cima das nuvens se lhe responda *my dear,* ou *mon amour!*

Os Romeus e as Julietas cá da nossa terra são os mais fleugmaticos amadores que se conhece. Que as patrulhas ouçam os dialogos alambicados dos dous amantes, que a visinhança dos andares inferiores os espreite para saber em que alturas vai o affecto dos interlocutores, que a chuva cáia a potes, ou o nordeste açoute as faces da menina debruçada no peitoril da janella, nada é capaz de lhes impedir a conjugação do verbo amar, encetada em quinta-feira

de endoenças do anno anterior entre o apertão das devotas que visitavam as igrejas, e o cartuchinho de amendoas passado de mão para mão, ás escondidas da tia, atalaya vigilante da moralidade da sobrinha.

O namoro da janella abaixo que durará em quanto existir o capote e lenço, o homem montado em burro circulando pela cidade, e o rapaz pedindo pelas portas folhas e cascas, é ainda um vestigio melancolico da existencia dos conventos, uma reminiscencia da vida aperreada de Lisboa no tempo em que o lagarto da Penha era o enlevo de nossos avós, e o homem das botas conseguia alvorotar a pasmaceira chronica dos contemporaneos da primeira invasão franceza.

Como se namora da janella abaixo, intercalando no dialogo uma vez em cada cinco minutos a palavra *amo-te,* e incommodando para os juramentos as tradições do paganismo, só o podem saber a fundo os felizes da terra que se encontram uma vez por semana á missa das nove, e uma vez cada anno nas respectivas parochias pelo tempo das confissões.

Do namoro da janella abaixo são dependencias a carta escripta com pauta e copiada do *Secretario dos Amantes;* a madeixa do cabello da menina atada com retroz verde; o retrato do pretendente rubricado com tinta vermelha; finalmente no dia dos annos d'elle uns suspensorios de talagarça bordados com amores-perfeitos pela mão d'ella; e, no dia dos annos d'ella, um casal de rôlas com fita azul clara no pescoço, enviado por elle ao objecto de seu culto.

Abro aqui parenthesis para explicar aos leitores que uma *pessoa* em estylo de namoro rotineiro é sempre um *objecto;* e que é por isso que os interessados usam dizer que enchem e alegram o coração com a vista... do objecto amado!...

O namoro da janella abaixo dura ordinariamente o numero de annos que Jacob empregou em requestar Rachel. Os meios expeditivos e vulgares que usa toda a mais gente para entre si se corresponder, são desconhecidos dos infelizes que têem chegado ao ultimo periodo de tisica pulmonar, quando lhes desponta no céo a esperança de uma anachronica lua de mel.

A estatistica medica, que tudo compara e calcula, que tudo aproxima, e de tudo deduz consequencias, attribue ao namoro da janella abaixo a quasi totalidade dos catarrhos da larynge, e o grande numero de rheumaticos agudos de que está sendo affectada a população da capital.

É ainda a estatistica, mas segundo uma outra ordem de idéas, que nos habilita a explicar o consumo da linha crua, suppondo-a applicada á ascensão do bilhete fechado em «abraço» que a menina do quarto andar guinda nocturnamente da rua, até darlhe acolhida no seio palpitante de amor... e semsaboria.

Não é já do nosso tempo o significativo piscar d'olhos que a tudo conduzia, até mesmo ao casamento. O novo systema de calçar as ruas, levantando uma poeirada infernal e produzindo as ophthalmias,

pôz fóra de combate o ridiculo systema de telegraphar em assumptos amorosos, roubando á posta interna os proventos legaes a que com toda a razão se julgava com direito.

O namoro da janella abaixo tem o grande pró de acabar sem explicações sentimentaes pelo eclipse da bella que os provocou, e o grande contra de precisar, para ser authenticamente reconhecido, de uma emboscada paterna, ou pelo menos da denuncia officiosa de uma visinha tagarella.

O namoro da janella abaixo não escolhe ruas, nem toma precauções. É o que é. Fazendo das duas mãos porta-voz de affectos, falla, grita, berra, conforme o andar da casa, sem se incommodar em saber se o gaiato que passa assobiando a *Gran-Duqueza* apanhou de ouvido que o namorado comprára já em leilão o guarda-fato de vinhatico, ou se a menina acabou de marcar no serão anterior a ultima das seis duzias de lenços do enxoval.

Toda a rapariga que aceita o papel de cornucopia de affectos, e os faz chover da beira do telhado sobre a cabeça do anonymo que se extasia na contemplação das graças que adivinhou ás escuras, adquire proximo do casamento uma rouquidão chronica, que o futuro marido tenta debellar com o auxilio da pharmacia, sem conseguir que a mulher recupere a voz propria do seu sexo.

O homem que tem a ousadia de pôr o coração em almoeda lançando do meio da rua pregão do que sente, arrisca-se a encontrar quem entrevenha no

dialogo, e mais tarde se aproveite da mesma argumentação para tornar lua de fel, o que foi lua de mel apenas uma semana.

A mulher que se atreve a discutir o amor, cem braças acima do nivel do mar, vendo cá em baixo o amante ennovellado em rolos de poeira levantados pelos varredores do municipio, estudou ordinariamente o assumpto nas traducções dos romances francezes de peor nota, e por isso cada juramento d'ella é um gallicismo, que o sofrego apaixonado recebe como phrase classica, e sem criterio atira no dia seguinte para a circulação.

O abuso das cedilhas, e a guerra aberta declarada aos *hh,* são os principaes caracteristicos da orthographia, ora prodiga, ora avarenta, da menina, que escreve cedo com *c* cedilhado, e amputa ao homem o *h* a que todos nós andamos avezados.

No tempo em que a policia municipal era mais relaxada de que hoje é, ou para melhor dizer, quando não havia nenhuma especie de policia, o namorado apesar de bom christão arriscava-se a ser baptisado segundo vez, não pelas aguas do Jordão, mas pelas sobras pouco limpidas do trafego domestico.

Agora já não existe esse perigo, mas em troca os cocheiros dos omnibus assobiando á sahida dos theatros interrompem por meia hora a lamuria amorosa da menina, que falla em envenenar-se com cabeças de phosphoros se não casa antes do fim do semestre, e cortam a argumentação banal do noivo contra o suicidio.

Apesar da vida actual ser menos bisonha do que era ha trinta ou quarenta annos atraz, o namoro da janella abaixo, reluctando contra a civilisação, promette perpetuar-se eternamente, e ser o mais fecundo estimulo de enlaces matrimoniaes.

É rara a tranquillidade domestica dos conjuges que deixaram voar a mocidade, vendo-se diariamente durante sete annos, ella, ao nivel do zimborio da Estrella, olhando para elle; elle, da modesta altura da craveira militar extasiando-se para ella.

Debaixo dos mesmos tectos nasce rapido á mulher casada o convencimento da tolice do marido, e ao marido a crença profunda da fealdade da mulher. Ella detesta as pieguices do dono da casa, repetidas e esgotadas em edições sem numero; elle começa a achar na criada côres mais frescas do que as conservadas pela esposa depois de haver affrontado os relentos de sete interminaveis janeiros.

O infeliz, que consegue obter a mão da mulher que requestou a distancia impossivel de assentar as bases de um protocollo, arrisca-se, sem poder protestar, a improvisar uma familia no proprio dia do casamento. A sogra mette-se-lhe em casa em nome da saudade materna; a tia opta pelo domicilio da sobrinha de preferencia ao asylo da mendicidade; finalmente a mãi da sogra, respeitavel nonagenaria, teima em albergar-se debaixo dos mesmos tectos, trazendo para desenfado da sua forçada ociosidade um cão invalido, e dous gatos de contestavel prestimo.

Ephemeras são as illusões d'esta vida! O homem

que passou o melhor dos seus annos a olhar para o céo, vê-se de repente cahido no inferno de uma familia macrobia, e cuidando ao mesmo tempo no berço do filho, e no caixão que lhe ha-de levar a avó pela porta fóra.

O namoro da janella abaixo, imprevidente, como não póde deixar de ser, arrisca uma mulher a ligar-se para sempre a um vadio; ou um homem laborioso a cahir na armadilha que lhe preparou a menina que só via no casamento a possibilidade de assistir na rua dos Condes á representação de uma magica, ou de ir no dia de S. João á Outra Banda merendar a casa do Joaquim dos Melões!

Em conclusão, o namoro da janella abaixo devia ter sido prohibido pelo Codigo civil como attentatorio da dignidade da familia, e conductor seguro e rapido do divorcio judicial.

UM CASAMENTO NOS SALOIOS

Vi uma vez um, e fiquei a chorar por mais.

O noivo chamava-se Antão, nome que nenhum pai com mediocre vergonha põe a um filho. A noiva Rosa, nome que lhe assentava ás mil maravilhas pelas côres e pelos espinhos. Elle era um saloio de pé esbroado e melena encaracolada, que se encostava ao varapau com a commodidade com que uma delambida de sala se espreguiça n'um sophá. Ella uma mocetona para lhe não virar a cara em nenhum futuro conflicto domestico, larga de espadoas, e com uns pulsos talhados para resistirem aos grilhões do matrimonio.

Antão, que mezes antes fôra mordido por um cão hydrophobo, preparára-se de vespera para o matrimonio, indo benzer-se a Santa Quiteria de Meca,

acompanhado na devota peregrinação por um jumento ruço, com a espinha dorsal em carne viva, e de um olhar tão melancolico que faria inveja a uma namorada, na quinta edição dos seus requentados affectos.

O padre encarregado de benzer o nosso homem, e a alimaria que elle levava para identica operação, tratou primeiro de quem tinha alma que perder, e, só depois, foi que admittiu o burro a dar as tres voltas do estylo á roda da igreja, atando-lhe por fim ao pescoço a fita de nastro vermelha, sem a qual ninguem regressa de Santa Quiteria de Meca, a não ser algum impio, perdido de todo para a bemaventurança.

O burro no caminho, espicaçado pela mosca, e sem fôrças para virar o focinho em demanda da sua inimiga, deixou-se ir abaixo das mãos, estirando o dono no meio de um lameiro, ruim agouro no dia anterior ao de um noivado.

A noiva, a Rosa do Saca-Chilanças, como lhe chamavam na aldeia por ser filha do coveiro da freguezia, tambem nove mezes antes do casamento consultára uma *mulher de virtude* do sitio, sobre achaques que a queixosa dizia desconhecer, mas que a bruxa sem hesitar affirmava ao pai da doente ser *sol na cabeça,* enfermidade curavel com uma infusão de oregãos e malvaiscos verdes.

A sciencia da curandeira fôra lograda. Assim o attestava um baptisado que ia ter lugar em seguida ao enlace dos nubentes, paes do neophyto, por ante-

cipação. Antão, com uma cara semi-radiante e semi-alvar, olhava para o menino sorrindo, e coçando-se atraz da orelha, o que é nos saloios indicio seguro de desconfiança. A noiva estava com um ar distrahido, como quem pensava mais no arroz dôce que deixára em casa ao lume, do que na mudança de estado e no futuro da prole.

A madrinha da noiva era uma saloia vestida em corpo com chita de fabrica nacional, trazendo dobrado no braço um enorme chale-manta, tambem de procedencia portugueza, e nas orelhas uns brincos proporcionalmente maiores que os sinos grandes do carrilhão de Mafra. A madrinha servira em tempo de capa de velhacos nos amores nascentes dos noivos, e por isso fazia agora as pazes com Deus assistindo á benção nupcial dos dous desencaminhados.

O padrinho do Antão, esse era um verdadeiro typo de homem que se atirou de vez para a solidão, alheio sem dar por isso ao reviramento das modas, e não suspeitando mesmo que houvesse quem se podesse vestir de modo differente do seu. Viera pela ultima vez a Lisboa no tempo de D. José Serrate, vêr na praça do Salitre uma pantomima de mouros e cordovezes, e tal foi o encantamento d'aquella alma candida, que ficou julgando desde então que o mundo já não podia dar mais nada de bom.

O padrinho era um lavrador apenas remediado, e vestia na occasião uma casaca trepadeira, que lhe subia sem licença até á nuca, tolhendo-lhe os movimentos do pescoço. O collete, de setim preto, com

raminhos de variado matiz, andava em divorcio acintoso com os cóses das calças, deixando-lhe sahir a camisa em rufos á Luiz XIII. Um chapéo afunilado, e louro pela inactividade temporaria a que fôra condemnado, apparecia como estranho ao bulicio de um noivado. Finalmente, umas gigantescas luvas de pellica, que podiam sem offensa passar por couro da Russia, cuidadosamente dobradas, dedo com dedo e costura com costura, e marcialmente seguras na mão esquerda, completavam este figurino de 1828 a 1832, quando menos.

A pequena igreja do lugar estava atulhada de curiosos attrahidos pela fama da festa. De vez em quando sentia-se ranger nos lagedos as botas ferradas dos saloios que entravam, ou o ciciar da aragem, deslocada por elles no acto contrito de se persignarem, ou de se borrifarem reciprocamente com agua benta.

Os beijos da noiva faziam, ao que parece, parte obrigada e official da funcção. As largas bochechas da Rosa já não tinham lugar para aceitar mais demonstrações de affecto, nem as mãos do noivo ossos que lhe não doessem, torturados pelos amigaveis apertões que lhes davam os convidados.

O padrinho desejando corresponder bizarramente á honra que recebia, e tambem para não perder os seus creditos de homem que sabia fazer limpamente as cousas, mandára ao nascer do sol deitar uma girandola de foguetes em frente da casa do seu afilhado, e tinha a postos um bando de garotos para dar

uma salva de morteiros de sete tiros ao findar a ceremonia religiosa.

As respostas de Rosa ás perguntas do ritual catholico, foram claras e sacudidas, como quem estava morrendo por dar um pai a seu filho, livrando-se por uma vez das rosnadellas da visinhança. As do noivo essas foram dadas por entre os dentes, e olhando sempre, talvez por acaso, para a flexibilidade do varapau que trazia na mão, como se estivesse calculando o effeito que elle poderia produzir nas costellas do proximo. Á parte este incidente, que é possivel não ter sido calculado, o casamento ultimou-se sem reclamações, e estou em dizer que sem invejas.

A este acto solemne seguiram-se os abraços dados e recebidos, que echoaram pela igreja, com um som semelhante ao de botijas de cerveja que se destapam, e que os martyres da amizade aguentavam a pé firme, quem sabe se pensando mentalmente nas sanguesugas que teriam que deitar á noite ao recolherem-se a casa.

Depois do casamento veio o baptisado, pela ordem inversa dos acontecimentos. O pequeno vinha ao collo da comadre da localidade, mulher de uma chronica mais arrevesada do que uma charada mal feita, e que andava sempre a caminho da cabeça do districto, para entregar á misericordia publica os que a penuria ou o crime abandonavam no berço.

O padre embirrou em que o pequeno se devia chamar Felizardo, querendo vêr na raiz d'este nome

um prognostico de boas fortunas, e não houve meio de o demover do seu proposito, apesar das objecções do pai, que desejava na sua dynastia mais um Antão, consultando a mulher com os olhos, á espera de mais um auxiliar á sua opposição. Ella porém deixou-se ficar muda e queda, e o pequeno, que era feio como a noite dos trovões, recebeu na pia do baptismo o nome que o cura lhe quiz impôr. A criança berrando a bom berrar, protestava nas faxas infantis contra a prepotencia clerical, e inqualificavel resignação paterna.

Á sahida da igreja foram os noivos saudados, além da salva de morteiros de que já fallámos, com uma saraivada grossa de confeitos, que acertavam todos no ponto de mira mais elevado do prestito, o chapéo alto do padrinho. Este, sorria complacente, como quem reconhecia e applaudia as usanças nacionaes, mas, pelo sim pelo não, resguardava os olhos com um lenço encarnado e amarello de sêda da India, para não se assentar sem elles ao banquete nupcial.

Quando a ceremonia terminou estava a mesa posta em casa dos paes da noiva, que eram os que mais lucravam com a resolução briosa do genro. Uma enorme terrina de macarrão a ferver, toldava em columnas de fumo a vista aos convidados, escondendo-lhes, como por negaça, um homerico jantar, em que figurava como prato forte um carneiro, assado com tudo que Deus lhe deu, menos a armação, e, para debique gastronomico, dous pratos sopeiros com

azeitonas, que os assistentes por ceremonia comiam com faca e garfo, para os não accusarem de ignorar as boas praxes da etiqueta.

Aos quatro angulos da mesa, como tocheiros em eça funeraria, elevavam-se magestosos quatro cangirões vidrados, com vinho da penultima vindima, que foram quatro vezes reforçados durante o jantar, sem ninguem protestar contra a prodigalidade dos donos da casa.

Umas poucas de travessas de arroz dôce, litteralmente envolvidas em canella e casca de limão, acabaram de arrasar os estomagos imprevidentes dos convivas, já incommodados pelos alguidares da salada, e pela indigesta mas aromatica fressura de porco, morto em holocausto á solemnidade do dia.

Jantar sem saudes, é theatro sem palmas, ou corrida de touros sem cambalhotas. Foi o padrinho quem pela sua posição social, circumstancias e mais partes, como dizem os decretos, se viu forçado não a quebrar o silencio, o vinho é eloquente, mas a impol-o ao resto dos circumstantes.

Logo ás duas primeiras palavras que o nosso homem proferiu, pegou-se, como um cavallo manhoso de trem de aluguer. Um dos convivas mais *alegre,* entre tantos que já o estavam, convidava-o causticamente a desembuchar, ou a ceder da palavra, a que o desgraçado estava agarrado como um palhaço no trapesio. Recuperado o sangue frio, que perdera no exordio do projectado brinde, pôde o infeliz orador dizer o que pensava sobre o caso, arrancando á noi-

va algumas lagrimas por demais, e ao auditorio muitas palmas, pretexto de novas e interminaveis libações.

Era já noite fechada quando começou o bailarico, e com elle a descobrir-se a primeira unha do demo. Em quanto a raparigada do lugar cantava em côro a *caninha verde,* e a madrinha arquejava com o peso dos brincos e do chale-manta, de que pelas duvidas se não separava nunca, um cantador encartado, que não assistira ao jantar, e era ao que parece intruso no bailarico, jogava disfarçados epigrammas ao noivo, que este consultava na cara de Rosa se mereciam ou não mereciam segunda leitura, para tomar uma resolução, conforme o caso o merecesse.

Felizmente tudo acabou pelo melhor, como se diz na aldeia quando uma festa não desanda em pancadaria. No outro dia, pela manhã, já Antão andava na sua faina diaria, e o padrinho respirava livremente, desembaraçado da casaca, e liberto para sempre, dizia elle, do chapéo que os confeitos tinham reduzido a calda de assucar.

AS AUTONOMIAS

E OS

AUTONOMOS DE AMBOS OS SEXOS

Autonomia é uma palavra hoje vulgar, que na sua primitiva accepção correspondia a uma idéa nobre. Nos nossos dias é usada no mesmo sentido com que, merecendo-a, se ufanavam algumas cidades da Asia Menor conquistadas pelos romanos. A palavra ainda não decahiu da sua antiga importancia, nem do seu velho esplendor historico.

A Polonia quer, mas não pôde ainda obter a sua autonomia. A Hungria, mais feliz que a sua rival nos soffrimentos, reconquistou-a com as armas na mão. Portugal préza, adora a sua autonomia, tem-na, conserva-a, defendel-a-ha a troco do seu sangue, e merecel-a-ha, se os *autonomos,* que são a caricatura da

autonomia, não derem em vasa-barris com a idéa e com o facto; com a palavra, e com a historia que lhe é correspondente.

N'este borbulhar de theorias extravagantes, que estão reclamando um novo diccionario de algibeira para as explicar, resurge agora, pedida emprestada á Allemanha, a palavra *autonomo,* de que Kant usára para designar o estado da alma alheia ao imperio das paixões, e obedecendo unicamente ao dominio da razão.

Da historia que a ennobrecera, e da philosophia que a registára, passou a palavra, que a Grecia puzera em circulação, a andar pelas boccas do mundo como dizem as velhas de soalheiro, reclamada agora pelo presidente de uma camara municipal sertaneja, encaixada logo no discurso de um regedor de parochia, a proposito de duas gallinhas empalmadas por um gatuno, a um visinho, que as estimava mais do que aos dous olhos que tinha na cara.

A palavra *autonomia,* de que em seguida veremos a recente applicação, deriva-se do grego *autos,* si proprio, e *nomos* lei, isto é, que não recebe lei senão de si proprio.

Para que os meus confrades gregos da Academia das sciencias não fiquem a roer-me na pelle, preciso confessar, estendendo a mão á palmatoria, que foi no *Diccionario Universal* de Bouillet que eu encontrei feita e arranjada esta erudição balofa, que outros, menos sinceros, atirariam á posteridade, escondendo as muletas de que usam, para que o vul-

go não saiba que andam tropegos de ambas as pernas.

Regra geral, são autonomos: o presidente de uma camara municipal que não põe lenço ao pescoço e soletra o artigo 144 da Carta; o regedor de parochia que o imita na ignorancia e nas aspirações: e o recebedor alcançado, a quem a theoria presta para liquidar de vez as suas contas com a fazenda publica.

Quando havia juizo por este mundo de Christo, chamavam-se direitos individuaes (idéa e palavra que todos entendiam) áquillo a que os programmas politicos do reino visinho agora alcunham de autonomia do homem. Não é já o tostão do nosso codigo politico que presta, são os cinco vintens de Cadiz e de Barcelona que teem curso forçado no mercado dos especuladores politicos.

Um homem autonomo significa um homem sem rei nem roque, embora o vocabulo — lei — entre por cortezia na sua composição. Um infeliz que perca a razão é completamente autonomo, e póde dar por paus e por pedras á sua vontade antes, durante e depois, de uma evolução social qualquer.

Para aceitar as boas praxes da liquidação social é necessario primeiro que o espoliador seja autonomo, e que pelo contrario o espoliado aceite de braços cruzados a rapina e divisão d'aquillo que lhe pertence, abdicando da sua autonomia.

Uma das mais seguras inspirações da autonomia do homem é um bom copo de litro de vinho do Cartaxo, emborcado de um folego e sem fazer careta.

Toda a philosophia de Kant vai-se como um tonel roto diante do homem emancipado pelos vapores alcoolicos de meia duzia de decilitros bebidos sobre o dente.

Vê tudo côr de rosa o homem que no pleno uso da sua autonomia directamente bebida no pichel, zela os interesses do mundo social como Diogenes, dentro da pipa já vazia, zelava os raios beneficos do sol que Alexandre momentaneamente lhe roubava.

Não conheço particularmente nenhum autonomo, mas afigura-se-me que deve ser um cidadão de barriga proeminente, de côres sadías, frequentador das hortas, e inseparavel amigo do seu palito, depois de jantar. O ser solteiro no autonomo não é estado, mas condição. A vida que leva, se não é um idyllio, assemelha-se a um romance sem peripecias, mas de estylo fluente, embora monotono. Uma apoplexia é o remate de tamanha beatitude.

Ha outra especie de autonomos, escravos das suas convicções. Mettem-se debaixo dos pés do cavallo de um municipal para terem o direito de gritar pela sua autonomia offendida, ou batem com a porta na cara do esbirro que os convida a assignar a contra-fé de um mandato de penhora por decimas, para exemplificarem comsigo o despotismo da authoridade administrativa.

Reconhecidos que um dia venham a ser os direitos politicos da mulher, a autonomia do sexo fraco deve dar admiraveis resultados de absurdo, episodios dignos da veia sarcastica de Camillo Castello Branco.

Ser mãi de muitos filhos, e mulher de igual numero de paes, o que hoje é excepção, virá a ser a lei universal do progresso.

A mulher autonoma será a antipoda da alma *alheia ao imperio das paixões* para que o philosopho allemão inventou a palavra, mal cuidando que um dia se virariam as settas em grelhas, dando-se paixões ás almas que elle tirára do purgatorio. Um lar autonomo deve ser a miniatura do inferno. O poeta da *Divina Comedia,* apesar da sua sagacidade, não anteviu que os *autonomos* viriam a ser os principaes freguezes de Satan, e por isso os deixou sem lugar marcado entre os reprobos.

Ha na numismatica moedas conhecidas pela denominação de autonomicas, por terem sido mandadas cunhar por cidades com esse direito especial. Á vista d'este exemplo, não sei a razão por que se devam pôr de parte os *camapheus* tambem autonomicos, de que a mineralogia não dá noticia, mas que o seculo conhece pelo nome de mulheres dragões, tão arredadas andam das fórmas da estatuaria, como aptas pelo desembaraço masculino para fazerem parte de um bando de *intransigentes.*

Uma dona de casa autonoma, e reconhecendo iguaes direitos no resto da familia, deve ser uma cousa quasi tão insupportavel como a Marselheza tocada fóra de compasso n'um velho piano de cinco oitavas e meia.

Como os maus exemplos são contagiosos, em que Babel se não transformará o *menage* governado por

uma mulher autonoma, com os filhos e os criados tambem autonomos, elles rotos em nome da autonomia materna, ella barafustando por atinar se *samos* ou *semos* portuguezes ou lusitanos, em quanto o marido toma a rol a roupa da lavadeira!

Ha animaes de tão finos e raros instinctos, que espreitam desde já a occasião em que os donos da casa se declarem autonomos, para lhes seguirem immediatamente o exemplo. O gato, emancipado das peias domesticas, desprezará a classica cinza do borralho a que de pequeno o acostumaram, e o papagaio da menina mais velha de paes autonomos, negar-se-ha democraticamente a repetir «o el-rei que vem da caça» que fazia as delicias de toda a visinhança do sitio.

Feliz a época em que vamos entrar! As crianças, autonomas desde o berço, negar-se-hão a ir á escóla, e em vez de soletrarem o *Simão de Nantua,* darão vivas á emancipação da mulher, ignorando, coitadinhas, que se arriscam pelo correr dos tempos a não terem pai fixo.

Para este caricato reverso de uma boa medalha é lastima que se houvesse inventado a palavra «autonomia».

O GALLEGO

(TYPO NACIONAL ?)

Um dos typos mais estudado pelos escriptores portuguezes, com especialidade no theatro, é o do gallego.

Já Francisco Manoel dizia no seu tempo em um chistoso amphiguri:

> **Duzentos gallegos**
> **Não fazem um homem,**

e comprovava o seu dito acrescentando:

> **Porque, quando comem,**
> **Meu dinheiro, teu dinheiro.**

A avareza gallega, já notoria no fim do seculo passado, servia assim de desenfado poetico a um dos mais notaveis vultos da nossa litteratura.

Mais de meio seculo depois, Alexandre Herculano, quebrando pela austeridade dos seus estudos historicos, analysava tambem galhofeiramente o gallego, e concluia negando-lhe a patria. A razão era simples e sem réplica: «o gallego vem da terra, e vai para a terra».

Ultimamente o snr. Ramalho Ortigão, mais benevolo que os seus dous illustres predecessores, n'um artigo intitulado *A morrinha gallega,* dotava o seu heroe de sensibilidade moral, e de concessão em concessão, fazia d'elle um martyr do trabalho, uma victima muda e resignada d'essa vaga e concentrada tristeza a que os inglezes chamam prosaicamente *spleen,* os francezes com um certo arrebique *mal du pays,* e nós poetica e sentidamente *saudade.*

Agora ao escrever esta palavra, que já foi titulo d'um mavioso livro [1] e invocação d'um patriotico poema [2], me recordo eu que Garrett tambem cantou o gallego, e por signal com um sainete tão seu d'elle, que era da gente morrer de riso, ao vêr o compostellano e o seu interlocutor, o proprio demo em pessoa, deslindarem entre si os seus antigos aggravos.

Sabido que seja que o gallego já foi cantado por um dos maiores poetas do nosso tempo, vamos nós agora ao caso. É opinião minha no assumpto, além de ser axioma velho dos philosophos, que a verdade

[1] Allude ao livro de Bernardim Ribeiro.

[2] Allude ao poema *Camões,* de Garrett.

ácerca do gallego não está nas extremas e desencontradas cousas que d'elle se tem dito, mas sim, como demonstrarei no decurso d'este estudo, n'um razoavel e justiceiro meio termo.

Tencionando pôr em relevo as boas e ruins qualidades do bipede, que os geographos fazem oriundo d'uma das provincias da peninsula iberica, protesto retratal-o com a sobriedade de côres com que Tacito esboçava os perfis dos seus heroes.

Como todos os povos da terra, incluindo os patagões, o gallego tem a sua historia patria, que desconhece profundamente, não lhe sendo possivel dar conta de dous recados ao mesmo tempo, o amor das letras e a sua labutação diaria.

Na sua provincia, afóra o fidalgo, que julga saber de tudo, porque sabe só de si, o povo ignora tudo, porque nem a si proprio se conhece. A monomania da expatriação, tradicional e irresistivel no gallego, tenta-o logo nos verdes annos a abandonar a terra natal, sem mais conchego exterior que a roupa que traz envergada no corpo, sem mais peculio que o estrictamente necessario para pagar a passagem no convez d'um vapor, sem outro fito que não seja a ganancia, sem outra recommendação mais do que a carta d'um primo que deixou no bispado, para outro primo que se regala de apanhar soalheiras na esquina do chafariz do Rato, ou que, já mais ladino, se emprôa com os freguezes do Chiado, fazendo recados a credito aos janotas em apuros pecuniarios.

O gallego recem-chegado da terra conhece-se pelo

cabello, exemplarmente cortado á escovinha, pelo cachaço ainda virgem das callosidades do chinguiço, pelo respeito com que tira o barrete ao official da ronda, julgando que é o rei, pelas veneras em latão de alguns santos mais milagrosos da sua provincia e que a camisa entreaberta deixa devassar aos profanos, finalmente pelo modo desgeitoso com que usa do sacco a tiracollo á laia de grã-cruz.

O gallego novato é, especialmente no carnaval, o desenfado, a alegria dos veteranos seus conterraneos, quando o não é tambem da garotada, que se julga com direito a debicar no sisudo e ingenuo ganha-pão.

O gallego tem em Portugal missões providenciaes. Uma d'ellas, hoje em decadencia, é a de corretor lepido e calado de correspondencias amorosas. O chefe de familia que ajustava um gallego para lhe fazer os recados, tinha tambem a certeza de arranjar para as filhas o mais pontual e geitoso dos Mercurios.

O progresso matou esta, como outras industrias nacionaes. Agora quem tem negocios de coração atira francamente com elles para a secção de annuncios dos jornaes, defraudando a receita da posta interna, e usurpando as attribuições mais melindrosas e lucrativas do gallego. Aqui ha dez ou quinze annos atraz, o cidadão de Tuy tinha fechados na mão mais segredos intimos, do que quantos chegavam aos ouvidos dos clerigos que povoavam pela quaresma os confessionarios da capital.

O grande poeta tinha razão: *ceci tuera cela:* o livro matará o monumento; o annuncio dará cabo do gallego, monumento vivo da impiedade logica da civilisação que, para nada respeitar, nem attende ás usanças do chafariz, nem aos direitos tradicionaes do gallego, o medianeiro encartado de affectos correspondidos. A idade de ouro do gallego vai passando, para talvez nunca voltar. O fim do semestre, que foi por largos annos o S. Martinho da classe, graças aos novos systemas de mudanças, já lhe não rende o que antigamente rendia. O gallego achou finalmente um competidor no mercado — o possante e paciente cavallo hanoveriano — que transporta d'uma assentada os tarecos d'uma familia numerosa, e passa rinchando orgulhoso pela frente dos seus vencidos rivaes. Apesar de todos os rebaixos que a profissão tem levado, o mercantilismo gallego ainda tem muito em que se empregue; muito ainda com que entretenha a sua veia inventiva. Ha familias a quem a retirada do gallego para a terra faz mais falta do que a morte do proprio dono da casa.

Este, se fecha os olhos deixando a familia amparada, só leva para o outro mundo a certeza de que ha-de ser rigorosamente cumprida a pragmatica com relação ao tempo de luto a deitar por sua morte; em quanto o gallego deixa lavada em lagrimas a gente da casa, de que era por assim dizer o arrimo e o conselho. A matrona tabaqueira lamenta a ausencia do unico comprador geitoso de simonte que ella conhecia; e a menina casadoura a do unico confi-

dente das suas lastimas amorosas. A tia velha sente a perda do homem que ella considerava como a torre do tombo das memorias da familia; e a cozinheira a falta que lhe faz a companhia do prolixo e emphatico narrador de incendios.

É raro o gallego que não affirma ter na terra umas courellas, uns pés de oliveiras, um cerrado, qualquer cousa que lhe deve render dinheiro, mas o facto é que nunca de lá lhe mandam um chavo. Outra excentricidade da especie é vir o gallego da terra adolescente e solteiro, e passados quarenta ou cincoenta annos vêr branquear-se-lhe a grenha, escarnar-se-lhe a tibia, enrugar-se-lhe a pelle, e partir uma bella manhã para a terra, dizendo que vai casar.

O casamento do gallego é um enigma. Como é que o homem que não conhece a noiva, que nunca se correspondeu com ella, que nunca a viu nem pintada, parte com o coração lavado de affectos e chega e vê e vence, como Cesar!

Se o amor foi alheio a esta evolução matrimonial, o interesse tambem não parece ter-lhe sido movel. Seja como fôr, o que é verdade é partir o gallego resolvido a contrahir os *sagrados laços,* dar sem hesitação a mão á sua Pepa, e um mez depois encontral-o já a gente de barril ao hombro, como se não fosse nada com elle.

Diz-se que o gallego deixa a mulher na terra entregue ao abbade, e ha quem queira tirar d'ahi argumento em favor da sua fé religiosa; mas eu pen-

so de mim para mim que outra deve ser a razão de tão abrupto divorcio. Qual? Longe de mim a vaidade de solver esta intrincada pergunta, mas julgo que o gallego casa pelo seu affecto ás dynastias chamadas legitimas, que uma revolução qualquer derruba no mundo politico, e as separações prolongadas tornam duvidosas nas ligações domesticas.

O gallego é, sem jogo de palavras, o homem dos *tres estados:* solteiro em Portugal, casado na terra, viuvo perante a sua intemerata e inviolavel consciencia. Solteiro, desfructa os benesses da liberdade individual; casado, alarga a área do registo civil; viuvo, encapota-se na gravidade elegiaca das suas posthumas recordações.

Um distincto publicista francez já perguntou n'um celebre pamphleto o que era o terceiro estado na ordem politica, e respondeu triumphantemente á pergunta, dizendo que era tudo... O terceiro estado do gallego, a *viuvez,* está logicamente contido nas premissas de Benjamin Constant.

Alarguemos o assumpto. O gallego, o nosso, o que vive na casa de malta, e ouve a missa das almas; que não faz cara a um carrego de dez arrobas, nem se esquece de tirar bilhete de residencia no consulado, é por via de regra um rigido e despretencioso Espartano.

O caldo negro dos antigos e austeros republicanos, substitue-o o gallego pela farta palangana de feijão branco com couves, e é na dura enxerga de catre que elle se habitua, de noite, ás trilhaduras da

padiola, e aos encontrões da bomba dos incendios.

O gallego faz a barba á porta de casa, vendo desfilar pela rua, e confundindo-as com a propria cara, as caras dos que lhe passam por defronte do microscopico espelho. Este methodo original de barbear traz comsigo o contra do gallego se suicidar um dia, pretendendo cortar as guelas ao inimigo que vê reproduzido na lamina a que se escanhôa.

Por uma excepção, digna de notar-se, o gallego embriaga-se pelas festas grandes do anno, e é então comico vêl-o hirto de corpo, e emperrado de lingua, discursar, novo Montesquieu, sobre as causas da grandeza e decadencia, não dos romanos, mas dos barytonos e baixos-profundos que por essas ruas apregôam agua... quando a agua cahe a cantaros.

O gallego ainda hoje leva de frente dous oppostos misteres — ateia e apaga fogos. Ateia indirectamente os do coração com as epistolas que entrega; apaga com a agua os que lambem e devoram os edificios publicos.

A gaita de folle, o unico instrumento que se toca com o sovaco do braço, é para o gallego o ideal da melodia. Pelas festas do Espirito Santo é vulgar encontrar-se um duo de gallegos filado ao instrumento nacional, pedindo verbalmente esmola para este ou para aquelle cyrio, em quanto o vento se vai encarregando de o fazer roncar.

A tradição, que erradamente attribue ao lynce uma vista perspicaz, mais avisada andaria concedendo ao gallego este predicado. Sujeito aos demais

achaques inherentes á fragilidade humana, a ophthalmia é a unica doença de que o gallego não enferma, e senão digam-me se já viram algum d'elles usar de oculos.

Rematando este imparcial estudo, fico fazendo votos por que a Galliza continue a produzir gallegos, o que não me parece um milagre nem uma prodigalidade.

O ANDADOR DAS ALMAS

Se ha physico bem conhecido de nós todos é com certeza o do andador das almas. A primeira figura que um christão madrugador tem o infortunio de encontrar nas ruas da capital é a do nosso homem.

Ainda a leiteira não tem entrado as portas da cidade, ainda o gallego não tem tido tempo para seccar a grenha hygienicamente mergulhada no tanque do chafariz, já o andador passeia açodado pelo adro da igreja, salvando as almas e retemperando a algibeira.

Esguio, macillento e aguado, o homem que exerce a beatifica profissão de fazer cruzes ao demo, sonegando-lhe as almas dos peccadores, foi nos seus tempos um bom patusco como nossos avós chamavam, e nós ainda hoje dizemos de quem tem a consciencia larga, e sabe atravessar a vida pisando espinhos, mas sem macerar os pés.

A mocidade do andador das almas foi ao inverso da de S. Francisco das *Silvas,* como as velhas chamam ao seu santo predilecto, para o differençarem do grande Apostolo das Indias, que, embora esta nossa opinião não seja authorisada, foi em quanto andou cá por este mundo, homem de outros merecimentos, que não o seu homonymo.

Creado de pequenino ás sopas dos frades, Ambrosio ou Thomé, ambos os nomes prestam para o caso, poz sempre a mira dos seus desejos em envergar um habito e deitar-se a dormir depois. Que a Ordem fosse calçada ou descalça isso pouco incommodava o neophyto, avezado a andar pelos montes atraz das ovelhas e a comer, como vulgarmente se diz, o pão que o diabo amassou.

A marralhice primeiro, ou primeiro ainda que a marralhice, uma memoranda estupidez fechou-lhe em tempo opportuno as portas do claustro. D'este tirocinio havido antes de 1834 trouxe o nosso homem para o seculo uma duzia de palavras latinas, entre ellas o *dominus tecum,* que se aprende sem mestre, e o *miserere nobis* das ladainhas, que tambem não é grande amostra de sabença da lingua de Virgilio.

Com tão mal provido fardel litterario, e com não menos magra bagagem patriotica centos de ociosos deram cabo dos pulmões ao mudar Portugal do regimen politico, explicando pelos botequins da capital as theorias do governo representativo, e contrapondo-o ás apologias do governo absoluto do author da

Besta esfolada, e dos *Burros,* e de outras obras não menos edificantes no seu genero.

Para se enfiar a serio uma capa de andador das almas, e sahir descarapuçado á rua, ou quando muito resguardando o toutiço com um lenço de paninho vermelho, encarapitado em mólho no alto da cabeça, é preciso ser-se dotado de um bojo que pouca gente possue.

Preso á taberna por inclinação, e á Igreja como modo de vida, o homem que á primeira vista parece sacrificar-se pela tranquillidade das almas, salvando-as da incommoda moradia do purgatorio, é o mais activo espião da visinhança, o melhor chronista de escandalos que possue o bairro.

É elle que dá contas exactas do marido que se deixou esquecer fóra do domicilio conjugal até de madrugada; é elle tambem que descobre as trapaças do caixeiro que fornece *gratis* da tenda do patrão a costureira da agua-furtada fronteira; e elle ainda que sabe ao certo o numero de bebedos que dormiram na casa da guarda, e o movimento nocturno que houve nos medicos e nas parteiras.

E tudo isto a pretexto das alminhas do purgatorio, diminutivo alambicado com que o cobrador do santo imposto pretende enternecer quem sahe de manhã de casa para tratar dos seus negocios!

Para entabolar com naturalidade o dialogo com as pessoas que mal conhece de vista, o andador das almas toma como o camaleão todas as côres, identifica-se sem constrangimento com todos os vicios. É

a diplomacia rebaixando-se, para se erguer em seguida mais senhora de seu assumpto, mais forte com o conhecimento das paixões alheias.

É por isso que o andador das almas aceita do criado de servir, e bebe sem fazer careta meia dóse d'herva dôce na taberna mais proxima, emborcando meia hora depois uma beberagem negra alcunhada de chocolate, sahindo da possilga para offerecer uma pitada ao esbirro que leva na algibeira um mandado de penhora, merecendo minutos depois um cigarro da bizarria do cocheiro que perdeu a noite esperando o freguez á porta... d'uma casa de jogo.

E tudo isto para poder dar á lingua sem que ninguem o suspeite de indagador do que vai pelo mundo, e sentindo tinir os dez reis de espaço a espaço na bandeja de estanho, brunida por fóra pelas mãos callosas do seraphico pedinte.

O andador das almas é geralmente um arrematante da bemaventurança eterna. Por uma certa quantia fixa, e de antemão convencionada, saca das labaredas as almas em pena, e mette no bolso o excedente de tão piedosa profissão! O andador arremata os peccados do proximo, como outros arrematam o real d'agua ou o contracto do tabaco. A unica differença é terem estes de prestar contas ao Estado que é um verdadeiro passa-culpas, e ter aquelle de as dar lá em cima, quando lhe fôr chegado o dia da liquidação final.

Quem tiver devoção de dar os seus dez reis para as almas póde afoutamente dál-os, na certeza de que

metade chega ao seu destino, não valendo, é verdade, para salvar de todo uma alma, mas contribuindo parcialmente para isso.

Para em tudo ser anachronico com o tempo em que vivemos, o andador das almas além das esportulas quotidianas recebe tambem emolumentos. É elle que informa a beata do estado de saude do prégador da sua inclinação; é elle que por empenho faz na quaresma chegar mais depressa a penitente aos pés do confessor; é elle ainda que escolhe os anjinhos que hão-de figurar na procissão dos Ramos, é elle finalmente que avisa o negociante de enterros de que está a expirar um conselheiro ou um capitalista, aviso que alegra o olho do lugubre e ultimo ganha-pão com quem ajustamos as nossas contas cá n'este mundo. São estes os emolumentos do andador das almas!

A beata paga a informação; a penitente a presteza com que se aligeirou da carga dos seus peccados; o pai do anjinho a gloriola de vêr o filho com azas; o traficante de enterros o proveito que tira de mandar um conselheiro de berlinda até ao Alto de S. João.

Para o cabal desempenho do seu papel o andador das almas diz-se celibatario, para ao menos n'isso ir de accordo com o preceito imposto ao clero catholico, de que elle com boas razões se julga um appendice. Ha porém quem lhe tenha visto mulher em casa.

As horas que lhe sobram do serviço da igreja, depois de recolhidas as esmolas e de haver ajudado o sacristão a desempoeirar o cartorio do prior, emprega-as o andador das almas em curiosidades, como elle chama aos rudimentos — muito rudimentos — dos diversos officios que encetou sem proveito, quando foi rapaz.

Uma das suas industrias é fazer gaiolas de cana para melros; a outra, que contraste com a sua posição matutina! é ser escolhido para juiz e arbitro das pendencias levantadas nas hortas ao jogo do chinquilho!

O Taborda já reproduziu com exactidão este typo n'uma parodia da *Lucia de Lamermoor* representada com applauso publico, em 1850, no theatro do Gymnasio.

Gregorio se chamava na peça o andador das almas, e com summa fidelidade traduziu o excellente artista a cara alvar e a mimica desgeitosa do protogonista, que contra si tinha levantado as iras do sapateiro José Tinta.

Ainda me parece estar ouvindo o sapateiro desabafar a sua cólera contra o andador, n'estes pouco amaveis termos:

> Ó minha raiva, não cabes
> Dentro d'este coração;
> Tu que pedes para almas
> Levarás a minha esmola,
> Faze das costas saccola
> Para o que eu te quero dar.

A verdade é que o andador bem havia merecido esta tremenda ameaça. Alguns momentos antes fallava elle assim do irmão da sua requestada:

> Este pedaço de bruto
> Que se chama seu irmão,
> Já se foi, Luiza, ou não?

Estas reminiscencias theatraes completam, creio eu, a physiologia do andador das almas, parasita que se encosta á Igreja, como ao sopé do muro se abriga a herva nociva que lhe vem a minar os alicerces.

As excursões officiaes do nosso homem alongamse apenas a cincoenta passos da igreja onde exerce a sua industria, e só desampara o seu posto se um urso sabio ou um macaco industrioso o convida a associar-se á roda dos pasmaceiras que applaude as gaifonas do mono, ou inveja a destreza com que o seu consocio se equilibra com as mãos no ar.

Passado o primeiro impulso de curiosidade, depressa se recorda o andador da ociosidade em que está deixando a bandeja, e volta açodado ao adro para repetir pela millesima vez o lastimoso pedido: «Esmola para as almas pelo amor de Deus!»

Nas igrejas em que esta lucrativa industria não é dada por arrematação, o andador lembra-se dos bons tempos que já lá vão, e arvora-se sem provisão regia em recebedor de dizimos e primicias, sem que por isso as almas, apesar de espoliadas, deixem de haver a eterna bemaventurança.

O VENDILHÃO DE FOLHINHAS E ALMANACHS

Felizes tempos, e ingenuos costumes os de então!

Não puzemos em latim esta eloquente e já estafada apostrophe de Cicero, aqui por nós paraphraseada, para não offender os castos ouvidos dos vendilhões de folhinhas e almanachs.

Felizes tempos, dissemos, e repetimos, em que o saber a quantos de tal ou tal mez, cahiam as festas moveis, ou apurar com segurança as phases da lua, era a quasi exclusiva curiosidade de nossos avós!

Entrar no anno novo sem folhinha, era quasi um peccado, e não trazer de cór uma anecdota de almanach para contar aos visinhos, uma denuncia, não diremos de pouco *espirito,* palavra então rara no vo-

cabulario nacional, mas de pouca tendencia para as alegrias da chalaça portugueza.

A folhinha, ao mesmo tempo que orientava as mulheres no curso natural da maternidade, avisava-as chãmente dos dias de jejum de preceito, poupando-as ás rudes advertencias do confessionario, e dispensando-as das regalias concedidas pela bulla da Santa Cruzada.

Era nas exiguas margens das folhinhas de algibeira (as folhinhas de porta tinham mais elevados destinos) que as donas de casa previdentes marcavam com cruzinhas vermelhas os anniversarios das pessoas dos seus conhecimentos, sendo por este lado a folhinha a mais directa ascendente do moderno *high life*, a cumplice involuntaria da bisbilhotice feminina.

Era pela folhinha que os *faceiras* [1] do seculo passado sabiam os dias solemnes das procissões de Cinza, do Triumpho e do Corpo de Deus; e que as beatas traziam de olho a igreja mais da moda, para n'ella satisfazerem aos exercicios espirituaes, ostentando os donaires e as galas que uma *secia* não tinha occasião de pavonear em outro lugar.

Em um curioso artigo intitulado *Costumes e modas velhas*, encorporado pelo snr. Ribeiro Guimarães no seu *Summario de varia historia*, podem os leitores consultar qual o trajo com que as elegantes do

[1] Esta palavra é correspondente á de janota, de que se usa actualmente.

fim do seculo passado se apresentavam na casa de Deus, chamando para si com a nudez dos hombros e dos braços, a attenção dos peccadores que atulhavam os cruzeiros das igrejas, frequentadas de preferencia pelo bello sexo.

Fosse lá hoje uma nossa contemporanea ouvir missa, decotada e de manga curta, e veria como cada homem se tornaria logo em um tigre, não para devorar a innocente leitora do *Relicario Angelico,* mas para lhe arrastar os creditos pela lama, mesmo ás portas das sacristias dos templos profanados pela ostentação plastica das fórmas tentadoras de nossas segundas tias!

Pois d'estes e de outros pequenos escandalos, foi sempre inspiradora a velha folhinha, cartaz de mundanidades disfarçadas com louvores ao divino, e que o para que menos prestava era para recordar aos seus catholicos leitores se o santo do dia fôra beato ou martyr, ou a duração exacta das indulgencias concedidas de Roma a pedido do cardeal patriarcha.

Quem não conhece ainda a decadente e anachronica folhinha de porta, primeira parte dos pregões dos cegos ambulantes, que os cautelosos pregavam com obreias nos umbraes dos escriptorios de commercio, tarjando-a de cruzes de S. Lazaro, e registos de Nossa Senhora da Nazareth?

Era na folhinha de porta que os negociantes apontavam os dias dos vencimentos das letras que traziam na praça, que os capitães de navios mercantes consultavam as marés, e os desembargadores da

relação refrescavam a memoria para não faltarem com a sentença condemnatoria aos alcunhados de pedreiros-livres.

Decorada com os doze signos do zodiaco, embryão e infancia da gravura em Portugal, a folhinha de porta foi o enlevo dos olhos da infancia, depois convertida pelo correr dos tempos em bojudos guardiões de conventos, ou em pifios sargentos-móres de ordenanças.

Como nos bons tempos do absolutismo não havia ganancia segura que não fosse logo representada pelo monopolio; foi um padre, o reverendo Diogo Tinoco da Silva, o primeiro que obteve privilegio para a chamada *Folha do anno,* passando por morte d'este a um livreiro que por pouco tempo se gozou d'este morgadio, que veio afinal a ser empalmado pelos padres da Congregação do Oratorio.

Vinha talvez aqui a proposito referir como é que os padres faziam em tempos antigos pé-de-altar de todas as pingues especulações litterarias e commerciaes, que hoje andam pelas mãos dos viscondes, e dos judeus baptisados, quero dizer, dos usurarios que se disfarçam com o euphonico titulo de banqueiros.

Não queremos, porém, alongar esta escriptura, como diziam os nossos classicos, mas sempre será bom dizer ao escapar aos que teem a publicidade actual como um milagre de progresso e de civilisação, que a folhinha dos padres da Congregação do Oratorio era tirada por cincoenta e tres mil exemplares, conta redonda; sendo trinta e cinco mil e qui-

nhentas para a de algibeira; e o restante para a de porta [1].

Estatistica sem commentarios não é estatistica. Para explicar este crescido numero de leitores de folhinhas precisamos acrescentar que n'aquelles bons tempos não se lia mais nada, a não ser os entremezes

> **Que no arsenal ao vago caminhante**
> **Se vendem a cavallo n'um barbante,**

segundo o caustico dizer de Nicolau Tolentino.

A nossa estampa representa um cego maltrapilho, por excepção desauxiliado do intelligente cão, que Chateaubriand exprobrou a Buffon não haver, por falta de sensibilidade, incluido no catalogo dos cães prestantes, amoraveis, quasi romanescos, mas de que Beranger vingou a memoria na sentimental e patriotica canção do *Violon brisé*.

O galopim alegre, descuidoso, descalço, que estanceia ás portas dos escriptorios dos jornaes do dia, esperando vêr raiar o sol para se pôr em movimento, é o substituto, o herdeiro do cego vendedor de papeis que, com a mão em posição acustica, e a voz nasal e rouquenha dava antigamente publicidade aos crimes celebres, e aos desconcertos da natureza exemplificados por grandes estiagens, ou vendavaes dignos da musa que celebrou o cabo Tormentorio.

O que o leitor talvez ignore, ufanando-se com as

[1] Vide o livro já citado do snr. Ribeiro Guimarães.

mil associações fraternaes, e sociedades cooperativas do nosso tempo, é que tudo isto já existiu sem jactancia de phraseologias, debaixo do nome sympathico de irmandades, e que uma d'ellas foi a dos cegos, sob a invocação do Menino Jesus, sendo a sua séde na freguezia de S. Jorge a quem pertenceu o exclusivo da venda das folhinhas, historias, relações, repertorios, comedias portuguezas e castelhanas, autos e livros usados.

Como se deduz d'este enunciado os cegos foram, como nós hoje diriamos, os propagandistas privilegiados de «iberismo» pela venda exclusiva de *comedias castelhanas* que, se não assustavam pelo arrojo das idéas, iam ensinando a lingua de Cervantes aos amoldados a reverenciar a vernaculidade dos *Lusiadas!*

Os livreiros, que hoje são os recebedores de decima dos homens de letras, tiveram em tempo desavenças serias com a *Mesa da irmandade do Menino Jesus dos homens cegos,* a proposito de uma questão de liberdade commercial, tirando-se sempre d'ellas a limpo os cegos, *muito favorecidos dos senhores reis d'estes reinos,* diz uma provisão antiga, incapaz de mentir em cousas tão sérias.

Como sempre é util profundar a phraseologia official, embora as mais das vezes se lhe não encontre razão de ser, motivo para estudo seria averiguar a que cegos os senhores reis de Portugal sempre favoreceram, se aos do corpo se aos do espirito, inclinando-nos desde já a crér que os cegos de espirito

foram os dilectos da realeza pela muita sombra que os entendimentos embotados projectam no dardejar luminoso dos commettimentos reaes.

Para que nos não assaquem a calumnia de demagogos convidamos os criticos a meditar na catastrophe de Alcacer Kibir, e em alguns outros episodios da nossa historia patria, em que os conselhos dos cegos de entendimento contribuiram não pouco para rebaixar a dignidade dos patronos dos verdadeiros Tobias a que se refere a já citada provisão.

Em quanto ás historias que os cegos punham em circulação, ora milagreiras, ora de fabula nescia e duvidoso chiste, não é aqui o lugar para lhe dar cabimento, apesar da approvação que todas traziam da mesa de censura e ordens, composta geralmente de frades, abysmados em latim, mas tão lerdos juizes em assumptos litterarios, como nós confessamos sel-o em constituições pontificias, e outros papeis que sahem das chancellarias romanas.

Hoje a irmandade do *Menino Jesus dos homens cegos* anda representada pela chamada banda marcial dos ex-alumnos da Casa Pia, que faz pela vida escorchando os ouvidos do publico não diremos sem *dó,* porque a escala não prescinde d'elle, mas com toda a certeza sem piedade.

*

REPRESENTAÇÃO DE UM DRAMA SACRO

EM

S. CHRISTOVÃO DE MAFAMUDE

(A CAMILLO CASTELLO BRANCO)

Se a representação não tivesse acabado, ainda a estas horas estariamos a rir.

Vamos contar da festa, sem a deturpar com ampliações, nem despopularisar com mal cabidos commentarios.

Era por uma tarde ardentissima de agosto: as aves cahiam com a calma, as rãs coachavam nos charcos, e um côro de milhares de insectos quebrava o silencio soturno da natureza.

De repente ouvimos o rufar cadente de um tambor, e o estalir de dous foguetes, que se desmanchavam no ar em luminosas faulhas, alvoroçando os

pardaes, que do topo dos castanheiros namoravam as eiras.

Sahimos do lethargo em que nos haviamos deixado cahir, e fomos seguindo o som do marcial instrumento, que assim nos chamára á realidade da vida.

Um longo cordão de esfarrapadas bandeiras em breve nos indicou o local de uma folia popular qualquer. Tudo imaginamos, menos o que se ia passar diante dos nossos olhos absortos!

Ao fundo de um extenso pateo havia uma quasi arribana, meio escondida por entre velhos panos de lona, e ao lado um como coreto, onde em uma bancada de pinho se sentava uma orchestra composta de uma requinta, de um tambor, de uns estridentes ferrinhos, e de uma viola franceza, que, nas occasiões solemnes, fazia de harpa, a contento visivel do auditorio.

O espectaculo ainda não começára, e o emprezario fardado de major de ordenanças, barbas até á cintura, espada curva e oculos verdes, passeava pelo amphitheatro, saudando familiarmente com a luva os seus conhecimentos, como quem lhes dizia: *vejam lá vossês se me conhecem?*

Os espectadores eram numerosos, e as arrecadas das mulheres de Avintes e de Vallongo brilhavam ao sol, em quanto que a briza começando de soprar, agitava brandamente os lenços de sêda que os amplos chapéos derrubados lhes seguravam graciosamente nas cabeças.

Os homens, em trajos domingueiros, recostavam-se indolentes aos varapaus ferrados, e limpavam o suor que em bagas lhes cahia dos rostos, estimulado pelos decilitros com que se haviam preparado para a representação.

O silencio era religioso, e a curiosidade immensa!

De repente, o major, que accumulava as funcções de empresario com as de contra-regra, deu dous ou tres sonoros apitos; descerrou-se o pano do improvisado theatro, e com passo lento e tremido como de santos levados em andor, vimos avançar dous latagões, vestidos de mulheres romanas, com caracoes até os hombros e lenços de espiguilha na mão esquerda, o que me deixou logo suspeitar as muitas lagrimas que se iam chorar alli.

Apenas um dos hermaphroditas, pondo os olhos em alvo, declamou com voz aflautada:

> **Os que são celestiaes,**
> **Madre minha mui querida,**
> **Não querem pompas reaes,**

percebemos logo que tinhamos a boa fortuna de assistir á representação do *Auto de Santa Catharina,* uma das mais gostadas geringonças dramaticas de Balthasar Dias, o popularissimo author da *Historia da imperatriz Porcina* e de outras ingenuidades que ha duzentos e tantos annos são o alimento intellectual do nosso povo!

A nossa attenção redobrou, e fizemos todo o possivel para ouvirmos compungidos a representação de

uma obra a que seu author chamou *mui devota e contemplativa* e que como tal eu estava vendo acceitar pelo auditorio de que felizmente faziamos parte.

O dialogo de exposição entre Santa Catharina e sua mãi, em que esta a quer obrigar a casar com o filho do imperador Maxencio, desde logo excitou a sensibilidade de todo o mulherio, principalmente quando a santa já aborrecida da argumentação materna lhe pergunta:

> Eu não sei por que quereis
> Quebrar minha virgindade
> Com estado de vaidade!

Para acalmar a excitação provocada por este pudor feminino, foi necessario que o major impozesse silencio ao auditorio, em quanto a santa e sua mãi iam em procura de um santo ermitão que, para lhes poupar os passos, sahia ao encontro das litigantes, com palavras de grande authoridade e sabedoria, a ponto da platéa se descobrir quando elle fallava, chegando um espectador mais insoffrido a bradar: *anda, assim, bate p'ra baixo na mãi!...*

O ermitão, como homem de seraphica paciencia que era, ouviu todos os arrazoados maternos; mas ao escutar a dialectica cerrada da santa não pôde conter por mais tempo a imparcialidade de juiz, exclamando convertido:

> Porque vossa excellencia
> Dada por graça divina
> Bem parece que é a miña
> D'onde se tira a sciencia!

Para encurtar razões a mãi da santa sahe como uma bicha, Catharina fica só, fazendo oração com acompanhamento de viola franceza, lembrança que enterneceu por tal modo as almas piedosas, que não foram raras as exclamações como estas:

«Ora o diabo do Manel não parece mesmo que é a santa!»

Ou:

«Olha, Maria: na taberna parece outro! Se eu não soubesse que era o filho da Anastacia não o conhecia!...»

Estes importunos commentarios foram abafados pela solemne entrada do imperador Maxencio, trazendo na imperial comitiva um diabo que lhe andava a espicaçar a consciencia para o mal, a ponto de o obrigar a proferir palavras mal soantes, que Balthasar Dias nunca se atreveria a pôr em letra redonda, mas que o auditorio levou á conta de extravasão de bilis do imperial hereje, que espumando de raiva promettia dar cabo da christandade!

Durante o brutal monologo do imperador, andou sempre o major n'uma dobadoura para evitar que alguma pedra lançada com mão certeira não reprimisse as furias do energumeno, rachando-lhe a cabeça de meio a meio.

Apenas o brutamontes virou costas, o imperador era representado por um vigoroso tanoeiro de Villa Nova de Gaya, torna a voltar a santa, *devendo-se suppôr que vem baptisada,* diz uma rubrica do auto de Santa Catharina que temos presente, apparecendo-

lhe por esta occasião Christo e Nossa Senhora, de quem não queremos transcrever as fallas, para não ficarmos com remorsos de haver dado publicidade ao mais soez palavriado que jámais um author se lembrou de pôr em bocca d'onde sahiram as eternas verdades que a humanidade ainda hoje acata!

N'este comenos morre a mãi de Catharina, e o imperador que é cabeçudo, não desiste do proposito de casar a santa, havendo entre os dous um dialogo que fez as delicias dos espectadores por se haver Maxencio esquecido tão de vez da sua prosapia real que ousou chamar á virgem um nome que elle proprio castigaria com rigor, se alguem ousasse applical-o a filho seu, isto por credito e bom nome da imperatriz consorte.

Passada a hilaridade provocada pela descortezia do imperador, dignou-se este continuar a altercar com a santa, que munida de boas razões, insultava os deuses do paganismo como quem aspirava ao martyrio, merecendo do seu interlocutor esta desdenhosa réplica:

> **Cuidei que sabías mais,**
> **do que mostras por razões,**
> **já os meninos boçaes**
> **sabem que tiveram paes**
> **os deus, e gerações.**

Desde este momento ficára decretado o martyrio de Catharina, que é levada para uma prisão, ao ar livre, em quanto não chegam os doutores que o ty-

ranno mandára chamar para a confundir, empresa em que não quizera comprometter a sua imperial philaucia.

Um dos sabios, menos modesto que os seus dous collegas, exclamava:

> **Venham quantos oradores**
> **e poetas ha no mundo**
> **até os que estão no profundo**
> **e verão nossos rigores.**

Apesar d'esta basofia, foram de tal ordem os argumentos dos doutores que algumas das espectadoras córavam de ouvil-os, deixando-nos suspeitar a impressão que tambem causariam nos castos ouvidos da virgem.

Aqui teve lugar um curioso e faceto episodio. Ao trazerem de novo a santa já coberta de feridas á presença do seu algoz, alguns espectadores mais movidos da piedade, treparam aos telhados de um casebre de que, por felicidade ou infelicidade, o imperador pagava decima.

Esquecido do papel que representava, e da solemnidade do acto que ordenára, virou-se o imperador para os invasores da sua propriedade, ameaçando de os lá ir buscar pelas orelhas, caso não obedecessem á intimação que lhes era feita!

A este inesperado áparte, correspondia na scena a martyrisada, dizendo:

> **Oh raivoso cão damnado,**
> **servidor de Lucifer!**

injuria que o publico applaudiu phrenetico, chegando um dos espectadores a resmungar pela bocca pequena: *aquillo sempre é melro que usa navalha de ponta e mola;* confundindo no mesmo julgamento os actos do imperador com os do tanoeiro de Villa Nova, que tão irado se mostrára contra os invasores da sua propriedade.

A sentença do imperador contra Catharina rezava assim:

> E porque as outras sandias
> possam este exemplo ter,
> mando-a no carcere metter,
> e que esteja treze dias
> sem lhe darem de comer.
> E depois de fallecer
> de fome como coitada,
> mando que seja queimada.

Este decreto imperial irritou por tal modo os nervos da platéa, que vimos geitos de ella fazer justiça por suas mãos na pessoa do desalmado que assim entregava uma pobre mulher á sanha dos seus algozes.

A entrada de um anjo serenou a tempestade prestes a rebentar. O celestial emissario não pudera, por exceder a craveira por onde se afere o bando dos eleitos, encontrar roupagens que lhe servissem ao corpo, e deixava vêr por baixo da tunica umas valentes botas de agua que destoavam da aérea plumagem das azas com que se librava nos espaços... da terra firme.

O arrazoado do anjo foi um balsamo não só para a martyr como para todos os circumstantes.

Nós mesmo estivemos tentado a chamar o voador e a apertar-lhe cordialmente a mão, caso que elle nos quizesse dar essa honra.

D'aqui por diante já os dedos nos não bastavam para contar as victimas do desvairamento pagão do imperador Maxencio!

Dos primitivos interlocutores do auto, apenas escapára o sevandija de um alcaide, que fôra durante a representação pau de toda a obra nas mãos do ferocissimo imperador de Constantinopla, ficando esse mesmo com a cabeça pouco garantida ao finalisar o espectaculo!

O que porém deu lugar a muitas e sinceras lagrimas não foi tanto a degolação de Santa Catharina, mas sim quando ao deceparem-lhe a cabeça começou a jorrar leite em vez de sangue, atrevendo-se o proprio alcaide, elle, o cumplice das tropelias do seu real patrono, a dizer-lhe na bochecha:

> Vossa sanha e gran pezar
> queira Deus que aproveite,
> porque nunca vi lançar
> em lugar de sangue leite!

Não podemos terminar mais apropositadamente esta narrativa do que com a propria rubrica do author do auto *contemplativo* de Santa Catharina, que diz assim:

Aqui vem quatro anjos cantando, e levarão a

enterrar Santa Catharina, e fenece a obra em louvor de Deus.

Nós apenas acrescentaremos, que vimos, com estes olhos que a terra ha-de comer, acabada a representação, virem todos os interpretes da *obra feita em louvor de Deus* para uma taberna das visinhanças, onde, ainda antes de anoitecer acudiam os cabos de policia da localidade, porque a santa dera uma *picada* no imperador a pretexto d'este haver aldrabado dous pontos na marcação de uma partida de chinquilho!

Ora vá lá a gente fiar-se na moralidade que se tira das obras theatraes!

O INVERNO

Estamos no coração do inverno.

Parabens a quem gosta de viver. Ao homem que sabe mexer-se á vontade dentro de um paletot; á mulher que se deixa adivinhar por debaixo do involucro sinuoso que a moda lhe impoz para resguardo das intemperies.

O inverno é a estação propria de todas as idades, a *Revalescière du Barry* de todos os soffrimentos moraes. É no inverno que a criança mais se conchega ao seio materno, que o adulto folga em affrontar as rajadas do nordeste, que o homem feito se compraz em medir a distancia que ainda o separa do termo da vida, que a velhice se reconforta ao brazido da lareira.

O inverno é a estação unica dos povos civilisados, o desmentido solemne dado aos idealismos do paraiso terreal. São uns ingenuos mentirosos os poetas que teem cantado a primavera; uns gulosos de fruta verde os amadores das tardes empoeiradas do verão; uns semsaborões sem consciencia os enthusiastas das pasmaceiras do outono.

Estafadas pela mythologia, pelos poetas, pelos calendaristas, e pelos circos de cavallinhos, as quatro estações deixaram ha muito tempo de ser as quatro divisões naturaes do anno, para serem unicamente a revelação do caracter moral dos individuos.

É na primavera, na quadra chamada amena, que os rapazes incommodam com pedradas as avesinhas que nos ninhos repousam incautas, e as cachopas semi-parvas desfolham crentes os malmequeres. É no verão que os sinceros bocejam e espreguiçam á tarde depois da sésta, e dormem á noite no Passeio Publico. É no outono que as barcas de banhos cobrem de limos as nereidas da cidade baixa. É só no inverno que se come, que se bebe, que se ama, finalmente que a vida se saboreia como uma cousa boa que é.

O gorgeio matinal das aves, tão celebrado até pelos surdos, é um encanto poetico, a que todos preferem o encanto, cem vezes mais plausivel, de ficar na cama para o não ouvir; e o perfume das flôres um embuste secular, a que a matrona antepõe uma pitada de simonte, e a rapariga casadeira um frasco de agua de colonia.

Almejam pelo verão os achacados do rheumatis-

mo, e pelo outono os credulos que no cahir da folha não lêem uma sentença de morte. O inverno é a pedra de toque dos corações viris, dos espiritos despreoccupados, da mocidade que ri, da velhice que se entrincheira no capote de camelão.

Na primavera apanham-se borboletas, ingenua estafadeira de parvos: no inverno fazem-se as caçadas ás lebres, e as montarias aos lobos, imagens arrojadas da guerra e da virilidade.

O inverno é uma estação eminentemente nacional. No verão somos vergonhosamente governados pela *Mode Illustrée*. No inverno é de Braga que nos veem os figurinos dos chapéos, da Covilhã que nos chega o briche agasalhador, e do Porto o tamanco á prova d'agua.

No verão triumpha Carriche, e no inverno o Matta. O calor fez-nos merecedores do ironico epitheto de *alfacinhas*. O frio obriga-nos a confraternisar, sentados á mesa de um hotel.

Os gelos eternos desenvolvem as forças do homem do norte; os calores tropicaes enervam, consomem a vida do africano. O barometro é o regulador unico das paixões humanas. Quando elle desce abaixo de zero, é que a intelligencia do homem se desempoeira, e o coração da mulher rejuvenesce.

Se ainda ha incredulos, convido-os a lêrem os annuncios das folhas periodicas. As correspondencias amorosas tem duplicado n'estes ultimos dias de frio. É a estatistica que vem de reforço ás nossas affirmativas; o proprio estylo dos amadores anonymos, usual-

mente servil e diluido, toma com o frio uma concisão nervosa que lhe não é habitual.

As festas populares da estação calmosa são o Santo Antonio e o S. João. Celebra-as o povo com danças e folgares, mas guarda para o S. Martinho os agasalhos e conchegos da lareira.

O inverno é a estação dos diplomaticos, dos amadores de musica e das mulheres bonitas. As feridas abertas no verão pela guerra, cicatriza-as no inverno a diplomacia. Os ouvidos escorchados na primavera pelo zabumba das feiras, abrem-se no inverno para as melodias suavissimas de Bellini, ou para os lyricos arrojos de Meyerbeer. É finalmente no inverno que a mulher triumpha, ou decotada nos salões de baile, ou atravessando resoluta as lamas do Chiado.

O pedestal é o complemento obrigado da estatua. Sem aquelle, esta perderia para o vulgo as proporções, a regularidade esthetica que a arte lhe imprimiu. O pé é o pedestal da mulher, e é principalmente no inverno que ella o expõe á fluctuação do voto dos entendidos em tão delicado assumpto. Ha mulheres de pé tão em miniatura, e cabeça tão escondida nos penteados modernos, que se lhes póde, sem offensa, fazer um comprimento, dizendo-lhes que não tem pés nem cabeça!

O inverno tem attractivos para todas as idades e para todas as classes. O que é o sorvete comparado com o ponche, a sardinha gorda, do S. João, em confronto com a orelheira de porco do S. Silvestre? Na primavera come-se a cereja, a mais garrida, e

tambem a mais semsaborona de todas as fructas: no inverno estala no brazido a castanha, a sociavel companheira dos cantos populares. No verão somos assaltados por hordas intermináveis de mosquitos; no inverno por bandos de saborosas gallinholas. O calor, que não respeita sexos, dá ao rosto da mulher o desagradavel nacarado da lagosta; o inverno desbota-a, dá-lhe a pallidez suavissima do lyrio.

Se não existissem Cintra e o Bussacó, Portugal seria no verão uma vasta torradeira, e nós todos uns aspirantes a S. Lourenço, que morreu grelhado. Da chuva ninguem se póde queixar. Ha quem passe todo o anno a pedil-a, desde o lavrador que a requer para as searas, até á companhia das aguas que suspira por ella... para a vender a retalho.

Na opinião dos estrangeiros, Portugal tem apenas tres cousas a que possa chamar suas: Camões, o sol e as laranjas da China. Bem feitas as contas, das tres cousas apenas nos resta uma — o Camões — averiguado como já está que o sol é de todos os paizes, e das laranjas... alguem se dirá seu dono. Nos outros paizes ha quem se divirta patinhando no gêlo: nós que temos a desgraça de estar sempre no secco, devemos almejar pelo inverno, que nos faculta tambem patinhar nas lamas do Chiado e nos lodaçaes do orçamento.

Ha quem accuse o inverno de ser o introductor das frieiras, sem se lembrar que o verão é o author das febres paludosas. Das frieiras triumphou Raspail, mais facilmente que do segundo imperio: das febres

somos curados com o medicamento selvagem do quinino. Os companheiros de Pizarro são ao mesmo tempo os conquistadores do Mexico e os medicos da estação calmosa: o democrata da politica e da sciencia, é por excellencia o medico das doenças que se curam com agua sedativa.

Os raros portuguezes que pendem para o iberismo defendem o verão, como um pretexto para o uso do leque, que nas mãos da mulher peninsular é manobrado com uma mestria que não logram imitar as demais habitadoras do globo. Eu votaria tambem pelo leque se, ao lembrar-me das japonezas, que tambem usam d'elle, não tomasse por imaginação tamanha dóse de opio que fico quasi sempre a dormir sobre o caso.

Até para a politica o inverno é util! A calorosa eloquencia dos deputados é filha do frio. Se por acaso o verão os apanha em Lisboa, no fim da sessão legislativa, dispersam e fogem como uns beduinos. Se Portugal fosse na Russia é natural que os deputados dessem menos votos de confiança aos governos, e trabalhassem mais por sua conta e risco.

Se a temperatura dos caniculares fosse a ordinaria do nosso clima, cahiriamos irremediavelmente no absolutismo. Felizmente os tres mezes que temos de rigoroso inverno são o amparo da Carta constitucional e do systema representativo.

Conta-se, é verdade, por primaveras a idade das raparigas, e por invernos a dos velhos, e d'isto tiram os poetas lyricos argumento em favor da esta-

ção sua predilecta. Eu, que prefiro Nestor a Chloris, ainda n'esta chronologia das estações escolho o inverno de preferencia á primavera, com a mesma consciencia com que um deputado opta pelo lugar rendoso que lhe offereceram, em troca da cadeira por que almejou dez annos para a pôr em almoeda.

Diz-se, mas ninguem ainda o provou, que o verão é a quadra protectora da pobreza, e o inverno a estação dos mimosos da fortuna. Os philanthropos fundam a sua argumentação na abastança da praça da Figueira, eu, tiro a minha, da opulencia geral da natureza, ao sentir-se beneficiada pelas primeiras chuvas do inverno.

Representado no circo por uma *voltijeuse* de fórmas estatuarias, acredito que o verão seja, pela nudez, a mais appetitosa das estações, mas como felizmente não é a materia que rege o mundo, continúo a teimar que o inverno é por excellencia a melhor e a mais fecunda das quatro divisões do anno.

UM PLEITO SINGULAR

HISTORIA DE UMA BURRA

(AO SEU AMIGO R. BULHÃO PATO)

Ouvimos contar o caso, e vamos confial-o á letra redonda para que d'elle se não perca a memoria.

Tinha tido o porte airoso, as veias de uma transparencia aristocratica, o olhar de uma suavidade indizivel. Comera pouco, como esses entes quasi ideaes que pisam as alcatifas avelludadas das salas sem as acamar, e não haveria sido uma intrusa na veridica narrativa de uma reunião do *high-life*.

Tinha dezeseis annos, a idade florente dos so-

nhos, dos desejos, dos caprichos para todas as do mesmo sexo, mas não da mesma raça... A protogonista da nossa historia é uma burra!

Dezeseis annos são na mulher a idade da walsa, das confidencias, das meias revelações. Na raça asinina são o desconsolo, a tristeza, a velhice, com todos os seùs desencantamentos.

A protogonista da nossa historia nasceu na Trafaria, e pertencia, ou pertence... N'esta duvida entre o passado e o presente é que vai envolvido o mysterio de que tiramos esta veridica narrativa.

Ha na Trafaria um homem chamado Roberto, directo senhor de uma vacca, de meia duzia de cabras, e de uns torrões pouco productivos, como quasi todos os que ficam ao sopé do monte de Caparica, antigo solar do snr. marquez de Vallada, denunciado ainda hoje ao vulgo por dous palacios em completas ruinas, como convém á velha fidalguia de sangue.

O Roberto é um homem de cincoenta e tantos annos, que faz pela vida, que deita a pé seis leguas, ou mais se lhe forem precisas para o seu trafego, mas que precisa de um animal seguro de pernas, e de pouco alimento, que o aligeire das cargas mais pesadas quando tem de deitar até Cacilhas, ou levar a sua cara-metade ao cyrio de Nossa Senhora do Cabo.

Previdente como um labutador consciencioso, o Roberto comprou uma burra em 1868, quasi nas vesperas do snr. bispo de Vizeu trocar temporaria-

mente o baculo pela presidencia do conselho de ministros. A *Janota*, assim se chama a burra, tinha já então sete annos, e não se podia gabar de haver levado boa vida nas mãos de um moleiro, que lhe amolgava diariamente o espinhaço com tres ou quatro saccas de farinha, aproveitando-lhe o prestimo nas horas vagas, carregando-a com pyramidaes cargas de tôjo.

Apesar de todos os pezares, a jumenta era jovial, e aparentada, no dizer dos entendedores de genealogias, com o feliz quadrupede que o principe de Galles comprou em Cintra, para levar para Inglaterra, como um *specimen* dos productos naturaes da terra dos seus fieis alliados, receando que não lhe chegassem frescas a Londres as queijadas da Sapa.

Podem os bons exemplos deixar de ter imitadores, mas ainda não houve absurdo governativo que deixasse de fazer proselytos. A furia das economias andava então no ar como o pó, e o Roberto que se não póde gabar de ter um engenho original, deitou-se a imitar o programma do snr. bispo de Vizeu, pondo a burra a meia ração, como o illustre prelado fizera aos empregados publicos!

As consequencias d'este systema economico não tardaram a chegar. A burra que nunca fizera cara ao trabalho, que não exigia mesmo gratificação de palhada para dar conta de qualquer missão espinhosa, começou a definhar de dia para dia, a olhar indifferente para a vacca que girava como ella debaixo da mesma firma commercial, até que deixou pender a

cabeça sobre a manjadoura, na attitude resignada de uma beata que adormeceu a rezar o terço.

Era uma victima do orçamento particular do dono. Uma consocia insciente dos planos financeiros da época.

Agora vai começar a parte sentimental d'esta historia. Que pensa o leitor que fez Roberto ao seu braço direito, á burra que tinha incontestavel direito a ser aposentada com a ração por inteiro, e a passar os ultimos dias da vida, não digo cavaqueando na botica do bairro, com um empregado publico aposentado, mas retouçando livre da albarda a rara verdura que esmeralda o caminho da Sobréda?

Mandou-a deitar á margem!

Á margem! São duas palavras só, mas significam o *inferno* e a *eternidade*, como de um bipede seu cliente disse o visconde de Castilho, na sua immortal epistola á imperatriz do Brazil.

Á sentença seguiu-se a execução. A burra, a *Janota*, a intrepida caminheira, a paciente carregadora, foi levada de corda ao pescoço até os juncaes, e lá abandonada ao seu destino, para meditar, se o soubesse fazer, na injustiça dos homens, e na instabilidade da fortuna.

O que são os juncaes? Perguntai-o a Bulhão Pato, ao intrepido caçador, ao apaixonado pelas grandezas da natureza, mesmo nas suas mais agrestes manifestações; ao poeta, que por amar as boninas não deixa de bemquerer ao rosmaninho, nem de se affeiçoar ao sargaço que orla os trilhos tortuosos que conduzem ao topo das encostas escabrosas.

Os juncaes são, a palavra o está dizendo, um terreno humido e encharcado, tendo por docel um céo esplendido, e por usuaes povoadores inhospitos coelhos, espertas codornizes, rastejadoras perdizes, e, fendendo os ares em desencontrados rumos, espavoridas gaivotas, e ruidosas aves de rapina.

Os juncaes, que nascem e crescem onde as demais plantas degeneram e morrem, acoutam no intrincado labyrintho das suas emmaranhadas raizes os coelhos e as perdizes que o meu amigo Bulhão Pato desaloja dos seus tranquillos coutos, para os ferir de morte na carreira, ou as fazer desabar das alturas, até o desenvolto perdigueiro as ir topar adormecidas na alfombra, para não mais acordarem.

Foi, como dissemos, nos juncaes que a *Janota* foi abandonada ás vicissitudes da vida errante, ás intemperies das estações, ao desconsolo da solidão, ás miserias do isolamento!

Mas a Providencia é a mãi prodiga dos desvalidos, e reveste as fórmas que mais lhe apraz para valer á mais humilde das suas creaturas. Havia quasi uma semana que a *Janota* divagava por entre os juncaes, aspirando as brizas marinhas, e retemperando os pulmões com os perfumes agrestes do trevo e da margacinha, quando em um sabbado, por isso chamam aos sabbados de Nossa Senhora, a Providencia, representada por José Chumeco, foi topar com a burra dormindo a sésta, com a tranquillidade de um justo, zurrando por entre sonhos a palavra perdão.

Confesso que sou amigo do Chumeco, mas não falsearei a minha historia com episodios que eu não haja apurado da tradição oral, confrontada depois conscienciosamente com os factos subsequentes, que recommendam o nosso homem á benevolencia da sociedade protectora dos animaes.

José Chumeco é um maritimo, nado e creado na Trafaria, que se sente mais á vontade empunhando um remo, colhendo uma vela, retorcendo um cabo, deitando uma rede, conjecturando os ventos, prognosticando temporaes, do que muitos ministros com as pastas, e muitos poetas com a idéa nova.

O vocabulario do Chumeco é um vocabulario excepcional, pitoresco, novo, abundante. A alma anda-lhe lavada de ruins paixões. Aprendeu com o mar a serenar logo depois da tempestade. Se lhe escapa uma ruim palavra, conhece que o vento lhe veio de travessia, e põe-se á capa. É pai de uns poucos de mocetões que parece terem sido inventados para o mar, e casado com uma santa mulher que o remenda, e lhe diz quando as ondas não estão para graças:

—Ó homem! se eu fosse a ti não me mettia a tentar a Deus!

A que o Chumeco responde invariavelmente:

—Á conta de quem póde, é que a gente anda cá n'este mundo!

Era um sabbado, por signal a 23 de janeiro de 1877, ia o nosso homem para a costa, vêr colher uma d'aquellas redes colossaes que trazem á terra

duzias de contos de reis em sardinha, quando, ao passar pelos juncaes, estacou ao vêr a *Janota* que se espreguiçava vergando as pernas com o esforço que fazia para tomar conhecimento de si, com o pello hirto e aguado, denuncia muda da sua involuntaria vadiagem.

O Chumeco chamou-a. O instincto, que nos animaes presta para mais do que o raciocinio em alguns homens, disse a *Janota* que era chegado o termo dos seus males. Encabritando-se, como nos tempos felizes em que a cevada a estimulava ás caminhadas que a tradição ainda hoje commemora, e despedindo dous alegres couces, prenuncio dos mais que havia despedir pelo correr dos tempos, aproximou-se do Robinson que a chamava, attrahindo-a com a engenhosa bonhomia de um missionario, e a rude franqueza do homem do mar.

Novos horisontes se vão rasgar agora para a invalida que o dono não soubera apreciar recorrendo aos segredos das hervas medicinaes, ou confiando-a á sciencia de um ferrador, perito no tratamento das pneumonias agudas.

A primeira quarta de cevada que a *Janota* viu diante de si em improvisada manjadoura de vime, foi como um convite á vida alegre e folgazã de outros tempos. A palhada, adubada de semea fina, produziu na organisação robusta da *Janota* melhor effeito que a *Revalescière du Barry,* nos temperamentos lymphaticos das filhas de um portuguez recambiado de Pernambuco pela sociabilidade dos naturaes da terra.

No fim de um mez a burra afoutou-se a poder com a albarda para experiencia. Na primavera seguinte, quando o cuco serve de calendario á gente do campo, já ella carregava uma moçoila desempenada, *e, soberba de carga tão formosa,* galgava chotando, onde as suas congeneres se enterravam na areia, e atrevo-me a dizel-o (Deus queira que me não venham trabalhos da sinceridade) que nunca até hoje o hippodromo de Belem deu premio de consolação, ou de qualquer outro nome, a bicho capaz de se lhe avantajar na carreira.

Desculpem-me os socios do *Jockey-Club* esta minha opinião, que julgo não ser isolada. Se o meu respeitavel amigo o snr. conselheiro Moraes Soares, não toma a serio o apuramento da raça cavallar, receio que os burros venham a ser trunfo nas corridas... de cavallos.

Vamos ao caso.

Não ha obra de caridade que Deus deixe sem recompensa. A *Janota* veio a ser a auxiliar do Chumeco, não o seu ganha-pão exclusivo, mas uma fatia do seu pão quotidiano.

Quem hoje quer alugar a burra que os juncaes viram magra, extenuada, lazarenta, tem que metter empenhos para o conseguir. O Chumeco põe a mão na ilharga, marca-lhe o preço, e não desce d'elle nem um real.

—É para quem póde, responde invariavelmente o dono. Isto não é animal que se fie de quem não entende da poda.

Proferimos a palavra fatal: — dono!

O dono! Mas quem é o dono? A esta interrogação ha-de responder-se em Almada ao acabarem as férias judiciaes, visto que o Roberto chama hoje seu ao que mandou deitar fóra, e o Chumeco se agarra á sua propriedade, mal comparado como uma ama de leite diz ser sua a criança que os paes abandonaram. Para este caso intrincado duvidamos que possa ser applicado com bom resultado o juizo de Salomão; mas recorda-nos quasi que a proposito, a tenacidade com que um verdadeiro sabio e homem de bem — o virtuoso Condorcet — preferiu sempre a mulher do povo que o creára, á mãi desnaturada que á nascença o entregára á caridade do municipio.

Nós não queremos prevenir julgamentos, mas respondam-nos em consciencia: não representará o Roberto n'esta historia o papel de um amante voluvel, que só deixa accender no coração os bons affectos, quando vê feliz e alegre em poder de outro a mulher que elle levou á perdição e á miseria?

Não significará o Chumeco n'esta singela historia, a Providencia dos dramas chamados realistas, onde a convenção theatral manda entrar uma figura que enxuga todas as lagrimas e consola todas as afflicções?

Esta historia por ser de uma burra, não terá a sua moralidade como os apologos de Lafontaine? Nós crêmos que tem.

Hontem ainda, 15 de setembro de 1877, sendo pretor o snr. marquez d'Avila e de Bolama, vimos a

burra que o Chumeco conserva por em quanto em seu poder, e podemos attestar que nos olhou... como quem reconhecia em nós o apologista do seu bemfeitor.

AS BENZEDEIRAS

(Ao **Doutor Thomaz de Carvalho**, director da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa)

O nosso commum amigo Julio Cesar Machado, publicou em 1871 um excellente livro, intitulado *Da Loucura e das Manias em Portugal,* onde fustigou, brincando, as crendices nacionaes, sem se esquecer das mulheres de virtude, directas herdeiras das Circes e das Medeas dos tempos fabulosos.

Não teve, porém, o perspicaz indagador a boa fortuna que eu tive de conhecer pessoalmente a Bellica, de apertar a mão á Maçarica, de ouvir os sabios conselhos da Leopoldina da Fructa, nem os diagnosticos da Balbina Pinoia, especialista de doenças de coração.

Eu, porém, da respeitosa attenção com que ouvi as distinctas clinicas que acabo de mencionar pelos seus nomes de baptismo, e respectivas alcunhas,

adquiri um certo cabedal de charlatanismo medico, que vou divulgar em letra redonda, para gloria d'ellas, e proveito da humanidade afflicta.

Ahi lh'as apresento pois, as suas quasi collegas. Trate-as como a quem são; dispense-lhes um sorriso que lhe não custa nada; mas se vir a policia deitar-lhes a unha, deixe-as ir, que o Aljube não se fez para as santas.

AS BENZEDEIRAS

A medicina, segundo affirmam os sabios de cuja palavra nos não é licito duvidar, nasceu no Egypto, e foi ensinada aos homens pelo deus Sérapis, que lhe deu por emblema uma serpente, sem desconfiar, (o bonacheirão!) que em serpentes se haviam tornar pelo correr dos seculos as desalmadas, que a credulidade popular conhece pelo nome de mulheres de virtude, antithese da profissão de tão respeitaveis creaturas.

São as benzedeiras, por via de regra, mulheres entradas já pela idade, e de vida em tudo pouco conforme aos preceitos da moral christã. Pede porém a justiça que se diga que as ha crentes na estulticia dos processos de que usam para arrasar a saude do

proximo, apesar de excepções á regra geral das suas collegas, isto é, das que zombam com conhecimento de causa dos crentes na sua pathologia alvar, e nos meios therapeuticos que empregam para debellar enfermidades, taes como as do *bucho virado, sol na cabeça, espinhella cahida, ar embutido,* e outras, que desde Hyppocrates até hoje tem andado fóra de todos os systemas medicos e desconhecidas de todas as escólas onde se ensina a arte de curar.

Não é o assumpto que nos occupa tão frivolo como á primeira vista parece. No *Panorama,* excellente semanario litterario que Alexandre Herculano enriqueceu e honrou com os primores da sua vernacula escripta, lêem-se alguns artigos, no anno de 1849, desentranhados dos nossos archivos nacionaes, sobre muitas e variadas crendices portuguezas, legalisadas pela ignorancia dos tempos, ou servindo não poucas vezes de pasto ás fogueiras da inquisição, segundo convinha á justiça mundana, quer de um clero fanatico, quer de tribunaes affeiçoados a subordinar o poder secular ás exigencias da supremacia ecclesiastica.

Foi na Trafaria, no anno da graça de 1877, que nós travámos conhecimento com algumas das mulheres de virtude mais notaveis da localidade, ou para melhor dizer das benzedeiras mais peritas, que tanto vale uma como outra das designações, não havendo escóla que lhes referende os diplomas, com a precisão que seria para desejar em tão importante mister social.

São geralmente conhecidas as formulas e os es-

conjuros de que as mulheres de virtudes se servem para alliviar os enfermos, principalmente a que utilisa ás pessoas atacadas de mau olhado, e que reza assim:

> **Deus te fez,**
> **Deus te creou,**
> **Deus te desolhe**
> **De quem mal te olhou:**
> **Se é torto ou excommungado,**
> **Deus te desolhe do seu mal olhado.**

Receita homœopathica, que nem cura nem prejudica, e que ás vezes, auxiliada pelo acaso, põe um morto de pé, como do vinho carrascão affirmam os devotos de S. Martinho.

Ao contrario de todas as demais sciencias, que se aprendem nos bancos das escólas, queimando as pestanas e manuseando livros e cadernetas; a sciencia das mulheres de virtude é hereditaria, resiste a todas as transformações sociaes, e ri com sardonico desprezo de todos os progressos da civilisação, como quem encontrou em si propria os limites, o *terminus,* a chave de todos os conhecimentos humanos.

Se as benzedeiras soubessem francez, ou pelo menos lêr soletrando a propria lingua, fariam um auto de fé dos livros de Luiz Figuier, como disparatados intrusos no templo de que ellas se consideram unicas e exclusivas sacerdotisas, interpretes embora mal avaliadas da ultima palavra de todos os segredos da natureza.

Assim, por exemplo, vi eu a Bellica, uma das mais conspicuas benzedeiras da freguezia de Nossa Senhora de Caparica, benzer uma visinha, que andava engoiada e tristonha, pelo seguinte processo que, parecendo simplicissimo aos profanos, é de certo o resumo de sérias cogitações, o resultado de profundas meditações quer sobre as qualidades do fogo, quer sobre as da saliva, posta em contacto com o elemento que os chaldeus, os persas e os indios honraram como o mais poderoso dos deuses.

BENZER

Vamos ao processo: A Bellica benzeu primeiro a paciente com um rozario de azeviche, mandando-a depois cuspir por tres vezes em cima de brazas, dizendo a benzedeira por outras tres vezes: «Para nada prestes; para nada prestes; para nada prestes», indo, finda a operação, lançar as brazas ao mar, confessando logo em seguida a doente que começára a sentir sensiveis melhoras, que infelizmente descambaram, passada uma semana, em tão progressivo decahimento, que a mulher estava com anjinhos no próximo cahir da folha, podendo applicar-se-lhe em cheio o epigramma de Bocage:

Que morria da molestia
Se não morresse da cura.

Apesar de tudo, os creditos medicos da Bellica não soffreram abalo com o desastrado fim da sua operada. Mezes depois, quentes ainda as cinzas de sua victima, era a nossa benzedeira consultada por uma pobre rapariga que, desvairada pelo ciume, pretendia amaldiçoar a sua rival, mas de longe, para que nunca a suspeita de tamanho maleficio podesse recahir sobre o seu credito de donzella recatada e sisuda.

Para tudo ha artes cá n'este mundo de Christo. A mulherzinha aconselhou sem hesitar á ingenua moçoila: *que fizesse uma figura de massa em fórma de coração, crivando-a com alfinetes, que deveriam produzir os desejados effeitos no coração da sua audaciosa competidora.* Dito e feito. Ouvi dias depois contar na terra, que a Maria da Quinta de Cima tinha tido de noite uma pontada, mas de tal ordem, que a medicina perdera toda a esperança de a salvar! Ora vá lá a gente com taes exemplos duvidar da efficacia das sciencias occultas, ou pôr em duvida o tacto e a competencia das benzedeiras de profissão, das que mais do que ninguem exemplificam o rifão popular, que diz que na cara do tolo aprende o barbeiro novo!

O estudo e o conhecimento das hervas medicinaes foram, antes como depois de Galeno, tidos em tamanha conta que ainda não houve systema medico que os desprezasse, nem clinicos, as (benzedeiras entram n'este numero) que deixassem de recorrer ás reconhecidas virtudes dos simplices, ainda que mais

não fosse como medicina espectante, a que mais convém ás mulheres de virtude, para não naufragarem nos escolhos de mais arrevesados systemas e nomenclaturas.

O alecrim, a mangerona, a herva cidreira, são, nas mãos das benzedeiras, pau para toda a obra. Os pós de gomma, e o azeite de oliveira, representam um papel importante nas pharmacopeias da bruxaria nacional. Sem authoridade para fazerem cumprir o sacramental *misture e mande* da medicina legal, são as proprias mulheres de virtude que manipulam e assimilam as drogas, dispensando o auxilio da botica da localidade; que, diga-se em boa consciencia, não poderia fornecer aos seus freguezes bicos de gallinholas nem carapinha de preto, remedios efficacissimos para dôres de ouvidos, segundo ouvi affirmar a uma das mais conceituadas curandeiras da Trafaria, jurando ter na sua estatistica medica casos de curas que a santinha contava por milagrosos, entre centos d'elles, de menos significativa importancia, como de pôr a ouvir os trinos do rouxinol um surdo já desamparado dos conselhos de um especialista allemão, o que vale tanto como dizer abandonado da graça divina, tal é a boa conta em que anda toda a sciencia dos compatriotas do senhor de Bismark.

Não pense o leitor que nos tem visto brincar irreverentes com as benzedeiras, que ellas descuram ou tem em pouca valia a medicina operatoria, que, como é sabido, não dispensa a pratica de um bom theatro anatomico. Quem tal cuidar engana-se redon-

damente. Ahi vão, para amostra, dous frisantes exemplos da pericia operatoria da Rita Nogueira, vulgo a Charnequeira, que nós conhecemos e respeitamos como uma notabilidade cirurgica, embora pedindo a Deus que a afaste para longe de nossa porta, tanto a ella, como aos seus singulares processos cirurgicos. Eil-os:

COZER GEITOS

Para isto deita-se um pucaro d'agua a ferver dentro de um alguidar de barro vidrado, emborcando n'elle o pucaro com o fundo para cima. Em cima do pucaro põe um pente de alisar e uma tesoura. Feito isto a operadora vai com uma agulha cozendo um novello de linha preta. Sabe-se que o geito está cozido, quando a agua que se deitou no alguidar tiver passado para debaixo do pucaro!

Então o que nos dizem os incredulos a este simplicissimo processo para *cozer geitos?* Nós dizemos, que sabido o que seja cozer geitos, tudo o mais é natural, e principalmente pouco doloroso. Operações como esta dispensam o chlorophormio, e honram menos o valor, do que a ingenuidade dos operados.

Outro exemplo:

CABELLO NO PEITO

Sabido tambem o que seja *cabello no peito,* ahi vai o processo para o curar:

Applica-se sobre o peito das mulheres que amamentam um bocado de papel pardo, ligado por um cordel de dez reis a meada; depois, pelo modo de pentear, chamado *penteado ás avessas,* corre-se o peito da paciente, e immediatamente desapparece o cabello!

Estamos como no caso antecedente. Conhecida a doença, que, cremos nós, apenas existe na imaginação da operadora, ninguem poderá negar o immenso partido que as benzedeiras sabem tirar de duas cousas tão vulgares: — um pente e um bocado de papel pardo!

Para não esgotarmos de vez e em seguida todas as boticadas extravagantes que a medicina popular emprega por conselho das mulheres de virtude, e para que os leitores as não creiam unicas responsaveis das emmaranhadas theorias que constituem o seu peculio scientifico, convém dizer que a respeitavel classe das benzedeiras está debaixo da protecção de S. Cypriano, que foi bispo, martyr e padre da Igreja, segundo se lê no *Flos Sanctorum,* não constando

das suas piedosas paginas que o santo fosse dado a sortilegios, bruxarias, nem artes diabolicas.

Apesar d'isso, temos presente um folheto de 33 paginas, impresso em mil quinhentos e quarenta e tantos, razoavelmente maltratado pelas traças, que se intitula *As sete horas magicas* de S. Cypriano, o que dá a entender que o martyr não foi estranho aos esconjuros, nem aos segredos da alta magía. O folheto é em latim, impresso a duas côres, preto e vermelho, rubricado pelo santo em todas as paginas, tendo a seguinte assignatura final: *Cyprianus Magus Primus* sem reconhecimento de tabellião, naturalmente por ser profissão desconhecida no seculo III da era christã.

Seja como fôr, o facto é que S. Cypriano passa por haver sido grande conhecedor de sciencias occultas, sendo o seu nome ainda hoje invocado pelas mulheres de virtude, como talisman contra o qual irremediavelmente se quebram todas as artimanhas do cão tinhoso, e todas as perrices da côrte infernal.

Agora podemos progredir. Ahi vai como a Leopoldina da Fructa nos ensinou a tirar o

SOL DA CABEÇA

Colloca-se uma toalha de linho sobre a cabeça do paciente, e emborcando-se-lhe em cima um copo d'agua de quartilho. Segue-se uma oração de escon-

juro, tirada do livro de S. Cypriano, para que o mal desappareça. Quando a agua estiver fervendo, o que geralmente acontece ao pino do meio dia, o doente sentir-se-ha livre do sol na cabeça!

Por este processo, que substitue vantajosamente o uso do chapéo de sol, das sombrinhas e das umbellas dos mandarins, póde qualquer apanhar afoutamente uma soalheira, na certeza de se vêr em poucas horas livre dos seus maleficos effeitos.

BUCHO VIRADO

É enfermidade que ataca as crianças de preferencia. Cura-se com um emplasto de losna, mel, ovo, cebola e azeite, que se applica sobre a bocca do estomago. Este tratamento deve ser feito ás onze horas da manhã.

Á noite tira-se o emplasto, e arremessa-se com elle para o telhado, onde se deve ir buscar antes do sol nascer, benzendo-se em seguida o doente com um hyssope feito de folha de aroeira.

Este modo de manipular cataplasmas, e de as applicar aos enfermos, é pelo menos innocente. Não acontece outro tanto com o receituario em voga entre as benzedeiras para curar.

FALTA DE AR

Mette-se dentro de uma panella de barro dous gatos pretos recem-nascidos, e que ainda não tenham aberto os olhos. Tapa-se em seguida a panella, unta-se com massa de trigo, e mette-se dentro do forno, até os gatos ficarem completamente torrados. Depois são pisados em um almofariz, tomando-se duas colheres d'este pó, que deve ser misturado com assucar, uma vez em jejum, e outra ao recolher!

Para a cura da mesma enfermidade divergem os systemas das curandeiras. Ao que acima fica transcripto, e que de certo não póde merecer as boas graças da sociedade protectora dos animaes, ha uma outra escóla que contrapõe o seguinte não menos brutal medicamento:

Apanha-se um peixinho qualquer que venha vivo; a pessoa achacada de falta de ar mette na bocca a cabeça do peixe, trincando-a, e, acto continuo, fica respirando á vontade, e o innocente motor de tão milagrosa cura affectado da doença de que o primitivo enfermo se viu radicalmente curado!

Entre os dous systemas custa a dar a preferencia a qualquer d'elles, mas, mal por mal, parece-nos

preferivel tomar pó de gato torrado, que trincar a cabeça de um peixe vivo, sublocando-lhe a falta de ar, como candidamente affirmam as curandeiras.

LEVANTAR A ESPINHELLA

É esta a mais complicada operação cirurgica de que usam as curandeiras, e, como tal, a que maior renome e nomeada lhes dá, se n'ella chegam a ser peritas, como acontece á Pinoia, que não tem hoje competidora na difficil arte de levantar o que nunca cahiu. Eis a operação:

Senta-se o doente n'uma cadeira e puxam-se-lhe os braços até que as extremidades dos dedos indicadores fiquem na mesma altura, o que é já um principio da desejada cura. Em seguida é o doente pendurado em uma porta, onde fica tres minutos suspenso com todo o peso do corpo, fazendo-se-lhe fricções com azeite, ou qualquer outra materia gordurenta. A este tratamento geral segue-se indagar de que lado é que o paciente tem a espinhella cahida, puxando-se pelos dedos da mão correspondente a esse lado, até lhe apparecer no pulso uma pequena glandula, indicio do acerto com que andou a operadora. Feito isto, o doente toma algumas colheres de vinho branco com mel, e fica tres dias sem se me-

xer, e outros tres prohibido de subir ou descer escadas, para que se não percam os effeitos da operação, que, no dizer das benzedeiras, é infallivel.

A doença geralmente alcunhada de espinhella cahida não é mais do que um esfalfamento, produzido pelo excesso de trabalho, e ninguem poderá negar que tres dias de socego absoluto, e algumas colheres de bom vinho não sejam salutares conselhos da medicina popular.

Um dos mais curiosos processos das benzedeiras é o empregado para

CURAR DE LOMBRIGAS

Toma-se um frangão preto (a côr negra é indispensavel) e sangra-se de modo que elle não morra com a operação. Com o sangue esfregam-se as fontes do achacado, e depois, com uma navalha de barba que tenha escanhoado cabeça de clerigo, vão-se rapando os lugares que foram esfregados, e os crentes (os que o não forem perdem o seu tempo) vêem sahir as lombrigas no fio da navalha!

FURTAR O LEITE

Nas aldeias é vulgar a rivalidade das mulheres

que amamentam os filhos proprios, ou os alheios, por causa do leite. A bruxaria, que tem artes para tudo, manda que a mulher que tem pouco leite o vá furtar aquella que tem mais, para o que basta entrar-lhe em casa, dar-lhe um abraço e um beijo, já com malevola intenção, passando immediatamente o leite da roubada para a roubadora.

Se porém a victima dá pelo maleficio, faz justiça prompta e segura por suas proprias mãos, pedindo, ou mandando pedir por terceira pessoa, um espartilho á roubadora, ou qualquer objecto que esta use trazer junto ao corpo. Obtido elle, a queixosa bate-o com varinhas de junco, e o leite volta de prompto á sua primitiva dona.

Na phrase de Nicolau Tolentino chama-se a isto punir a albarda pelas manhas da besta, o que de certo não é nem a mais logica, nem a mais racional das vinganças.

Damos aqui por findo este formulario medico *ad usum papalvi,* não sem informar o leitor de que nem todos os dias da semana são propicios á efficacia dos medicamentos que deixamos apontados. De ordinario os dias escolhidos para estas nigromancias são as terças, quartas e sextas-feiras, dias que a inquisição tambem trazia de olho, como consta de muitas das sentenças do santo officio, por confirmado que andava de que era n'elles que a bruxaria nacional exercia de preferencia os seus maleficios, pondo-se ás boas com o cão tinhoso, e prestando ouvidos aos seus damnados conselhos.

Apesar de tudo, os postos medicos das benzedeiras nunca se fecham, mesmo nos dias de menor importancia, e quem as quizer consultar encontrará por preço modico um passaporte em regra para o outro mundo.

O CIRIO DA CONSOLAÇÃO

Partia da Ribaldeira.

Era um cirio em miniatura, mas deixando pelo dedo adivinhar o gigante.

A cavalgada compunha-se de doze a quatorze pessoas, quando muito. O acontecimento alvorotára o lugar, usualmente pacifico e dado aos trabalhos ruraes.

O chiar arrastado e melancolico dos carros de lavoura, e o tinir descompassado e alegre dos chocalhos que as ovelhas agitavam retouçando a relva, fôra substituido pelo repicar dos dous unicos sinos da ermida, e pelo estourar dos foguetes e o rebentar das bombas e dos morteiros.

O desusado bulicio, a que se associavam os cães,

latindo e uivando enraivecidos, as gargalhadas descompostas do mulherio que não compartilhava da festa, e o badalar, agora já phrenetico das desafinadas campanas, tudo nos despertou a curiosidade, levando-nos ao local da ruidosa algaravia.

Montado, ou para melhor dizer encarapitado em um cavallo que fôra de manejo, e tivera em tempos a honra de ser levado á mão no cortejo de S. Jorge, quando os musculos do animal tinham ainda elasticidade, via-se hirto, aprumado e inteiriço o juiz do cirio.

Sobre a meia albarda do animalejo, mão previdente e conhecedora dos usos e das praticas nacionaes amontoára uma pilha de cobrejões de variegadas côres, encimados por igual quantidade de lençoes d'algodão, e tudo apertado e amarrado por uma cilha que tirava á alimaria o pouco folego de que ella já por esse tempo podia dispôr.

A cabeçada do bicho era um capricho de ornamentação, a que só fazia competencia a cauda da victima, retorcida e presa em laçadas, entretecidas com fitas, fluctuando ao vento como flammulas e galhardetes de escaler de recreio.

O cavalleiro trajava jaleco preto de alamares, abundante de botões e de algibeiras. Das algibeiras escapávam-se, ondeando á mercê do vento, lenços de sêda de variados matizes. Punha ao pescoço um ou outro lenço de sêda vermelha, e mirava-se infatuado no registo da Senhora da Consolação, que trazia pregado ao peito com um alfinete, com a com-

placencia, a sofreguidão, a basofia, com que um commendador de má morte se revê no dourado da placa, com que o vulgo crê havel-o agraciado a munificencia regia.

O nosso homem, por signal José Faneca se chamava elle, empunhava na dextra a bandeira symbolo da convencional devoção dos peregrinos, que elle, com o braço avesado a puxar pela enxada, mal sentia entre os dedos callosos e requeimados pelo fumo do cigarro.

O José Faneca era um solteirão incorrigivel. Já por duas vezes deixára correr banhos na freguezia de Dous Portos, dando a entender que estava disposto a contrahir o santo sacramento do matrimonio, phrase consagrada na phraseologia dos coadjutores de parochia, e por duas vezes tambem o maganão roera a corda ás suas requestadas.

A primeira gaiatada valera-lhe uma correcção de marmeleiro, applicada por um irmão da nubente; a segunda, um pugilato a sôco com um primo da illudida, que se mettera a defensor officioso de donzellas doloridas, deixando a de que se trata com o credito perdido na aldeia, pela intempestiva intervenção do seu desastrado campeão em tão melindroso assumpto.

O Faneca, fazendo-se juiz do cirio, armava ao profano, fingindo andar preoccupado por celestiaes cogitações. A Francisca da tia Benta fazia tambem parte do cirio, e elle arrastava-lhe a aza desde a ultima apanha da azeitona, em que a incauta mo-

çoila, ao trepar a uma oliveira, por imprudencia deixára adivinhar á raposa mais do que convinha á pudicicia dos seus dezoito annos.

Desde esse dia o Faneca ficára para não viver. Atirou-se primeiro ás cantigas, como lenitivo ao seu tresloucamento, mas a rapariga ria-lhe na cara da versalhada, e o homem nem andava nem desandava. Depois fez-se valentão de feira, na idéa de metter medo aos seus rivaes, mas, se umas vezes amolgava as costellas do proximo, outras vezes ficava elle proprio em lençoes de vinho.

Até que por fim tentou o ultimo esforço.

O gaiteiro é, em todos os cirios, a segunda figura da festa. Abaixo do juiz é elle quem attrahe todas as attenções, que monopolisa todos os gabos, que tem por instantes fechados nas mãos os destinos da aldeia. Os privilegios que desfruta são grandes, mas não são menores as imposições a que lhe subordinam o orgulho. O tocador de gaita de folle realisa, graças á robustez dos pulmões, o ideal do rei constitucional — reina, mas não governa.

O gaiteiro tem por obrigação tradicional marchar na frente do cirio, mas é-lhe vedado pelos estatutos, embora ineditos, de tão populares festanças, montar em cavalgadura alta. Em quanto o cavallo do juiz caracolla em graciosos corcovos, quanto as forças lh'o permittem, o jumento melancolico do gaiteiro além cahe, e mais além se levanta, provocando a hilaridade dos festeiros, e enxovalhando os fatos domingueiros do Orpheu, que, de faces rubras e bo-

chechas entumecidas, mette os trambolhões na conta dos ossos obrigados do seu folgasão officio.

Em compensação, o tocador de gaita de folle tem direito, além da invariavel esportula d'um quartinho diario, ao vinho que podér accommodar sem prejuizo da gravidade das suas funcções, e á primeira tachada de arroz dôce que a juiza pulverisa com a primeira mancheia de canella em pó.

No cirio a que nos referimos, o gaiteiro chamava-se Thomé, lagareiro de profissão, bebedo por instincto, e farçola de caracter. A prenda de tocador era-lhe hereditaria na familia. Já o avô d'elle morrera de uma congestão cerebral, em resultado d'uma indigestão de mãosinhas de carneiro, aggravada pelo esforço que fizera para tirar do instrumento homicida dous urros em desharmonia com o estado sanitario do artista. Pelo menos assim o ouvi contar a graves e insuspeitas testemunhas.

Foi ao Thomé que o Faneca confiou o segredo dos seus amores, como a homem avesado a corretagens d'esta natureza, e inviolavel, em quanto estivesse no exercicio de abuzinador dos ouvidos do proximo.

O cirio estava já para partir e a Francisca da tia Benta não apparecia. Eis que de repente se levanta na direcção do alto das Lombas uma nuvem densa de poeira. Nova girandola de foguetes se desfaz no ar em luminosas faulhas, e por um instincto natural aos animaes, quando são despertados por inesperado ruido, um concerto unisono de zurros, rinchos,

latidos e uivos atrôa os ares, como symphonia de abertura da peça de grande espectaculo que se vai representar.

A Francisca da tia Benta vinha radiante. Era uma rapariga de tez morena, olhos rasgados e cabellos negros, meio cigana pela desenvoltura do porte, meio artista pelos estudados requebros com que se equilibrava nos pincaros do albardão franjado do macho, que alugára em Torres-Vedras, ao Fivelim, dono das diligencias que fazem a carreira da Alhandra para a cabeça do concelho.

A musa do Faneca vestia á *fina,* como na localidade se dizia. Em vez de saia branca recortada, destacando, pela alvura, da côr assanhada da anagua vermelha; e em lugar do ramalhudo lenço de sêda, que cheira a dous cheiros, como disse Castilho, *a rosas e a amores,* a Francisquinha trajava de *fazenda,* e apertava na cabeça como uma verdadeira sevilhana, um véosinho preto de filó, rematado e preso aos fartos cabellos por um pequeno ramo de rosas de toucar.

O ouro que lhe avergava o opulento collo, e quasi lhe tirava a acção dos dedos para governar o indocil animal em que montava (mais avesado aos tirantes de um *char-à-banc* de que ás galhardias equestres de uma impavida amazona), era tanto, e tão de lei, que faria morder de inveja um barraqueiro da feira de Vizeu.

Em quanto ao Faneca, todo elle éra olhos para a mirar, porque os ouvidos esses cerrava-os o juiz do

cirio para não ouvir os azedos commentarios com que as más linguas da Ribaldeira salgavam os cruzados novos capitalisados em anneis, brincos, afogador e medalhão, tudo de ouro, tudo de phantasiosos feitios, e apurada mão de obra, que a Francisquinha trazia em cima de si.

Qual não foi, porém, o pasmo do Faneca, quando viu a rapariga que já lhe trazia o miôlo a razão de juros, conchegar-se garbosa com a rabicha do albardão, como que preparando lugar para novo cavalleiro, e o Manoel Pincha galgar de um pulo ás alturas, e cahir bifurcado adiante d'ella que de relance o cingia com um dos braços, em quanto que com o outro agitava sorrindo uma delgada chibatinha de marmeleiro, estimulando os brios do possante macho, cumplice involuntario de tão inesperada aventura.

A Francisca era prima direita do Pincha pelo lado materno, e entendia, lá de si para si, que tendo já mandado os papeis para Roma, pedindo dispensa do parentesco, para se casar, podia, á vista de Deus e de todo o mundo, dar aquelle tremendo escandalo á visinhança, servindo de pasto ás murmurações agora justificadas das suas inimigas.

Quando o Manoel Pincha assomou no dorso do macho, ao lado da gentil cavalleira, houve um momento de silencio e de hesitação, como quando ás grandes assembléas populares se annuncia uma mensagem importaute, ou se lhes communica uma resolução suprema.

Os festeiros hesitavam em partir para uma missão santa debaixo da influencia do peccado mortal de dous dos seus associados, quando a tia Genoveva, que passava por ser mulher de bons costumes, tomou sobre si a responsabilidade de apadrinhar os reprobos, pondo-os debaixo da sua individual protecção.

Ao segredar malicioso dos festeiros, oppoz a tia Genoveva a declaração formal de que era sob a sua vigilancia pessoal que a Francisquinha se arriscava a affrontar o conceito da cantiga, que manda a toda a rapariga honesta:

> .... morrer de fome
> Mas nunca fazer *viage*
> Na companhia d'um *home*.

O tempo apertava com os festeiros. Era urgente a partida. Foi o gaiteiro, inspirado pelos ultimos decilitros com que refrescára a embocadura, que arrancando da gaita de folle o primeiro gemido, e fazendo ondular as franjas vermelhas do instrumento com o sopro eolio, vindo de uns pulmões recurtidos pela cachaça, que deu o appetecido signal para a devota marcha.

O orago da festa, a *consolatrix afflictorum* de tantos peregrinos, só em tão apertado lance abandonára o Faneca ás tristezas do isolamento, e, peor ainda do que isso, aos beliscões do ciume, e aos ironicos sorrisos dos demais festeiros.

De vespera, diziam as velhas do lugar, tinha an-

dado um mocho toda a santissima noite a piar, esvoaçando desnorteado de telhado em telhado, prenuncio de caso grave que estava para acontecer. As pythonisas do sitio tinham razão.

Na primeira paragem que os romeiros fizeram para desaguar as alimarias, e recorrer cada devoto ao pichel que trazia para se refrescar, o Faneca, que vinha já de todo perdido da cabeça, sem haver ainda provado vinho, attenuante que o poder judicial podia mais tarde tomar-lhe em consideração, atirou-se de navalha aberta ao Manoel Pincha, dando-lhe uma picada que o estendeu semi-morto aos pés da Dulcinêa dos irreconciliaveis Quixotes.

Descrever a balburdia que esta tentativa de homicidio produziu entre os festeiros, seria usurpar as attribuições officiaes do cabo de policia, que tambem fazia parte do rancho, e que, evocando o artigo não sei quantos do Codigo criminal, dava a voz de preso ao Faneca, que no dia immediato entrava triumphante na cadeia de Torres Vedras, não sem que a Francisca, as mulheres são feitas assim, tivesse deixado cahir duas perolas (lagrimas em estylo vulgar) sobre a desdita do seu incorrigivel requestador, facto de que o Pincha tomou apontamento na sua carteira de marroquim encarnado, para chamar a sua noiva á authoria passada que fosse a lua de mel.

Quando o cirio recolheu á Ribaldeira, passada uma semana, a tia Genoveva benzia-se com ambas as mãos ao lembrar-se que fôra ella quem cobrira com a authoridade dos seus cabellos brancos a par-

tida dos dous desencaminhados amantes, dando pretexto pela sua leviandade á scena de sangue de que haviam sido testemunhas os devotos romeiros da Senhora da Consolação.

Na cadeia voltára ao Faneca a monomania de trovista, e de guitarreiro sentimental, com que contava esqüecer as horas de degredo nos sertões de Ambaca ou do Ambriz; e no momento de acordar no coração da Francisquinha a corda sensivel da mulher — a compaixão — corda que elle explorava, ainda entre ferros, em desproveito do seu rival.

Quanto ao Pincha, não ha romance amoroso sem desenlace, conta a visinhança do sitio, que se tornou um dragão depois de casado, e que, quando bebe de mais alguma pinga, é com o marmeleiro com que d'antes dava cabo dos coelhos, que hoje apalpa as costellas da cara metade, em nome, diz elle, da soberania que o homem tem direito a exercer sobre a mulher.

Que interprete do Codigo civil!

QUADROS

DA

VIDA MILITAR [1]

[1] Os dous seguintes artigos foram-me inspirados pela leitura do excellente livro de Alfredo de Vigny— *Servitude et grandeurs de la vie militaire*. Foram publicados na *Revolução de Setembro*, em 1848. A data da sua primitiva publicação explica as demasias de estylo que o leitor n'elles poderá notar; bem como as referencias ás penalidades militares posteriormente abolidas por lei.

I

A CASA DA GUARDA

Quem vem lá?

Gritava com todas as forças de um robusto pulmão um sentinella, embuçado no seu comprido capote de mescla, perfilando-se ainda com o acanhamento que bem deixava perceber o recruta.

O official da ronda!

Respondeu o vulto que lentamente se aproximava do sentinella, com a impassibilidade de um mau actor, que papagueia o seu papel, sem lhe alcançar o sentido.

Faça alto!

Retrucou-lhe o soldado com um tom de voz já um pouco mais sumido: e, virando-se para dentro de uma pequena barraca aonde os seus camaradas dor-

miam um durissimo somno de tarimba, continuou alteando a voz:

Cabo da guarda! reconhecer o vulto.

Isto tudo se passou com a presteza com que costuma ser feito o serviço militar. O cabo sahiu logo, esfregando os olhos com as costas da mão, e acompanhado dos dous soldados que primeiro tinham entrado de *quarto,* dirigiu-se ao official da ronda, que, depois de ter dado e recebido o *santo, a senha e a contra-senha,* e feito a sacramental pergunta «ha alguma novidade?» mandou, antes de se retirar, chamar ás armas, para pelos seus proprios olhos ficar sciente de que ninguem faltava na guarda, antes que a ronda superior recomeçasse o seu giro.

Era meia noite. O quarto de sentinella acabava n'aquelle mesmo momento. O nosso recruta ia ser rendido. Entreter o leitor a contar-lhe como se rende uma sentinella, não sou eu tão má pessoa que sacrifique a poesia d'este conto ás monotonas prohibições do coronel, augmentadas, improvisadas, e muitas vezes estropeadas desde s. s.ª até ao anspeçada ralaço, que tambem legisla e decreta por sua conta e risco.

Tinham-se rendido as sentinellas. A chuva cahia se Deus a dava. O nordeste soprava rijo e agudissimo, e só se ouvia de quando em quando a voz da nova victima gritando: «Sentinella, álerta!» cremos nós, não seja isto calumnia, que com o unico fito de afugentar o somno. O nosso recruta já tinha arrumado a arma, enxugando-lhe os feixos com o lenço para

se não enferrujarem, desapertado um pouco o cinturão, e tirado da algibeira algum tabaco solto, que, embrulhado no primeiro papel que achou á mão, era fumado com o mesmo, senão maior prazer, com que um *janota* dos nossos tempos fumaria um aromatico charuto havanez.

Fumar, fumava elle, mas o somno estava-lhe tão distante dos olhos, como perto do coração a lembrança do seu casal, a memoria de sua mãi entrevada na cama, e os olhos negros de sua irmã, que eram talvez os que mais negras lhe tornavam estas recordações. Quem tinha elle no mundo? Ninguem? Ainda não tinha chegado a esse ultimo estado de abatimento e de miseria. A nós é que nos não cumpre precipitar os acontecimentos.

A casa da guarda era pequena e afumada. Do tecto pendia um candieiro de folha, cuja luz pallida e tremula reflectindo-se nos canos brunidos das espingardas, semelhava a luz funerea de uma tocha dando de chapa na gigantesca armadura d'um cavalleiro de outras eras. O mais era mesquinho, pobre, e falto de poesia, como a vida d'esses doze homens, que, reclinados n'uma miseravel tarimba, nem sequer se atreviam a pensar, sonhando! Doze não eram elles, porque dous dos que haviam sahido de sentinella, velavam assentados nas extremidades d'aquelle leito de dôres! Eram as almas ao pé dos corpos! A intelligencia ao pé da materia. A intelligencia, não! que lá estavam os artigos do regulamento a mandal-os soffrer e calar, a ensinar-lhes a maxima da *obediencia bru-*

ta, a rubricar-lhes o diploma de automatos, a elles que soffrem, que sentem, e que pensam! O recruta era um moço que havia de andar pelos seus vinte annos, talvez ainda não completos. O rosto era pallido e trigueiro, trigueiro porque os sóes ardentes lh'o haviam tisnado; pallido, e triste, como o reflexo dos pensamentos que lhe borbulhavam na mente. Os olhos escuros tinham uma suavidade e doçura, que não sei a que os possa comparar, a não ser aos olhos que os livros dizem que tivera o pintor Raphael!

Na outra extremidade da tarimba, como que para contraste, estava sentado um velho de bigodes brancos, brancos como os gêlos do Marão, fartos e compridos como os que me lembra de ouvir dizer, que tivera um barão d'uma terra muito longe, de que me não recordam agora os nomes, nem d'elle, nem da terra.

Era robusto e forte o nosso *35 da quarta,* prosaica substituição ao seu nome de baptismo. As mãos eram callosas e grosseiras, como que empedernidas pelos grãos da polvora que se lhe haviam entranhado na pelle. Ao longo da testa uma cutilada que se via bem que fôra puxada do fundo d'alma, dava realce áquella physionomia pesada, mas aonde se lia um que quer que fosse de bondade e de grandeza. Lia, não pensem que o digo por já o saber. Qualquer dos leitores que o conhecesse havia de vêr que se lhe lia no rosto, como n'umas Horas.

—Nada de tristezas, Pedro—disse o velho solda-

do com um accento de melancolia difficil de descrever. —Nada de tristezas, ámanhã é dia de folga: não tens serviço na companhia, pódes ir vêr tua mãi.

—Posso—replicou o mais moço com os olhos arrasados de lagrimas—podia, se eu não fosse levar a deshonra áquella pobre velha nos vergões roxeados da chibata; podia, se ainda me fosse dado levantar a cabeça com orgulho, e dizer á minha mãi: o seu Pedro ainda tem um coração que entende as cousas, e um braço que executa o que o coração lhe revela, mas hoje!...

O velho soldado levantou-se, as lagrimas saltavam-lhe dos olhos a quatro e quatro, mas procurava escondel-as, correndo o canhão da farda pelos olhos, e retorcendo o bigode, como elle costumava fazer, mas era por desdem, quando as balas cruzando-lhe por cima da cabeça lhe noticiavam que a morte pairava perto, abraçada com a gloria, irmã gemea do soldado no campo da batalha. A cicatriz que tinha no rosto havia-se-lhe contrahido no franzir da testa, dando-lhe á physionomia um aspecto de colera mal disfarçada.

—Olha, Pedro, o mundo sempre foi assim; se te pões a pensar n'essas cousas com tanto afinco, morres para a vida, acabas para a gloria. Animo, Pedro! Chibataram-te, foi injustamente, bem o sei—que lhe has-de tu fazer? Se houvesse guerra agora, atiravaste á primeira trincheira que visses, saltavas á primeira escalada que te apparecesse... Morrias? Um dia havia de ser. Escapavas, era a maior vingança

que podias tirar dos teus superiores. Em quanto que elles talvez cobardemente se escondiam, tu affrontavas os perigos, e pagavas-lhes com um sorriso de desprezo a ignominia por que te fizeram passar.

O mancebo tremia como um cannavial. Os labios eram-lhe brancos como as correias da patrona, o rosto estava-lhe amarello como o bocal da baioneta que lhe pendia da cinta.

—Isso era se houvesse guerra, isso era se houvesse morte para quem soffre! Para mim não ha senão tormento que dura, que durará como o tempo do serviço.

—Soldado sou eu ha 27 annos—replicou o velho com serenidade.—As balas que tenho visto são mais que os Padre-Nossos que tenho rezado; as injustiças que tenho soffrido são mais bastas que os cabellos brancos que ellas me tem feito nascer; e nunca desanimei tanto, Pedro, nunca! Não ha remedio senão levar as cousas com paciencia, quando se não póde despedir uma bala que acabe com tudo.

E alumiava a casa da guarda com o clarão do cigarro puxado com toda a força de um fumista já veterano.

O mancebo olhava para elle com respeito.

—Olha cá, camarada, uma cousa é fallar, outra é soffrer; uma cousa é ter essa cruz ao peito e essa cicatriz no rosto, e outra é ter as costas retalhadas de vergões negros, de vergões que são affrontas, que são lagrimas, que são dôres... porque não podem ser vingança!

E os dentes rangiam-lhe, e os olhos perdendo a doçura afogueavam-se-lhe, como os do Mazeppa do Byron! O veterano havia mudado de tom.

—Tudo isso é verdade, tudo: mas se me não engano, nunca a dôr te veio tão forte como hoje; nunca a injustiça te doeu mais do que n'este momento!

O veterano fallava a verdade.

—Nunca, nunca!—repetiu Pedro com um accento de voz em que se misturava o sangue que lhe vertia do coração—nunca!

E travando do braço do velho soldado, levou-o á luz mortiça da lampada que bruxeleava indecisa entre a claridade e as trevas.

—Nunca a dôr me foi tão forte!

E passava ás mãos do seu camarada uma carta, cuja letra parecia ser de mulher, escripta com mão tremula, humida, das lagrimas do pobre soldado.

—Tua mãi morta! morta, fallando em ti até ao derradeiro instante!...

—Continúa, continúa—disse Pedro, a quem as pernas vergavam a ponto de se deixar cahir meio desfallecido, na rija tarimba da casa da guarda.

O veterano correu a carta com os olhos, dobrou-a, e retorcendo os bigodes com uma força indizivel murmurou:

—E tua irmã deshonrada!

O mancebo levantára-se impassivel.

—Ao menos—disse elle—resta-me a alegria de que minha mãi morreu sem desconfiar da deshonra de seus dous filhos!

—E que tencionas fazer?

—Não posso fazer nada: a chibata... a chibata...!

E chorava como uma criança, abraçado ao pescoço do veterano, que com uma das mãos tapava a cruz de campanha, para que as lagrimas lh'a não marcassem, e com a outra, firme como a espada na mão do dono, segurava o corpo meio desfallecido do seu joven camarada.

—Mancebo! esse homem é preciso matal-o.

E poz-se a morder o beiço que parecia-lhe ter debaixo dos pés o corpo ensanguentado do seu competidor.

—Matal-o! matal-o não, que é peccado: desafiei-o hontem antes de vir montar a guarda: desafiei-o para um duello de morte.

—E aceitou, o infame?

O mancebo córou; rebentára-lhe de novo a ferida:

—Não: a chibata estampara-me um ferrete vergonhoso; quem se havia de querer bater commigo? Ninguem!

Durante este dialogo o veterano desembainhára a baioneta, e aguçava-lhe a ponta no ladrilho carcomido da casa da guarda. As physionomias dos dous soldados ainda então contrastavam, se bem que na mente de ambos houvesse um pensamento fixo, immutavel, ainda que diverso um do outro.

—Pois eu o matarei!—disse então o velho soldado com um tom de voz glacial.—Estamos a 4 de

janeiro, juro que não ha-de vêr o sol do dia de Reis.

E metteu a baioneta na bainha, sorrindo-se que fazia medo.

—Na realidade a chibata é um castigo infamante; parece que não tem filhos, que não tem mãi, que não tem familia quem usa da chibata.

E calou-se. O mancebo olhava commovido para o seu camarada, mas sem dizer palavra: a dôr havia-lhe seccado as lagrimas!

Ao outro dia rendeu-se a guarda. A musica tocava alegre e festiva; a cidade acordava risonha e descuidosa, e ninguem se lembrava do pobre chibatado!

Ninguem? Lembrava-se o velho soldado. Chegou ao quartel, largou as correias e sahiu só de cinturão, sorrindo, sorrindo sempre. Ainda não tinha anoitecido de todo, e já o velho soldado havia cumprido o seu juramento. O seductor infame e cobarde já não podia vêr o sol do dia de Reis. Uns poucos de palmos de terra escura, e sem letreiro, haviam recebido para sempre aquelle novo hospede.

Ao entrar no quartel, cumprida a justiça, e satisfeita a vingança, dera de cara com um espectaculo tristissimo. Pedro havia-se suicidado! Os camaradas choravam n'elle a perda do seu melhor companheiro, e ninguem lhe atinava com a causa d'aquelle acto de desespero.

No outro dia, ao amanhecer, estava o regimento formado em quadrado, n'uma planicie d'alli perto. A musica tocava, como se fosse para uma festa.

Gritos suffocados subiam ao ar, e ouvia-se distincta a voz do commandante que bradava:

—*Forte, mais forte, que é para exemplo!*

O exemplo tivera-o elle na vespera, na morte d'aquelle honrado e valente moço.

No dia em que a chibata fôr abolida, será um dia grande a marcar nos fastos da humanidade.

II

A JURA DAS BANDEIRAS

> Juro aos Santos Evangelhos, em que ponho as mãos, de não me apartar do meu regimento sem licença, seguindo sempre as bandeiras sem as desamparar, e prompto a derramar todo o meu sangue em sua defesa.
>
> REGULAMENTO DO CONDE DE LIPPE.

A vida militar divide-se em dous periodos distinctos, e diversissimos um do outro: a gloria e a escravidão.

Ha gloria para o soldado quando os pelotões cerrando-se em columnas, avançam mudos e cadenciados, como os espectros dos heroes de Shakspeare, a revelarem aos vivos os mysterios da campa. Ha gloria para o soldado quando os quadrados ouriçando-se de baionetas, esperam a pé firme os valentes impulsos dos esquadrões inimigos: ha ainda muita gloria para o soldado, quando as balas despedidas pelos

contrarios lhes vem bater já frias, e submissas, nas condecorações variadas que lhe abrilhantam a farda.

Ha escravidão e deshonra, quando a chibata estampando-se-lhe no corpo, o degrada da nobreza de todo o ente creado; ha macula e aviltamento no *soffrer e calar,* que o regulamento lhe prescreve como maxima elementar do seu viver de soldado; ha deshonra e escravidão na *jura das bandeiras,* quando a bocca mentindo-lhe á consciencia, o colloca abaixo da nobreza do seu proprio coração, e o arremessa de perjurio em perjurio, a mentir até sobre o livro da poesia intima, e da philosophia eterna!

Chronista da angustiada vida do soldado, não serei eu que lhe vá mentir ás suas crenças intimas, para depois lhe decepar as illusões que por ventura ainda possam manter. Á verdade é que eu não posso nem devo faltar.

Fomos soldados felizes, quando, batendo-nos em Aljubarrota, faziamos ajoelhar o inimigo ante o valor fabuloso da Ala dos Namorados. Fomos temidos e respeitados, quando, no Salado e no Ameixial, baptisavamos com sangue as Quinas que se deviam depois erguer em Ceuta e Ormuz; ou levantarem-se com a ufania do triumpho nas arestas denegridas da praça de Badajoz! Então eramos nós soldados; porque os sonhos dourados da vespera, eram, como os de Gedeão, coroados no dia seguinte com os louros da victoria que nos sorria de perto.

Hoje! arrumámos as armas, e adormecemos sobre os louros das passadas glorias.

Agora vou eu contar-vos um caso intimo da vida d'um soldado, como elle me foi narrado a mim; caso que constitue uma das phases caracteristicas dos *Quadros militares*. Foi um valente e honrado moço que m'o contou, com a impassibilidade e paz de espirito, com que eu imagino que o vencedor de Marengo contaria no desterro de Santa Helena a derrota de Waterloo.

Foi-me contado sem lagrimas nem arrependimento; sem orgulho, mas tambem sem apparente contrição: morta a consciencia, a bocca traduzia-lhe os pensamentos quasi que de cór, como a criança que reza, sem ligar a menor importancia ás palavras que pronuncía. Pois é a historia de um desertor! Pois é a vida de um homem que jurou e perjurou depois, sem que se envergonhasse a contal-o; sendo como elle era, valente como um soldado da guarda imperial.

Ouçamol-o:

«Ainda eu não tinha completado dezesete annos, ainda a vida me corria sem mais impressões do que as que me despertava o sino da minha aldeia, fallando-me pela voz de Deus nas cousas da infancia, quando me prenderam para soldado!

N'esse tempo ainda eu tinha pai e mãi; e começava-me o coração a adivinhar que podia existir no mundo uma mulher, que, depois de minha mãi morrer, lhe viesse tomar o seu quinhão de affecto e de ternura.

Prenderam-me quando o painel da vida se me

desenrolava viçoso, como nunca mais voltou; risonho e agradavel, como bem creio que nunca mais me poderá voltar. Eu estava isento do recrutamento, porque meu pai era velho e invalido, e minha mãi comia o pão que seu filho lhe ganhava com o trabalho de todos os dias, de todas as horas.

Prenderam-me!... Ligaram-me como a um criminoso, desprezaram-me como a um malfeitor, vigiaram-me como se um moço de dezesete annos podesse como Samsão, abalando as columnas, sepultar os seus oppressores debaixo das suas ruinas.

Levaram-me d'alli a um regimento: as lagrimas que então chorei foram tantas, que nunca mais depois d'isso pude tornar a chorar. As lagrimas que tinha, chorei-as todas n'aquelle dia!

Meu pai tambem fôra soldado, mas em tempo! quando no Bussaco se batiam como leões, aguçando as garras depois do combate, para se irem, passado pouco tempo, exercital-as em Albuera, como preludio das façanhas do cerco de Badajoz! Aquillo é que foi tempo! Meu pai julgava o de hoje como aquelle, e preferia morrer sem o meu amparo, do que roubar á patria um soldado, que elle esperava que viesse um dia sentar-se-lhe á lareira, a contar um centenar de victorias como as que elle tinha partilhado no seu tempo de rapaz. Enganou-se o pobre do velho.

Levaram-me de casa; levaram-me arrastado, que as pernas não podiam commigo para um sacrificio d'aquelles. Pelo caminho lembravam-me as condecorações de meu pai, recordava-me dos seus cabellos

brancos, e tremia de ser eu quem deshonrasse tudo aquillo.

Punha-me a pensar em minha mãi, no crucifixo do seu altar de devoções, e chorava... como chorava em pequeno com medo que os trovões e os raios do céo arrasassem a nossa casa. Mas de repente lembrava-me Maria, a minha noiva já então pedida; e a idéa de que se havia de fazer feia e trigueira, sem ter um braço, que trabalhando, lhe poupasse a ella os sóes, que talvez trazendo-lhe as sezões, lhe empanariam o brilho d'aquelles olhos tão lindos—tão lindos que só havia uns assim, mas eram pintados (os olhos da imagem de uma santa que tinhamos na capella-mór da nossa freguezia), me fazia sobresaltar, e quasi que pensar em acabar com tudo, matando-me!

Cheguei finalmente ao quartel. Á falta de poderem avaliar a robustez dos corações, metteram-me na craveira, a vêr se a altura dava o soldado que o regulamento lhes impunha: infelizmente dava, e eu vi alli lavrar-se a sentença da minha comdemnação».

Ao contar-me esta historia, o filho do soldado da guerra peninsular, parava de vez em quando, como que para se preparar a recomeçar com o mesmo sangue frio com que havia tomado a palavra.

«N'aquelle mesmo dia, continuou elle, levaram-me á *casa da ordem,* e de lá á secretaria do regimento, aonde se devia consummar o meu sacrificio. Entrei. Disseram-me que eu ia *jurar bandeiras!*

Aquelle era o momento supremo do meu adeus

ao mundo; era a ultima lagrima que ia cahir quente, mas ainda honrada, na mão tremula e descarnada do meu honrado pai.

Em cima de uma das mesas estavam as bandeiras — e o Evangelho! O livro era o mesmo por que minha mãi me havia ensinado a lêr em pequeno; as bandeiras eram ainda as que meu pai havia seguido com honra durante 30 annos, derramando por ellas o seu sangue; contristando-se com os seus revezes; condecorando-se com os seus triumphos. É que eu era forçado a fazer o que meu pai tinha praticado voluntariamente.

Cheguei-me; e com a mão no Evangelho; com a mão que me escaldava, como deve escaldar a do assassino depois de commetter o crime, pronunciei em voz pausada, mas tremula, o juramento que me exigiam:

«Juro aos Santos Evangelhos, em que ponho as mãos, de não me apartar do meu regimento sem licença, seguindo sempre as bandeiras, sem as desamparar».

E deixei-me cahir desfallecido. Era o sentimento do perjurio que me havia passado da mente para o coração; eram os olhos de Maria que se me afiguravam vêr em cada poetica pagina d'aquelle livro santo; eram as cruzes de campanha de meu velho pai, que se me apresentavam debuxadas em cada uma das pregas d'aquelle, que fôra pendão de gloria e de independencia para elle, de affronta e ignominia para o filho dilecto do seu coração.

E isto tudo travando-me dos sentidos, me fazia vacillar e tremer, como o estandarte desenrolado ao sôpro das batalhas. N'aquelle momento fizera-me soldado. Contavam com o meu juramento e deixaram-me, sem se lembrarem, que eu fôra forçado a jurar o que não podia cumprir. Passado um anno desertei!...

Dirigi-me triste e preoccupado ao casal em que tinha nascido, receando de não achar já ninguem, dos que em pequeno me traziam ao collo; ou dos que depois de homem feito repartiam commigo a cruz dos seus soffrimentos! Cheguei a casa e contei tudo; insensato! Meu pai fez-se pallido como a sobrepelliz do cura da nossa terra; pouco depois levantou-se irado, como elle me contava que estivera no Bussaco, pela resistencia tenaz da cavallaria franceza... passados poucos minutos estava dando contas a Deus das suas fraquezas de homem.

A deshonra, a raiva, e a vergonha haviam dado em terra com aquella alma feita para resistir muito, mas que não pôde com tanto! Minha mãi... essa abraçada ao crucifixo, chorava duas dôres ao mesmo tempo, a morte do marido e a deshonra do filho: e juntando-as, e fundindo-as, tirava d'ellas a oração, que se lhe balouçava nos labios, como o orvalho da manhã nas folhas verdes do salgueiro, que se pendurava á beira da estrada real!

Maria, resumia a dôr dos meus, na minha propria dôr, e abraçada ao meu pescoço assemelhava-se á andorinha ferida que se agarra ao ramo lascado da

oliveira campestre. Pintar aquellas dôres, só as pinta quem as sentiu como eu. Os visinhos juntavam-se-me á porta, e mais de uma maldição, murmurada a meia voz, veio susurrar-me aos ouvidos, como a extrema vingança, alcançada por meu pai! Era terrivel!

Mas mais terrivel, immoral, e barbaro é o uso de alimentarem os denunciantes, gratificando-os! Passadas poucas semanas fui preso de novo, e levado ao meu commandante. Um homem n'aquella occasião valia *uma moeda!* tal foi o preço por que me venderam á justiça! Reprehendido, castigado, e aviltado publicamente, soffri resignadamente tudo como expiação dos desgostos que minha mãi soffrera, da morte de meu velho e honrado pai. Minha mãi, coitada! essa foi mãi até ao fim; de hora para hora, de momento para momento, esgotava o calix de uma dôr profunda, e rematava-o com um perdão. Conhecera a minha cruz; e como a Virgem, ajoelhada aos pés da do Salvador, tentava apagar com lagrimas o crime de seu filho.

Sentenciado a degredo, expiei por cinco annos de grilheta, o crime de não poder cumprir o que tambem não promettera do fundo do coração! Arrastando uma vida de vergonha e de miseria, consumido por recordações pungentissimas, via a todo o instante, acordado ou dormindo, a sombra de meu pai que me apparecia a lavrar a minha sentença, como a mão invisivel de Deus, a escrever nas paredes afumadas do palacio de um pessimo rei, a ulti-

ma prova porque elle, e o seu reino haviam de passar. Maria, havia morrido para mim. Não tivera forças bastantes para affrontar os prejuizos do mundo, casára-se! Só, ardente, como o facho que conduzia os hebreus no deserto, a imaginação ainda me dourava ao longe, muito ao longe, algumas horas de socego e de tranquillidade. Moço ainda, com o coração a bater-me com os mais elevados sentimentos, poderia ainda ter alcançado a ventura, que então me faltava, se Maria fiel aos seus juramentos... mas eu tambem tinha perjurado, só com a differença, que eu fôra violentado a fazel-o, em quanto que ella... »

Uma especie de alienação mental se tinha apoderado d'elle n'este momento.

Com os olhos a rolarem-lhe descompassadamente nas orbitas; com o rosto a arder em lume, e as mãos frias de neve, o mancebo parecia não pertencer já a este mundo. O delirio n'elle eram as recordações do passado, e a desesperança no futuro. Ouvia-se-lhe distincto o nome de Maria; e por entre o ranger dos dentes murmurar:

« Juro aos Santos Evangelhos, de não me apartar sem licença; e de defender sempre as minhas bandeiras ».

Ao formular este juramento o mancebo ria, ria, que se via bem, ainda quando elle o não dissesse, que era um d'esses desgraçados, a quem um juramento forçado déra o direito de ser desertor!

INDICE

	PAG.
A lareira	13
A lavadeira d'Alfama	23
O barão	29
A senhora visinha	39
O trapeiro	47
O amor livre	55
O Feliciano das seges	63
As hortas	71
O sapateiro d'escada	83
Os criticos	93
O conselheiro	101
O fadista	109
O broeiro	117
O José das Caixinhas, ou o mano das manas	127
O barbeiro da aldeia	135
A inculcadeira	143
A adega do convento	151
O visconde	159
As touradas	169
Boas festas	179
O politico	189
O namoro da janella abaixo	197

PAG.

Um casamento nos saloios........................ 205
As autonomias e os autonomos de ambos os sexos.... 213
O gallego (typo nacional?)........................ 219
O andador das almas.............................. 229
O vendilhão de folhinhas e almanachs.............. 237
Representação de um drama sacro em S. Christovão de Mafamude.................................. 245
O inverno.. 255
Um pleito singular (historia de uma burra)......... 263
As benzedeiras................................... 273
O cirio da Consolação............................ 291

QUADROS DA VIDA MILITAR

I. A casa da guarda.............................. 303
II. A jura das bandeiras......................... 313

APPENDICE

A poesia popular nos campos.

A Poesia Popular

NOS CAMPOS

A

A POESIA POPULAR NOS CAMPOS

AO MEU AMIGO JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

Peço licença para apresentar aos meus leitores o primeiro poeta d'esta terra — o povo.

Conheci-o a fundo n'estes dous ultimos verões, quer como espectador attento dos *bailes de rodas,* dançados ao domingo no terreiro, quer como ouvinte enthusiasta das *desgarradas á viola,* cantadas pelas calmosas e apaixonadas noites de agosto, quando o murmurio dos riachos e o ciciar das brisas convidam o espirito á melancolia, e o coração ao amor do bom e do bello.

Os campos são, desde Theocrito e Virgilio, a inspiração da verdadeira poesia, da que se não amanei-

ra presumida na adolescencia, nem se arrebica de postiças e mentirosas galas.

O homem do arado e da charrua, antes da sciencia lhe ter poupado o suor do rosto inventando novos instrumentos agrarios e aperfeiçoando os antigos, era, nem pedia deixar de ser, o poeta por excellencia, como quem recebia directamente da natureza, com o instincto do sentimento, a faculdade da admiração.

O sol, o Apollo da mythologia, ergue-se com o homem que trabalha na terra, alenta-o nas fadigas do dia, lega-lhe o fogo sagrado ao despedir-se, ás horas saudosissimas do crepusculo, quando a criança adormece sorrindo, e o sino da ermida povôa de saudades o remanso das florestas.

O actor então, crê-o, não é inferior ás scenas da natureza. Incisiva sem pedantismo, satyrica sem maldade, plangente sem affectação, a poesia no homem do campo é quasi a sua linguagem natural. O que na cidade se lima e pule n'uma prosa trabalhada e diffusa, dil-o de improviso e cantando o feliz requestador da ceifeira, devolve-lh'o ella melhorado n'uma trova singela, rescendendo aos melhores e mais suaves perfumes da campina.

No campo a poesia alarga-se com os horisontes. Antes de ser arte é coração. O amante amuado, a noiva trahida, a esposa antes de ser mãi, todos tomam a poesia como um desabafo, todos se acolhem á sombra da *cantiga*. Linguagem que dá para tudo, porque é universal, a poesia nos campos tambem tem os seus philosophos, os seus desilludidos, como na

cidade. A um ouvi eu, e era dos melhores trovistas do sitio, sahir-se depois de instado, dizendo:

Não canto por bem cantar,
Nem por ter fallas de amante;
Só canto por dar o gosto
A quem me pede que eu cante.

Esta quadra era um remoque folhetinistico ás innumeras declarações amorosas que n'aquella tarde se tinham feito no *bailarico*.

A ceifa, a vindima, sobretudo as descamisadas, são as épocas florescentes da poesia saloia; são o rapido mas glorioso reinado de Augusto das letras campesinas. Que intelligente e sorrateiro commercio de olhares! Que furtivos apertos de mão! Que mágoa dos queixumes! Que temerarias perguntas! Que satyricas réplicas se não ouvem então!

Quando o sov'reiro der baga,
E o loureiro der cortiça,
Então te amarei, meu bem,
Se não me der a preguiça!

Ao desalmado, ao Lovelace que assim se descartava em pleno baile de rodas da pobre moçoila, que não via cá n'este mundo outro sol mais que o seu Manoel, ouvira eu ainda no domingo anterior esta trova, sobrescriptada aos magnificos olhos castanhos da sua bella:

Os olhos pretos são falsos,
Os azues são lisongeiros,
Os olhos *acastanhados*,
São os leaes verdadeiros!

Pobre Maria! Conheci-a requestada pelos rapazes mais abastados da aldeia; vi-a, garbosa e esbelta, ser a primeira nas festas do lugar; applaudi-a, entre todas, nas loiçainhas do cirio; ouvi-a cantar depois, já pallida e desbotada:

D'encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De lucto o meu coração!

Dous mezes depois, pelo cahir da folha, dormia, coitada, o derradeiro somno no cemiterio humilde da sua aldeia! Era sina dos teus, pobre Maria! Ainda Deus te poupou o veres cá na terra a tua irmã dilecta, a timida mas festiva Anninhas, regando de lagrimas o berço do filho adormecido, e cantando-lhe envergonhada:

Oh! chorai, olhos, chorai,
Que o chorar não é desprezo,
Tambem a Virgem chorou
Quando viu seu filho preso.

E depois continuar:

Quem tem meninos no berço
Por força lhe ha-de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!

É porque ella, como tu, tambem arrastava a sua cruz de martyrio cá na terra. A *mal casada* lhe chamavam, não que o peccado fosse d'ella, mas porque desacertára na escolha do marido, a quem eu lhe ouvira pedir ingenuamente um anno antes:

Se fores domingo á missa,
Põe-te em parte que eu te veja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja.

N'esta trova estava inteiro o coração de tua pobre irmã—a verdade e o amor!

Quem lhe diria a ella, ainda hontem noiva festejada, já hoje mãi abandonada, que a tristeza lh'a havia de trazer aquelle a quem cantára:

Se eu soubera que voando
Alcançava o que desejo,
Mandava fazer as azas,
Que as pennas são de sobejo!

Agora as unicas azas que a captivam são as do anjo que recolhidas as tem no berço, mas que ella

teme levantem o vôo, e a deixem cá n'este mundo sósinha e sem conforto.

Mas deixemos as tristezas aldeãs, e voltemos ao terreiro a escutar mais desenfastiadas trovas, e mais engenhosos conceitos. Vêem além aquelle rapazote de jaleco de bombazina azul, cinta vermelha, botões de ouro na goleira? É o primeiro dançador de fandango do lugar, o primeiro versista do concelho, o primeiro copo do districto.

Ensarilha uma feira a pau, lavra com bois proprios, traz ao terço uma terra do fidalgo, e já foi dous annos mordomo da festa de Santo Antão, a mais pagã das festas do districto de Torres-Vedras.

Ouçam-n'o, que traz de olho uma franga da freguezia, que vai mais vezes á *brincadeira* que ao confesso, e que elle projecta estramalhar do rebanho do Senhor, como já o cura lhe exprobrára na ultima prédica domingueira.

A rapariga não é bonita, mas para o poeta não ha difficuldades: até na fealdade acha recursos com que justificar-se. Ouçam-n'o:

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa;
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A snr.ª Rosa (o nome e os espinhos são d'ella) percebe-o, e responde-lhe:

Quem disser que o amar custa
É certo que nunca amou;
Eu amei e *fui amada,*
Nunca o amar me custou!

Animado por esta leviandade (talvez innocente), ahi vai como o nosso homem se tirou do apuro. É o desejo manifestando-se e desculpando-se nas ousadias de um sonho:

Esta noite sonhei eu
Um sonho bem atrevido,
Que tinha na minha cama
A fôrma do teu vestido.

Agora um véo sobre este lyrismo aldeão, e não sondemos a allegoria d'este sonho, nem como a senhora Rosa o interpretou.

O que parece fóra de duvida é não ter passado tão despercebida a petulancia do sonhador, que uma trigueirinha ciumenta, que andava na roda, lhe não retrucasse, fitando-o:

Se pensas que por ti morro
Ou por ti tenho paixão,
Nunca fui apaixonada
Da fruta que cahe no chão.

Ferido assim no seu amor proprio, José dos Ca-

racoes (esta era a alcunha do conquistador encartado do sitio) sacudiu a melena, tomou uns certos ares de pimpão que lhe eram habituaes, quando aos sabbados no mercado comprava ou vendia, e, pegando na palavra da rapariga, julgou envergonhal-a pela sua pouca alvura, unica pecha que com razão lhe podia pôr, cantando-lhe n'este sentido uma trova epigrammatica.

Ella porém, acceitando o desafio, respondeu-lhe como quem a fundo se conhecia pelo espelho:

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei;
Trigueirinha é a pimenta,
E vai á mesa d'el-rei.

Arrependido de ter sido injusto com quem assim se despicava, ou antes não sabendo vencer o coração que o puxava para aquella a quem offendêra, José dos Caracoes poz de parte os fingimentos, entendeu que devia fallar a verdade inteira, custasse o que custasse, ás victimas dos seus arteiros arrazoados:

Eu tenho cinco namoros,
Tres de manhã, dous de tarde,
A todos elles eu minto,
Só a ti fallo a verdade.

A impressão causada no auditorio feminino por esta rude e inesperada declaração não é facil descre-

ver-se. O fanfarrão que a fizera olhava em roda de si cauteloso, como esperando que algum irmão lhe pedisse contas do credito enxovalhado da irmã, mas ufano de si para si, por vêr lagrimas de despeito em olhos que nunca até então tinham chorado!

No campo as musas são caprichosas como na cidade. Inflammam sorrindo o estro dos seus admiradores, e, as mais das vezes, só rigores lhe deixam para thema dos seus poeticos devaneios.

As *Ellas,* que o lyrismo piegas já tornou ridiculas nas salas, ainda não foram desthronadas na aldeia, nem o serão, em quanto a poesia serrana fôr comedida na hyperbole, e as aguas da Hypocrene saloia correrem sem pretensões a catadupas do Niagara.

Eu hei-de amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não me deixa,
Deixas-me tu sem razão.

Em caso identico ao d'este desapontado amador, um poeta funebre teria esbravejado em estrophes dignas das furias. Ella contenta-se com uma ameaça concisa, resolve-se a *amar uma pedra,* mas nem por isso deixa de ficar em paz com o senso commum.

Querem ouvir um conceito digno de Lafontaine, que um moralista levaria vinte vezes á bigorna, e que sahiu feito dos labios frescos e rosados de uma travêssa peccadora?

Á minha porta está lama,
Á tua fica um lameiro;
Quando fallares das outras
Olha para ti primeiro.

A franqueza d'este desforço não desmente a boa fama da sinceridade aldeã. Quem tem telhados de vidro não atira aos dos visinhos. Aqui o desaggravo subiu á altura da injuria, mas a harmonia restabeleceu-se entre as duas sarcasticas inimigas.

Que magnificos olhos pretos não tinha uma d'ellas! Com que sobeja razão um amador do genero lhe não cantára momentos antes:

Os olhos dos meus amores
São pretos, não tem maldade;
Hei-de mandar fazer d'elles
Um painel da Piedade!

Como a rapariga lhe pegou na palavra foi assim:

Os meus olhos são dous pretos
Que me chegaram de fóra;
De lá me vieram livres,
Captivei-os eu agora!

Toda a prosa deslavada do *Secretario dos Amantes* nem de longe hombreia com esta correspondencia ao ar livre, que chega franca de porte ao seu des-

tino, sem o auxiliar do compostellano ladino, nem a avára segurança da estampilha moderna. Um sorriso é o intermediario unico entre dous namorados campesinos.

É recostado ao varapau ferrado, Castalia e maça de Hercules do pretendente, que elle acompanha a trova com um olhar que diz mais a quem é dirigido, do que o prosaico sobrescripto de uma carta. É fiada na inviolabilidade d'este genero de correspondencia que a gente do campo diz ironicamente:

> Esta carta vai sem porte
> Remettida a quem quer bem;
> Tem crime de mão cortada
> Se n'ella bulir alguem.

Ou canta alludindo poeticamente ao seu affecto, e a não saber traduzil-o de outro modo:

> O papel em que te escrevo
> Tiro-o da palma da mão;
> A tinta sahe-me dos olhos,
> A *penna* do coração.

E digam ainda que o *calembourg* não é cultivado na aldeia! É, dá-se por lá fresco e viçoso como tudo que o orvalho da manhã rocia, que o sol alenta, e a brisa da tarde refrigera. O trocadilho (deixem traduzir assim o arrevezado *calembourg*), se o não utilisam no campo para *fazer espirito,* porque ha lá

mais em que pensar, serve não poucas vezes de interprete a magoadas queixas.

> Tenho um vestido de *pennas,*
> Não m'o fez o alfaiate;
> Eu o talhei ao meu corpo,
> Eu o levei ao remate.

A tunica de Nesso não produziu de certo effeito mais violento no vencedor de Diomedes, que este pobre *vestido de pennas* na queixosa que por suas proprias mãos o talhára, sem desconfiar que em breve se lhe mudaria em cilicio!

O amor é a inspiração quasi constante da poesia popular, quer se manifeste festiva como a esperança, quer plangente como a saudade dos bons affectos que morreram. Desconhecedora das tradições pagãs, a gente do campo nega-as por instincto, e mata a sêde poetica nas fontes puras da natureza. Cupido, o classico e brincalhão Cupido, é para os poetas da aldeia um rapazote sem importancia. O deus vendado não tem entre elles aras nem culto:

> Quem pintou o amor cego
> Não n'o soube bem pintar.
> O amor nasce da vista.
> Quem não vê não póde amar.

Com este credo, que é verdadeiro, embora com elle se negue a authoridade da mythologia e os amo-

rosos arrufos de que o Olympo foi theatro, não podemos duvidar d'este poetico aphorismo aldeão.

Inda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor;
Antes que o amor se ausente,
No coração fica a dôr.

A *constancia aldeã,* de que o snr. Castilho já zombou em lindos versos, tem em seu favor documentos poeticos de alta valia. Estou quasi inclinado a crêr que a injustiça feita pelo cantor da *Primavera* aos amores pastoris foi instigação do seu amigo Ovidio, maganão que deixou nas *Metamorphoses* provas sem réplica da sua incompatibilidade (perdôe-me Ovidio este palavrão constitucional) para aferidor de constancias.

Quem me dera vêr meu bem
Trinta dias cada mez,
Sete dias na semana,
E cada instante uma vez.

Ovidio (parto sempre do principio que foi elle quem malquistou o snr. Castilho com as raparigas da aldeia), se o obrigassem a amar

Trinta dias cada mez
E cada instante uma vez,

preferiria de certo o exilio a que Augusto o condemnou, e de que o poeta tanto se lastimava, ás galés de uma eternidade amorosa. As borboletas não nasceram para o quietismo, tem azas... vôam.

Querem os descrentes do amor aldeão pesar os filhos nos quilates da sua constancia?

Se te enfastia o eu querer-te,
É força por fim deixar-te;
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Haverá ainda quem affirme que não saber *senão amar* seja um peccado? ou quem negue a constancia a quem precisa ser *ensinado a aborrecer?*

Que differença d'esta simplicidade no bemquerer ao orgulho dos poetas encartados, que publicam o seu coração n'um livro, e que, como Byron e Lamartine, ungem os seus cantos com lagrimas... de crocodillo!

O amor nos campos dá-se e aceita-se por toda a vida, ou nega-se de prompto e sem rodeios. O poeta que ama, procura ardente *como o sol* a musa que o inspira; ella, se se sente captiva de outros affectos, esquiva-se-lhe rapida *como uma sombra.*

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me!

Uma delambida da cidade faria de certo parar o sol, como Josué, ainda que mais não fosse, para contar á noite no baile o milagre, e rir-se com as amigas da ingenuidade do astro-rei. A rapariga dos campos foge timida como uma sombra, e quasi envergonhada de tão guindados requebros. Se porém os aceita, e casa (que de clamores não vai esta palavra levantar!), é com o mesmo frescor e viço poetico que affirma diante das outras raparigas do lugar que vive alegre e satisfeita, cantando ao eleito do seu coração:

Eu casei-me e captivei-me,
Inda não me arrependi;
Quanto mais vivo comtigo
Menos posso estar sem ti!

Um namoro que nas cidades não passa de um assumpto comico, tem nos campos singelas e poeticas feições. Em vez do mensageiro alugado e da confidente adestrada na telegraphia do requestador de officio, no campo são os dous interessados que se correspondem directamente em transparentes e despretenciosos remoques.

ELLE

Tu tens a parreira á porta,
Não a sabes lagartar,
Tens defronte os teus amores,
Não os sabes namorar!

ELLA

Não os posso namorar,
Tenho vigias defronte;
Eu ando mais espreitada
Que o coelho anda no monte!

Hoje que é moda torturar o senso commum em nome não sabemos de que abstrusas theorias vindas da Allemanha, o ouvido alegra-se e o coração rejuvenesce com os cantares singelos do povo, com as suas poeticas imagens, sempre copiadas da grande mestra — a natureza. Mesmo quando o sentido de uma copla não parece bastante claro, indaguem, e acharão que é facil o commentario. Por exemplo:

Muito brilha o branco-branco
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Pois não vêem que o *branco-branco* se refere á tez da Laura do nosso Petrarca, e o *branco lavado* ás suas singelas galas domingueiras?

Se os philologos não largam ha tantos seculos de mão o seu Homero, se não ha um verso de Dante que não tenha sido explicado, nem uma oitava dos *Lusiadas* em que a critica não tenha remexido, que menores direitos tem o povo a ser interpretado nos seus poeticos desabafos?

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres;
Quando o sol promette á lua,
Que fará quem tem amores?

Dirão, talvez, que esta promessa de um astro a outro astro não está pedindo a reflexão da critica? Não haverá escondida n'esta astronomia saloia uma verdade scientifica a indagar? Fazemos a pergunta, e deixamos a resolução d'ella a quem competir.

Querem agora uma hyperbole arrojada? É a primeira que vamos citar do nosso poeta. Sabemos que a hão-de achar extravagante, mas a sua desculpa está no motivo que a originou — o crime! Orestes fez, e Othello disse ainda peor que o nosso poeta:

Eu corri o mar á roda
Co'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti não ha firmeza!

Como correctivo d'esta exageração, ahi vai uma das mais perfumadas e sentidas coplas populares, já diversas vezes louvada pela critica, mas que, pela sua resignada doçura, vai bem cabida n'este lugar:

Por te amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti!

*

Millevoye, o poeta das melancolias intimas, não pintaria, decerto, mais resignado o seu adolescente, despedindo-se da vida ao cahir das folhas sêccas do outomno! Viver só — sem Deus e sem amor — é mais triste que saudar pela ultima vez o sol amortecido da estação dos desenganados da terra.

Na aldeia, as Saphos são quasi tantas como os Anacreontes, e as lastimas d'ellas não menos doloridas que as d'estes. A morte inesperada de um noivo é dignamente commemorada n'esta singela queixa:

> Eu fui a mais desgraçada
> Das filhas de minha mãi;
> Todas tem a quem se cheguem,
> Só eu não tenho ninguem!

Que grande dôr não era a da pobre rapariga no seu abandono! Ella, que amava com toda a innocencia dos primeiros amores, e que fallava inteira a verdade, dizendo:

> Costumei tanto os meus olhos
> A namorarem os teus,
> Que de tanto confundil-os,
> Nem já sei quaes são os meus.

Agora os olhos que ella assim trazia empregados lavam-lh'os as lagrimas de uma eterna e irremediavel saudade.

Dissemos no começo d'este artigo que a poesia no campo dava para tudo, e cremos tel-o provado exemplificando a nossa affirmativa. Querem ouvir uma quasi impiedade justificada pelo excesso do bem-querer? É uma rapariga antepondo ao symbolo venerando do christão a profanidade dos seus terrestres affectos:

Se passares pelo adro
Tira o chapéo, reza á cruz;
Que o meu amor é mordomo
Da capella de Jesus.

Acabada a mordomia, é possivel que acabe com ella a reverencia da ingenua aldeã. Que melhores pensamentos se podem exigir a quem anda preso, como diz o estribilho constante dos bailes de roda, nas *cadeias do amor?*

Nas cidades é fama que engordam os procuradores, pelo menos Bocage assim o affirmava. Na aldeia morreriam todos de fome se os pleitos fossem como este:

À rosa tem vinte folhas,
O cravo tem vinte e uma;
Armou a rosa demanda
Pelo cravo ter mais uma.

Causas d'estas não sobem ao supremo tribunal de

justiça, resolve-as a propria rosa conservando o seu perfume e os seus espinhos, e deixando ao cravo a fartura de mais uma folha. Se duvidam, ouçam:

Ainda agora eu reparo
Em quem anda no terreiro!
Anda o cravo e mais a rosa,
Anda o ramalhete inteiro!

Então não se conciliaram depressa as duas flôres? Assim as das salas se harmonisassem entre si, como as do campo sabem esquecer as suas momentaneas desavenças em publico terreiro!

Uma das mais pronunciadas feições do lyrismo moderno é o desalento. Chorar as mágoas proprias ou as alheias, parece ser a predestinação da poesia do nosso seculo, que quasi só encontra excepção na serenidade dos poetas que retemperam o espirito cançando o corpo no amanho da terra, arrimo e providencia dos não eleitos da fortuna.

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto!
Hei-de parar e mostrar-lhe
Que de vêl-a não me espanto.

Uma variante da mesma idéa, mas expressa talvez ainda com maior resignação e sentimento poetico, é a seguinte:

Eu quero bem á desgraça
Que sempre me acompanhou;
Tenho odio á ventura
Que bem cedo me deixou.

Desde Almeida Garrett, na maviosa invocação do seu poema *Camões,* não ha poeta nem versejador que tenha deixado de incommodar a «saudade», consagrando-lhe uma estrophe mais ou menos banal. Doença endemica no paiz, a saudade fez-se a musa dos bastardos da poesia, e não ha lyra, por desafinada que seja, nem poeta,

Das faixas infantis despido apenas,

que não se recorde do seu breve passado, e não lhe dedique um hymno quasi sempre mentiroso.

Pois antes de Almeida Garrett ter chamado á saudade

.... gosto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,

já o povo dizia singela e poeticamente:

A ausencia tem uma filha
Que tem por nome «saudade»;
Eu sustento mãi e filha
Bem contra minha vontade.

Como se vê, a saudade, que os poetas dos livros

procuram como inspiração, *sustenta-a* contra vontade o homem do povo, e confessa-o francamente.

A machina, o vapor, a officina, n'uma palavra — a industria — são a negação da poesia. Como as flôres, o coração carece de ar, de sol, de largos horisontes. É na contemplação constante das maravilhas da natureza que a alma se afina e desata em canticos. A terra que o arado sulca, hoje ingrata, ámanhã próvida, até com as suas esquivanças nos captiva. A industria é o indicador seguro do progresso das nações: a agricultura o santuario e reconforto da poesia nacional. Na industria reflecte-se o caminhar incessante da humanidade, nos campos aprende-se a amar a patria, a querer-lhe, a defendel-a, a cantal-a nas horas de angustia e de provação. A industria póde, quando muito, servir de thema á poesia didactica: o campo de inspiração á elegia e ao amor. Se o estrangeiro invade a terra da patria, é do conductor pacifico da charrua que sahe o primeiro gemido, é d'elle ainda que sahe o ultimo canto da victoria. Antes, porém, de estudarmos a poesia dos campos nas suas patrioticas manifestações, acompanhemol-a por ora na intimidade do viver domestico, e nas variantes infinitas das suas laboriosas fadigas.

Accusem-me muito embora de paradoxal, nego que a ecloga e o idyllio sejam a traducção dos sentimentos robustos do homem que tem por musa os esplendores do céo, e eleva o espirito acima das miuçalhas com que os classicos rechearam a chama-

da poesia pastoril. A mythologia, povoando os campos de Satyros, de Faunos, de Nymphas e de Silvanos, não deixou n'elles lugar para o homem. O triumpho que obteve a idéa christã foi tambem a rehabilitação da verdadeira poesia, da que rejeita os symbolos amortecidos do paganismo, e nos dous marcos extremos da vida—berço e campa—estreita quantos affectos o coração humano póde dar:

Das lagrimas faço contas,
Com que rezo ás escuras:
Oh morte que tanto tardas!
Oh vida que tanto duras!

Insistir em demonstrar a delicadeza de pensamento que esta quadra em si envolve, seria desconfiar sem razão do tacto artistico dos nossos leitores. Rezar com as lagrimas é depurar o coração de todo o fel, é aproximar-se em vida da bemaventurança eterna.

É quasi sempre de improviso que o homem do campo denuncía os seus poeticos instinctos. Ahi vai uma amostra brilhante da espontaneidade do nosso povo para os certames da palavra, e uma prova tambem da sobranceria com que o sexo fraco acolhe não poucas vezes as supplicas humildes dos seus admiradores. Como já se deve ter suspeitado, é de dous namorados, que não timbram pela constancia, que o seguinte dialogo traduz sem hesitação o crêr e o pensar:

ELLE

Façamos, meu bem, as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem sempre perdôa
Uma... duas... até tres.

ELLA

Não quero fazer as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem nunca offende
Nem uma quanto mais tres.

É força confessar que a logica estava toda da parte da aggravada. Ella bem sabia que cesteiro que faz um cesto faz um cento, e por isso se acautelava contrapondo ao machiavelico *sempre* do seu interlocutor, o mais sacudido e positivo *nunca* que elle até alli ouvíra da bocca das suas requestadas. Que differença d'este terminante desengano ás intenções em que eu a encontrára no verão anterior quando dizia:

Nem meu pai, nem minha mãi,
Nem duzentos confessores,
Já me tiram do sentido
De eu fallar aos meus amores.

Pois o Varatôjo era d'alli a dous passos, e não faltavam por lá os confessores a quererem-lhe tirar

do sentido o que só mais tarde a ingratidão conseguiria.

Ha nos campos uma cantiga, quasi aphorismo, que serve invariavelmente de norma aos negocios do coração, e que, exagerada na pratica, transforma muitas vezes em inferno o paraiso dos mais bem fadados amores:

Quem tem pinheiro tem pinhas:
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zêlos;
Quem tem zêlos tem paixões.

Authorisado assim officialmente o ciume, fui não poucas vezes testemunha das suas ruins consequencias. No homem do campo ter zêlos significa... como hei-de eu dizer que significa a intervenção justificada do regedor da parochia nos negocios da familia?! Pois ainda assim no campo não se entendem amores sem zêlos, e por isso se cahe a miude da poesia na prosa vilissima do antigo — aqui d'el-rei — fórmula ainda por lá em vigor nos apuros que reclamam o auxilio da policia.

Se o amor toma em muitos casos as proporções da tragedia, tambem ás vezes descamba para o comico, e zombeteia em publico do primor melancolico que caracterisa a poesia amorosa. Ahi vai, escolhido de entre outros, um exemplo frisante de que ha tambem pelas aldeias quem escarneça do sentimentalismo poetico:

Já não ha quem queira dar
Um limão por um vintem,
Para tirar uma nodoa
Que este meu coração tem!

Alcunhar o amor de «nodoa», e só pôr dúvida no preço do correctivo que se lhe ha-de applicar, é epigramma digno de um taful de botequim que deixou o coração aos pedaços pelos bastidores do theatro, ou pelas coxias do circo em que as amazonas campeiam.

Mas não rebaixemos a poesia saloia. Ahi pomos em seguida um coração de donzella daguerreotypado em quatro versos com a maxima candura dos quinze annos, e a mais desaffectada innocencia de um verdadeiro amor:

Sempre estás adeus, adeus;
Com esse adeus me mataes:
Queira Deus não digas tu
Adeus, para nunca mais!

Desconfiança e supplica mais modesta não creio eu que as possa expressar a poesia. Um adeus tão repetido póde ser eterno, e se o fôr... longe vá tal agouro, como dizem os crentes em cousas más. A rapariga ha-de ainda viver feliz e cantar para que todos a ouçam:

Eu hei-de amar o meu bem,
Diga o mundo o que quizer;
Quem ama não quer conselhos,
Quer só tudo que o amor quer.

Citámos já n'este estudo uma quadra que podia servir de sentencioso fecho a um apologo, transcreveremos agora outra, como conselho dado a proposito a uma lingua solta que mordia no credito de todas as raparigas da aldeia, e que uma d'ellas vingou, vingando-se tambem a si, no seguinte lembrete:

Pelo céo vai uma nuvem,
Todos dizem bem a vi...
Todos fallam e murmuram,
Ninguem olha para si.

Bem myope devia ser o maledicente para se não vêr através da nuvem, emendando-se do ruim sestro de assoalhar as fraquezas do proximo.

As perguntas artificiosas e enredadas, no intuito de difficultar as réplicas do contendor tido na aldêa por desembaraçado na linguagem das musas, são vulgares nos desafios poeticos da gente do campo. Quanto mais a interrogação é intempestiva, e rapida e despretenciosa a resposta, mais certa e festejada é a victoria de quem na lucta se não deixou intimidar. Vejam aqui a simplicidade com que a modestia desfaz as capciosas armadilhas da inveja:

ELLE

Menina que tanto sabe,
Responda a esta pergunta:
Que sciencia tem o mar,
Que tanta agua em si ajunta?

ELLA

A sciencia que o mar tem
Não é cousa de pasmar;
Se não ha rio nem regato
Que não vá ao mar parar!

Já que trocâmos as flôres campestres pelas arrogancias do oceano, reproduziremos aqui o doloroso anathema de um coração que, na incerteza das ondas e na perfidia dos baixios traz preso o seu cuidado, e da ausencia, que póde ser eterna, se lamenta n'esta sentida e magoada trova:

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios,
Que esse foi o causador
Dos meus olhos serem rios.

Temos dado n'este rapido estudo cabal demonstração, quer da tendencia do nosso povo para o ge-

nero elegiaco, quer, ainda que excepcionalmente, para a mordacidade do epigramma e da satyra. Ahi vai ainda um exemplo de que a observação dos achaques do proximo serve mais vezes do que se julga de assumpto e estimulo á veia caustica dos poetas campesinos...

A cobra vai pelo monte,
Cuida que ninguem a vê...
Assim são os namorados...
Não digo isto por vossé...

A tanto Adonis semsaborão, que ahi por essas salas se inculca em phrase insonsa para marido, não conviria talvez, a saber usar d'ella, a finura d'este disfarçado requerimento:

Tanto limão, tanta lima;
Tanta silva, tanta amora;
Tanta menina bonita,
E meu pai sem uma nora!...

Para que ha-de um sincero e franco amador de aldeia *gastar palavras em contar extremos*, se na concisão da poesia acha com que despicar-se das asiaticas lamurias de um rival desprotegido dos favores das musas? Se por acaso encontra no *bailarico* aquella que o traz enfeitiçado, canta-lhe simplesmente:

Atirei um limão verde,
Á tua porta parou;
Se eu te qu'ria bem ou mal
No limão se exp'rimentou.

Implorar a lealdade, e requerer a constancia da pessoa a quem se ama, é um lugar commum em negocios do coração. Prometter um affecto eterno em troca de tão urgente supplica, é outra banalidade secular a que ninguem sabe ou quer esquivar-se. O que tem novidade no assumpto é pedir muito e não prometter nada:

Se eu tivera não pedira
Cousa nenhuma a ninguem;
Eu por não ter é que peço
Lealdade a quem a tem.

Da mesma significativa franqueza é este formal desengano dado a tempo e a horas, a um impertinente amador que teimava em levar de vencida a rebeldia da sua requestada:

Se eu quizera bem podéra
Amar-te, querer-te bem;
Não posso porque não quero,
Não sou de enganar ninguem.

Instado para dar as razões de tamanho desapê-

go, vê-se pela resposta da ladina rapariga, que eram fundados os motivos de tão desabrida recusa:

> Vossê a mim não me leva
> A contar-me maravilhas;
> Foi vossê quem enganou
> Sete mães, quatorze filhas.

Que contraste entre a cautelosa desconfiança da nossa aldeã, e o ingenuo enthusiasmo de uma outra que dizia:

> Se eu tivera papel de ouro
> Comprava penna de prata,
> Apurava os meus sentidos,
> Escrevia-te uma carta!

Por estes excessos de phrase talvez alguem conjecture que era com filho de conde ou marquez que a boa da rapariga desejava corresponder-se. Pois engana-se quem tal pensa. É ella mesma que se vai denunciar, dizendo-nos quem era a modesta inspiração dos seus amorosos devaneios:

> Andas morta por saber
> Quem é o meu ramalhete;
> É um rapaz trigueirinho
> Vestido de azul-ferrete.

Trigueirinho era elle, mas sabía dizer as cousas com tal primor, que merecer-lhe uma trova era honra a que aspiravam as raparigas todas do lugar. Querem-n'o ouvir dirigindo-se áquella que momentos antes invejava ter *penna de prata* para lhe escrever? É o aspide escondendo-se entre as flôres... da poesia. Leiam:

> Quem me dera ser retroz,
> Ou linha... de toda a côr,
> Para andar junto ao teu peito
> Servindo de atacador!

Antes este sincero desejo, a poder realisar-se, do que as tristezas da ausencia manifestadas por outro sonhador da aldêa na seguinte quadra:

> Meu coração é relogio,
> Minh'alma dá badaladas;
> No dia que te não vejo
> As horas trago contadas.

Archivando, como temos feito, as poeticas expansões da nossa gente do campo, chegamos a receiar que as gralhas em tempo opportuno se vistam com as pennas do pavão, e que algum estulto choramigas dê por suas, em almiscarada epistola, as alheias melancolias. Apesar d'este nosso fundado receio, não podêmos resistir á tentação de citar ainda algumas quadras em que os Tibullos populares se lastimam

dos rigores da sorte, e se resignam ás violencias da ingratidão e do perjurio:

> Alecrim, que és rei das flôres,
> Já meu peito foi teu vaso;
> Tens agora outros amores,
> Já de mim não fazes caso.

Haverá talvez quem taxe de monotonia o voltarmos para junto do berço em que a infancia repousa descuidosa do tremendo enigma que se chama o futuro. Embora! Attrahe-nos ainda a suavissima melodia com que a vigilancia materna acorda os echos mudos da solidão, revendo-se embevecida na fragilidade do filhinho que dorme:

> Ó minha mãi dos trabalhos,
> Para quem trabalho eu?
> Trabalho, mato o meu corpo,
> Não tenho nada de meu!

Ou, erguendo o espirito acima das proprias mágoas, pôr o sentido na possibilidade de um novo enlevo, e cantar:

> O meu menino é d'ouro,
> D'ouro é o meu menino,
> Hei-de trocal-os co'os anjos
> Por outro mais pequenino.

As toadas com que estas e outras sentidas coplas são acompanhadas pelas mulheres do povo, adormecendo os filhinhos, são dignas de um albúm musical,

mas, infelizmente, poucas ou nenhumas d'ellas estão ainda collecionadas.

Mudemos agora de rumo, e prosigamos. Para que nem tudo sejam tristezas, e nos não accusem de compilarmos só melancolias, ahi vai a historia veridica de um despique amoroso, tomado em boa e frisante poesia.

Um rapaz *puxava* para uma rapariga. Nada mais natural. A rapariga ouvia-o, ao que parecia, sem desagrado. Naturalissimo. Mas a inconstancia levou-a a dar ouvidos a um segundo pretendente, e a esquecer não a fé jurada, mas a que a si mesma devia guardar. Sabe-o o mais antigo e tambem o mais sincero dos dous amadores, e cala-se. Instado dias depois a dar a razão do seu afastamento, ella ahi vai como a ouvimos da propria bocca do queixoso:

Peça tudo quanto queira,
O meu amor não m'o peça;
Deve estar muito doente
Quem de noite se confessa.

Pois esta-resolução foi tomada estando o homem, como vulgarmente se diz, já com o pé dentro da igreja, e esquecido dos axiomas da trova que diz:

O cantar é dom dos anjos,
O bailar dos variados,
A alegria dos solteiros,
A tristeza *dos casados*.

Entre os agudissimos epigrammas de Bocage ha um que se tornou popular pela valentia do desforço. É este:

> **Dizem que Flavio glutão**
> **Em Bocage aferra o dente:**
> **Ora é forte admiração**
> **Vêr um cão morder na gente!**

Pois ouçam agora um poeta da mesma escóla, que tem a honra de se encontrar com tão bom modêlo, e que, por ser nascido na aldêa, não acha n'isso motivo para deixar sem prompta réplica a mordacidade de um rival:

> Tenho corrido mil terras,
> Mil terras tenho corrido,
> Muito cão me tem ladrado,
> Mas nenhum me tem mordido.

As terras que este *tinha corrido* eram as freguezias do seu concelho, mas ainda assim podia dizer que tinha visto mundo. Outro tanto não affirmava de si um afamado repentista do mesmo lugar, tão convencido da promptidão e fecundidade do seu estro, que dizia:

> Se eu cantar tão bem soubera
> Como sei fazer cantigas,
> Fizera chorar as pedras,
> Quanto mais as raparigas!

Só se elle estava em maré de não querer poetar, porque então era tempo perdido instar com elle!

Era caprichoso o nosso Byron serrano, e se lhe dava o *spleen* (deixem-me inglezar o saloio) eram sempre mordentes as sahidas d'elle.

Querem-n'o ouvir n'um momento de mau humor? O poeta que *sabia fazer chorar as pedras*, convidado d'este modo a poetar:

> Diga lá duas cantigas
> D'aquellas que vossê sabe,

ou porque lhe destoasse o *vossê*, ou porque não aceitasse a arithmetica na poesia, respondia:

> Estão dentro da gaveta
> E perdi o norte á chave!

Será ou não será isto aproximar-se dos bons ditos dos poetas francezes da segunda metade do seculo XVIII, ou, sem sahirmos fóra de Portugal, das desconcertadoras respostas do fustigador implacavel do padre José Agostinho de Macedo?

Se por acaso ao nosso poeta (o saloio) não sahia uma quadra bem rimada, ou não exprimia francamente a sua idéa nos moldes acanhados de duas consoantes forçadas, não era luctador que desanimasse, desculpando-se logo d'este modo:

> Meninas, não façam caso
> Da cantiga ser errada:
> Tambem um bom caçador
> Atira... não mata nada!

A proposito d'estes singelos e despretenciosos estudos sobre a poesia popular já podiamos, se tivessemos quéda para a erudição balofa, ter resuscitado a velha questão dos rhapsodistas, e trazido para aqui a encanecida e nunca resolvida disputa entre os defensores da unidade e authenticidade dos poemas homericos, e os que só querem vêr n'elles o arduo trabalho de eruditos e conscienciosos compiladores da poesia popular da Grecia primitiva. Nós preferimos limpar estes estudos de cogitações alheias á pura e genuina trasladação para a escripta do viver e crêr poetico do nosso povo. Prosigamos pois no nosso intento. Ahi vai uma copla que demonstra que o amor nos campos nem sempre é desacompanhado das formulas amenas com que nas cidades ás vezes o rebaixam até ao ridiculo:

A murtinheira é de vidro,
Ao fechar na mão se quebra;
Assim é vossê commigo,
Cuida que o vento me leva.

A rapariga pensava, e quem sabe se tinha razão, que as demasias do affecto nem sempre são indicadoras da estabilidade que se requer na verdadeira estima. Era ainda ella que dizia:

Se o amor quer ser rogado,
Eu nunca roguei ninguem;
Arrenego do amor
Que á força de rogos vem.

Como vêem, a rapariga tinha principios fixos sobre o assumpto, e os seus aphorismos eram concisos e substanciosos. O que porém atraiçoava um pouco o rigor das sentenças da nossa austera poetisa, era a suavidade dos seus bellos olhos azues! Era d'elles que indiscretamente fallava um desvalido pretendente, cantando:

Quem tiver olhos azues
Bem os deve de estimar;
Olhos azues cá na terra
São custosos de encontrar.

Olhos pretos, e infieis, havia-os por lá em abundancia, por isso os azues e constantes andavam tanto na voga. Dos pretos, que mentiam, ou poucas esperanças davam de lealdade, é que rezam as duas seguintes cóplas:

Os teus olhos, ó menina,
São gentios da Guiné;
Da Guiné por serem pretos,
Gentios não tendo fé.

A outra é esta:

Oh meus olhos de pau preto,
Sobrancelhas de ouro fino!
Não me percas o affecto,
Que eu de ti não perco o tino.

Se ha quem pense que os dotes do espirito são tidos em pouca conta na aldeia, illude-se. Vamos fallar pela bocca de um juiz competente:

Entre a salsa e o coentro
Hei-de dispôr o cebolo,
Mais vale o feio engraçado
Que o bonito sendo tolo.

Como os leitores já devem ter notado, é quasi regra geral nas trovas populares dividirem-se as quadras em dous hemistichios, fazendo cada um d'elles sentido por si, sem relação directa um com o outro, como que para preparar a surpreza do conceito que de ordinario se encerra nos dous versos finaes, o que não impede a harmonia do conjunto, nem perturba a clareza da idéa. Por exemplo:

O loureiro está quebrado,
Por tres partes offendido...
Falla, amor, com quem quizeres
E de mim tira o sentido.

Apesar da differença apparente dos dous primeiros versos d'esta quadra com o seguimento logico do raciocinio, não ha ainda uma certa connexão entre o *loureiro quebrado e offendido,* e o apartamento e despedida, que se annunciam nos dous versos finaes da trova?

De que é este o processo poetico quasi invaria-

velmente seguido pela gente do campo, ahi vai mais um exemplo:

Eu subi ao altar-mór,
Accendi velas no throno...
É bem louco quem se mata
Por amor que já tem dono.

A phraseologia amaneirada do idyllio tem passado até hoje, e continuará ainda a passar, como o ideal da candura e da innocencia pastoril. Não obstante, cuido que não é menos innocente dizer:

Encostei-me ao pecegueiro
E toda me enchi de flôres...
Vejo-me tão pequenina
E já me fallam de amores!

Ou então dirigindo-se a um adventicio que com estudados requebros a pretende captivar, e dos seus haveres lhe falla como de um Potosi a explorar, e cantar-lhe:

Eu hei-de ir á tua terra
Ouvir a missa do dia,
Que tanto me tem gabado
A tua tafularia!

Haverá censor tão austero, que aceitando em

nome das ousadias do lyrismo todas as aberrações do bom senso, se atreva a condemnar (com justiça de mouro) as raras descahidas da musa campesina? Se o ha, pedimos-lhe que não leia a seguinte quadra, em que os dous ultimos versos servem de errata e emenda á jocosidade dos dous primeiros:

Os pratos da prateleira
Sempre estão telim... telim...
No reino do céo esteja
Quem te creou para mim.

Já n'este estudo dissemos que havia nos campos philosophos (se acharem a palavra ambiciosa, chamem-lhes *observadores*), que dos seus commentarios á vida pratica tiravam o assumpto de toda a poesia. Tolentinos de cajado e surrão, a sua analyse é sempre segura, e a manifestação da sua idéa clara e concisa. Vejamos:

Herva cidreira nos campos
É regalo de pastores;
Deitam os gados a ella,
Vão fallar aos seus amores.

Será ou não será philosopho (insistimos ainda na propriedade do termo) quem estuda o intangivel, e até das propriedades do fumo tira as suas conclusões moraes? Pois ponham de parte o talvez pouco

scientifico rigor dos epithetos, e neguem-nos que a seguinte quadra não tenha um certo sabor reflexivo, que nem sempre se encontra nos poetas laureados... pelo folhetim:

> É tão delicado o fumo,
> Que passa a telha dobrada;
> Delicados são teus olhos
> Que captivam de pancada.

O que se tem dito e escripto dos pombos mensageiros, e da sua mestria como corretores aéreos de amorosas correspondencias, pareceria fabula aos incredulos, se a seguinte trova popular não confirmasse a veracidade de como as aves se prestam a ser mudas confidentes de saudades e desejos:

> Ó meu amor, se te fores,
> Escreve-me do caminho;
> Se não houver portador,
> Nas azas de um passarinho.

O despeito, em assumptos amorosos, foi sempre uma das cordas sensiveis do coração da mulher. Se ainda ha calor por baixo das cinzas do affecto que acabou, não é raro vêr salgar com a ironia, ou pulverisar com o sarcasmo, a inconstancia d'aquelle que se deixou esquecer dos juramentos dados. Ouçamos duas queixosas revelando na poesia as tristezas do abandono:

Trocaste-me a mim por outra,
Eu bem sei que me trocaste;
Não se me dava saber
Na troca quanto ganhaste.

Outra:

Já lá vai, já se acabou
O tempo que te eu amava;
Tinha olhos e não via
Na cegueira em que eu andava.

A consolação unica para estes e outros que taes contratempos amorosos, é recordarem-se as victimas da dúvida expressa pela cantiga que diz:

A saudade é toda roxa,
Tem no meio o olho verde:
Quem tem amor não o perde,
Quem o perde acaso o teve?...

Esperdiçar lagrimas com ingratos, para que? A mocidade é breve, e faces que empallidecem e perdem o viço inspiram quando muito a compaixão, e motivam os conselhos d'aquelles que as viram já frescas e rosadas:

Rosa branca, toma côr,
Não sejas tão desbotada,
Que dizem as outras rosas:
Rosa branca não vale nada.

Quem não folga e ri na quadra amena da primavera, antecipa, sem o pensar, as melancolias do inverno. Porque não hão-de as raparigas que se sentem propensas para o desalento, tomar exemplo da isenção galhofeira da outra que cantava:

Chamaste-me amor-perfeito,
Eu não sou tão delicada;
Assim mesmo, bem pensando,
Em ti sou mal empregada.

Nos campos póde-se ignorar que existe a Inglaterra, patria da industria; a Italia, mãi das artes; a Allemanha, berço dos pensadores. Mas o que nas nossas aldeias ninguem deixa de saber é que ha uma terra que se chama o Brazil, aonde se falla a nossa lingua, e onde se enriquece pelo trabalho, quando se não morre na enxerga de um hospital, longe dos seus, e sem o conchego do lar domestico. Feliz, ou infelizmente, o nosso povo vê só o Brazil pelo lado da prosperidade material. A prova está na seguinte quadra de despedida a um rapaz que parte para a America:

Deus te leve a Pernambuco
E de lá venhas tão rico,
Que el-rei da *Divinamarca*
Não possa igualar comtigo.

Deixemos a *Divinamarca* aonde está, e dêmos as nossas ultimas explicações aos leitores.

Damos aqui por terminada a primeira serie d'estes estudos sobre a poesia popular nos campos, dispostos a voltar ao assumpto quando o nosso bondoso e illustrado amigo o snr. Thomaz Ribeiro nos fornecer, como espontaneamente nos prometteu, uma collecção de cantigas dos cegos pedintes da Beira, provincia da naturalidade do distincto author do *D. Jayme*.

Igual promessa nos foi feita pelo nosso amigo o snr. José Maria da Ponte e Horta, benemerito lente da Escóla Polytechnica, e amador consciencioso de assumptos litterarios, especialmente dos que revelam amor ás cousas da terra natal. O snr. José Horta é filho do Algarve, uma das nossas provincias mais por explorar em relação ás artes e á poesia.

Concluirei este trabalho com a seguinte quadra popular, com que apropriadamente me despeço dos meus leitores:

> Vou-lhes dar a despedida
> Como deu o maio á flôr;
> Quem se despede cantando
> Não leva pena nem dôr.

FIM

Gomes Leal

Fim do mundo (sátiras modernas).
Mulher de luto.

Guerra Junqueiro

A Velhice do Padre Eterno, edição ilustrada.
Pátria.
Finis Patriae.
Vitória de França.
Baptismo de Amor.
O Crime.
Lágrima.
Oração ao pão.
Oração à luz.
Poesias dispersas.
Clarões espirituais, no prélo.
Horas de luta, no prélo.

Guilherme Gama

Prosas simples.
Amar é sofrer.

Gustavo Flaubert

Traduções do Dr. João Barreira

Salammbô.
Tentação de Santo Antão.
Educação Sentimental, romance.
Madame Bovary, 2 vol.

João Chagas

História da revolta do Pôrto (obra ilustrada)
As minhas razões.

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.